ILUSTRAÇÃO

O DESESPERO DE AJAX

(Quadro de Garnier — Gravura de Brige)

16-NOVEMBRO-1937 N.º 286 — 12.º ano PREÇO - 5 escudos

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

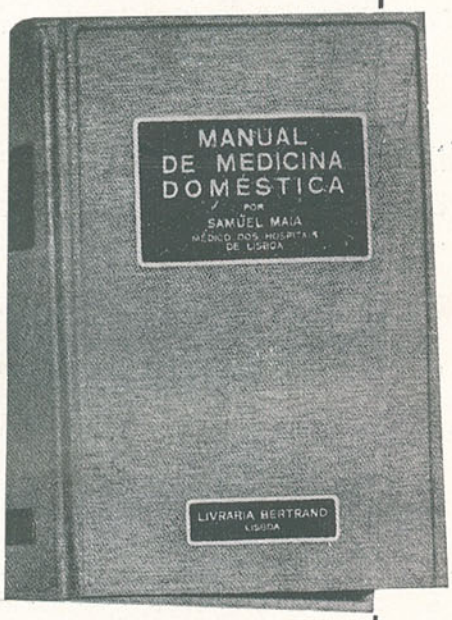
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência.** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente,** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA,** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

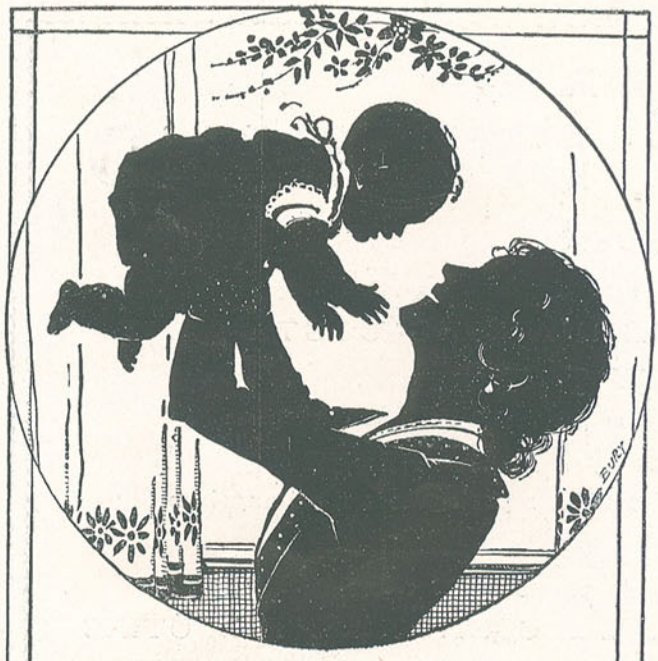
LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 30 – Lisboa
Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Os bébés amamentados são os mais felizes e saudaveis

Todas as mãis que amamentam deviam tomar

'OVOMALTINE'

porque teriam a certeza de poder amamentar o seu filhinho

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata

DR. A. WANDER S. A. — BERNE
ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:
ALVES & C.ª (IRMÃOS) — RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º — LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

Novidade literária

ROLÃO PRETO

REVOLUÇÃO ESPANHOLA

ASPECTOS - HOMENS - IDEIAS

Depoimento sôbre a guerra civil espanhola e o movimento da falange nacional-sindicalista

1 vol. de 214 págs. ilustrado, broc., **Esc. 10$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **Esc. 11$50**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COMO PROTEGER A SUA TEZ DO MAU TEMPO

Acabei de encontrar uma senhora que sai todos os dias, expondo a pele aos efeitos irritantes do vento e do frio. No entanto, a tez parecia tão maravilhosamente fresca a pele tão macia e tão aveludada, que lhe perguntei como, estando constantemente exposta a intempéries, evitava a rugosidade, o endurecimento e as sardas. Eis a sua simples receita:

Aplique o Creme Tokalon. Alimento para a Pele, Côr de Rosa, antes de se deitar. Êle alimenta e rejuvenesce a sua pele durante o sono. Aplique o Creme Tokalon, Alimento para a Pele, Côr Branca (não gorduroso), de manhã. Embranquecedor, tónico e adstringente, suprime os poros dilatados, os pontos negros, e acalma a irritação das glândulas cutâneas. Tôda a senhora ficará surpreendida e encantada do belo aspecto «mat» e aveludado que, por êste método, o Creme Tokalon dá à tez.

Á venda nos bons estabelecimentos.

Não encontrando, dirija-se à

AGÊNCIA TOKALON
88, Rua da Assunção — LISBOA
que atende na volta do correio.

À VENDA O

ALMANAQUE BERTRAND

para **1938**

39.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

Unico no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 422 gravuras, cartonado ..... **10$00**
Encadernado luxuosamente ..... **18$00**
Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LIVROS DE ESTUDO

para o ensino infantil, primário, secundário, superior e técnico

NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Livros de Medicina

Livros de Direito

LIVROS COMERCIAIS E INDUSTRIAIS

Dicionários portugueses

de Cândido de Figueiredo,
Biblioteca do Povo e outros e de tôdas as linguas

TODOS OS LIVROS DE ENSINO

para os liceus, escolas infantis, primárias, secundárias, superiores, técnicas e comerciais, e todos os

LIVROS DE LITERATURA

de todos os editores, tanto nacionais como estrangeiros, são remetidos à cobrança para todos os pontos do País, e encontram-se à venda na

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

VIAGENS EM ESPANHA

POR **JÚLIO DANTAS**

Á VENDA O 3.º MILHAR

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mósen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princezas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosalia — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A língua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bárzia — Toledo e o "Greco" — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata..... **12$00**
Pelo correio à cobrança... **14$00**

Pedidos aos editores: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Dicionários escolares

Redução de preços dêstes Dicionários para auxiliar a população escolar

DICIONÁRIOS DO POVO na ortografia oficial, portateis, economicos, completos, em volumes encadernados

Português — 860 págs.	**12$00**
Francês-Português — 800 págs.	**13$50**
Português-Francês — 818 págs.	**13$50**
Inglês-Português — 920 págs.	**13$50**
Português-Inglês — 644 págs.	**13$50**
Latim-Português — 1.128 págs.	**25$00**
Francês - Português e **Português-Francês,** num só volume	**25$00**
Inglês-Português e **Português--Inglês,** num só volume	**25$00**

Os melhores e mais baratos

Fazem-se remessas à cobrança

À VENDA NAS LIVRARIAS

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 — LISBOA

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena raínha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado ... **Esc. 8$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A LEITURA DELEITA E INSTRUE

Deve pois facilitar-se a aquisição dos bons livros

A LIVRARIA BERTRAND

vai continuar a venda a prestações das boas obras conforme já iniciou com a **HISTÓRIA UNIVERSAL,** de *G. Oncken,* para o que estabelecerá um sistema especial de vendas que denominará de

Crediário Cultural

Por êste sistema, — novo processo de vendas adoptado nalguns países da Europa e especialmente da América, — contribui-se para a cultura dum povo, facilitando-se a aquisição das obras dos mais notáveis autores.

Prestações mensais desde vinte e cinco escudos segundo a importância da compra, **sempre com a bonificação do sorteio e com direito à escolha de obras mencionadas em catálogo especial.**

Dentre outros autores figuram nesse catálogo as obras dos seguintes:

Alexandre Herculano, João de Deus, Conde de Sabugosa, Júlio Dantas, Antero de Figueiredo, Eugénio de Castro, Aquilino Ribeiro, Agostinho de Campos, Maria Amália Vaz de Carvalho, Pinheiro Chagas, Júlio Deniz, Samuel Maia, Afonso Lopes Veira, Albino Forjaz de Sampaio, Sobral Cid, Eduardo Coelho, Gonçalves Viana, Cândido de Figueiredo, Henrique Lopes de Mendonça, Camilo, Trindade Coelho, Rebelo da Silva, Malheiro Dias, João de Barros, Sousa Costa, João Chagas, António Feijó, Wenceslau de Morais, Vitorino Nemésio, Teixeira de Pascoais, António Patrício, António Cabral, Manuel de Sousa Pinto, Asdrubal de Aguiar, Eduardo Noronha, Alberto de Oliveira, Raul Brandão, Paulo Barreto (João do Rio), Vitor Hugo, Júlio Verne, Alexandre Dumas, Blasco Ibañez, Guido da Verona, Maryan, Marden, Zolá, Amicis, Mirbeau, Dantec, Benoit, Bourget, etc, etc.

Interessantes colecções como a da *Biblioteca de Instrução Profissional, (mais de 50 volumes), Antologia Portuguesa, Antologia Brasileira, Colecção Familiar P. B. (romances morais próprios para meninas e senhoras), Biblioteca de Filosofia Científica, Colecção de viagens maravilhosas (80 volumes), Dicionários do Povo (para várias línguas), etc.*

Monumentais edições como a da *História da Literatura Portuguesa, 3 volumes, Pupilas do Senhor Reitor, edição de luxo com magníficas gravuras de Roque Gameiro, Orlando Furioso, Tojos e Rosmaninhos, etc., etc.*

Entrega imediata das obras contra o pagamento da 1.ª prestação

Uma boa colecção de obras de grandes autores dá categoria a quem a possue.

Peçam informações à

LIVRARIA BERTRAND

A mais antiga livraria de Portugal

Rua Garrett, 73 — LISBOA

Horas sem sofrer...
Horas felizes

A alegria de viver da mãi reflecte-se fielmente no rosto da criança. Por isso, devem todas as mãis inculcar indelevelmente no ser da criança a expressão viva da sua alegria natural e evitar a dôr. E é tambem tão simples levar uma vida sem dôres com a

Cafiaspirina

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., **17$00**; broc., **12$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73. R. Garrett, 75 — Lisboa

Estoril-Termas

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico

PARQUE DO ESTORIL
ABERTO TODO O ANO

Banhos de água mineral e de água do mar quentes, Banhos CARBO-GAZOSOS, Duches, Irrigações, Pulverizações e Inalações, etc.

ONDAS CURTAS. DIATERMIA. Raios Ultra-violetas e Infra-vermelhos. Electricidade médica. MECANOTERÁPIA e Maçagens.

MAÇAGISTAS ESTRANGEIROS ESPECIALIZADOS
CULTURA FÍSICA
AQUECIMENTO CENTRAL

Consulta médica das 9 às 12 — Telef. E. 402. (P. B. X.)

GOTOSOS E REUMATICOS
Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o
ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra
a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos
e todas as dôres de origem arthritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.
À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

À VENDA

AQUILINO RIBEIRO

O GALANTE SÉCULO XVIII

Textos do CAVALEIRO DE OLIVEIRA

1 volume de 324 págs., broc. . . . . **12$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 9.ª edição

D. PEDRO E D. INÊS

«O GRANDE DESVAYRO!»

Romance por ANTERO DE FIGUEIREDO

1 vol. de 324 páginas, brochado, com capa a côres e ouro, Esc. **12$00**; pelo correio à cobrança, Esc. **14$00**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

N.º 286 — 12.º ANO
16-NOVEMBRO-1937

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

OS QUARENTA E OITO ANOS DA REPÚBLICA BRASILEIRA

15 DE NOVEMBRO DE 1889

Há quarenta e oito anos que foi proclamada a República no Brasil. O imperador D. Pedro II não fôra colhido de surprêsa. Seguia resignadamente, como um filósofo que era, as evoluções dos seus adversários. Meses antes abolira a escravatura em todo o seu vasto império, julgando ter realizado uma das mais gratas aspirações humanas. Se êste decreto constituiu a sua maior glória, foi também a sua perda. Se por um lado, as almas nobres aplaudiam esta medida civilizadora, por outro surgia o ódio do capital que no tráfico de homens tinha o maior dos seus interêsses. D. Pedro II empreendera uma das suas viagens à Europa, e, muito habilmente, deixou sua filha D. Isabel como regente do Império, para que fôsse ela quem referendasse o decreto libertador. Mas a pobre senhora não estava à altura de semelhante encargo, visto ter muito da sua trisavó D. Maria I. Isto servia admiravelmente aos inimigos do império.

Se, por morte do velho imperador, lhe devia herdar a coroa, mal iria o Brasil em tão débeis mãos. Além disso, o esposo da princesa, o conde de Eu, tinha as maiores antipatias. Acusavam-no de ganancioso e até inimigo do povo brasileiro. Tudo isto preocupava o soberano que, talvez para contentar a parte liberal do País, quiz que o decreto abolicionista fôsse assinado por sua filha.

O fim da escravatura foi festejado entusiasticamente em todo o Brasil, enquanto os inimigos do Império preparavam a revolução. A política interna, em face dessa medida redentora, assanhou-se ferozmente. As opiniões dividiam-se cada vez mais. O elemento republicano, engrossado com os descontentes, conspirava. D. Pedro, sabedor de tudo o que se passava, limitava-se a observar. O Govêrno, presidido pelo visconde de Ouro Preto, não tinha energias para se opôr à torrente revolucionária.

Um dia, as tropas saíram para a rua no propósito de forçar o Govêrno a demitir-se. À frente do movimento vinham Deodoro da Fonseca, Benjamim Constante, Quintino Bocayuva, Ruy Barbosa e outros elementos de alto prestígio.

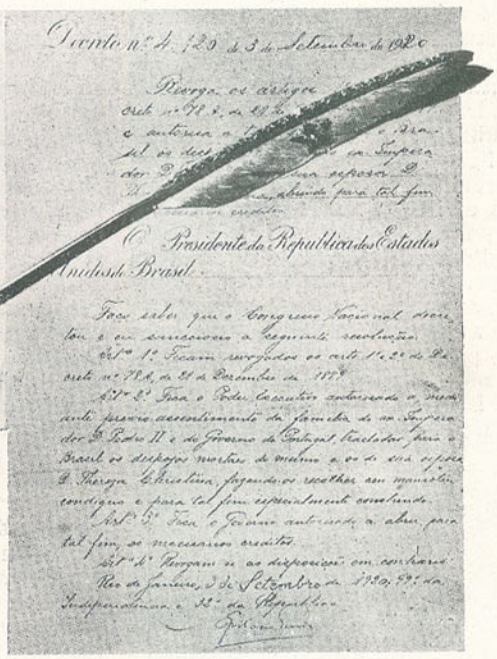
Nessa altura, os revolucionários reconsideraram. Que iam fazer? Provocar a queda dum ministério? Mas seria esta a solução? E se proclamassem a República? E, se em vez de tombarem um ministério, destituíssem um monarca?...

E, rapidamente, a mudança de instituïções realizou-se sem que ninguém ousasse contrariar a atitude dos revoltosos. Apenas o barão do Ladário, ministro da Marinha, foi ligeiramente ferido pelas tropas revolucionárias. Surpreendida pela notícia, a família imperial ficou como que fulminada. Só o imperador se mostrava calmo. Sabia tudo. Ainda assim, calculava que o deixassem morrer primeiro... e já não faltaria muito...

Sempre o mesmo visionário!

Proclamada a República, o Brasil tem seguido na esteira da civilização, ao lado das nações mais adiantadas.

E, para se avaliar a generosidade do coração brasileiro, ainda não tinham decorrido trinta e um anos sôbre a expulsão da família imperial, e era já publicado um decreto, abolindo o seu banimento!



D. Pedro II e a sua família, dias antes da proclamação da República em 1889. — O decreto de 1920, revogando o banimento da família imperial. Em baixo: *o major Solon entrega a D. Pedro II a mensagem do Govêrno Provisório*

ENCANTOS DE LEIRIA

Breve digressão através desta cidade encantadora

O Santuário da Encarnação

É muito pitoresca esta capital estremenha. Colocada no centro de um formosíssimo vale, sem atavios monumentais, a natureza dispensa-a dos embelezamentos arquitetónicos. Circundada em quási todo o seu perímetro por uma dupla muralha de colinas, sempre verdejantes, sentimos aqui um certo alheamento que tonifica o espírito, fóra das agitações dos grandes aglomerados.

Em dez minutos de caminhada normal, irradiando para qualquer ponto do centro citadino, encontramo-nos em plena floresta resinosa, apenas aqui e além com uma clareira de vinhedos, campos de milho, pequenas hortas e pomares, destacando-se também, por vezes, os olivedos, com seu acinzentado, a desmonotizar o verde-escuro dos pinheiros.

A toponímia citadina revela apreciável culto histórico. Nas suas esquinas, nomes de grandes navegadores, guerreiros, poetas, escritores, lutadores do ideal e de outras figuras que o sentimento cívico manda recordar aos vindouros. Assim se mantem e afervora aqui uma bela tradição de progresso e de conquista do bem estar colectivo, no equilíbrio construtivo dos povos.

Na parte antiga do velho burgo, constituindo a sua quási totalidade, e denotar mais o progresso rural que o urbano, apenas meia duzia de prédios com apalaçadas fachadas. O mais, são casas de sólida mas empobrecida construção, aco-

Pórtico da Igreja de S. Pedro

tovelando-se no emaranhado das ruas estreitas, ziguezagueantes, estratègicamente defensivas, na vertente lèste e sul do acastelado môrro, temendo abandonar a sua protecção. E, logo a seguir, o idílico Liz, que serpenteia por entre os montes frondosos, desenhando curvas graciosas na planície mimosa que segue para o norte e oeste, envolvendo a cidade num carinhoso abraço, que se completa lá em baixo com a junção do Lêna, seu afluente.

* * *

Gosto dos panoramas extensos e das paisagens dilatadas, em que o horisonte me vence o gráu visual, e que teimosamente me tem custado fatigantes caminhadas, nos acidentados cumes dos serros, sempre no desejo insaciável de admirar os prodígios da natureza, até onde a vista alcance. Não é fácil a tarefa aqui. Andados quilómetros e quilómetros, em todos os sentidos, nas ladeiras íngremes e declivosas das estradas e caminhos, sempre novos cortinados se me deparam.

Para conseguir meu fito, subo então ao castelo. Dali, sim, que abarco uma circunferência que, se não é muito vasta, me fica indelèvelmente na retina, pelo seu formoso colorido e maravilhosos cambiantes de luz. São inesquecíveis, do alto da sua bela torre de menagem, de linda dentadura ameada, as luminosidades que oferece. Manhã cêdo, a várzea mimosa que o sol nascente clareia, de um pálido atraente, reflectindo-se nas águas adormecidas do rio, ao longo do qual gemem, dolentes, as rodas pesadas das azenhas bucólicas, que não fôram ainda estranguladas pela moagem fabril. De tarde, o disco luminoso, caindo lento por detraz do pinhal longinquo, avolumando-se na rutilação viva que gradualmente se doira e purpureia, banhando então de tôdas as maravilhas do colorido os cumes opostos, até que, num soberbo matiz de azul carminado e verde-claro, se despede, na rota interminável da sua trajectória eterna. Lá no fundo, para sudoeste, os cimos já escuros da serra que nos esconde a Batalha, evocam no meu espírito o teatro heroico que outrora foi tôda esta região histórica, na luta áspera da independencia pátria e da formação da nacionalidade. E, por uma conexão de pensamentos, vejo perpassar as figuras de Afonso Henriques, D. Deniz, do Mestre de Aviz, João das Regras e Nuno Alvares, que ao castelo leiriense tantas vezes se acolheram, sobressaindo, na sua grandeza de mulher e nos sofrimentos de mã e eespôsa, que curtiu no paço da medieval fortaleza, a sombra gentil de D. Isabel, duplamente santa.

* * *

Abundavam por aqui os conventos, propícia que foi a região para as ordens monásticas, sobretudo desde que o fundador do reino chamou a Portugal os cistercienses, para lhe edificarem o mosteiro de Alcobaça, tantos séculos cabeça espiritual e mesmo temporal dêstes povos, submetidos às grandezas dos afamados e lautos monges. Mas pobres de arquitetura todos êles. No de S. Francisco, está agora funcionando uma fábrica de moagem, ficando apenas a igreja, para o culto raro de uma vez por mez, a-fim-de não perder a posse. No de Santo Agostinho, um regimento de infantaria, com a igreja utilizada como refeitorio, ante os protestos de alguns que ainda se interessam pelas coisas históricas da cidade. De recentíssima construção, datando apenas de 1910, um outro varatojano, que não foi terminado, e que agasalha agora sessenta menores orfãos ou abandonados e uma dúzia e meia de velhos inválidos, a expensas do distrito. Tenho para mim que mais útil é agora o edifício, preparando para a vida a mocidade deserdada e assistindo aquêles que não tiveram lugar no banquete da existência, em vez de, nas paredes fechadas à luz do progresso, se estiolarem uns tantos que só da morte nos falariam. A menos de meio ficou a torre projectada do convento inacabado, parecendo que o seu risco era de molde a ela ombrear com a mais alta torre de menagem do castelo, aproveitando-se a eminência do terreno em que se começou.

Faz pena ver o abandono em que se encontra o mais antigo monumento da cidade, a igreja de S. Pedro, de soberbo pórtico romano, já muito deteriorado, pelos ventos salitrosos, que os pinhais não côam suficientemente. Numa bela monografia sôbre os monumentos leirienses, de pasciente investigação histórica e documental, o sr. dr. José Saraiva, ilustre professor do liceu local, guia-nos, com erudita mèstria, na apreciação dos lavores esculturais daquela joia, já muito apagados. Doeu-me, sobretudo, vêr que, recentemente, no telhado se usou telha marselhesa, no louvável propósito de uma comissão protectora dos edifícios, dignos de conservação, salvar das ruínas totais as relíquias arquitetónicas do passado, mais pelo seu valor histórico do que ornamental. De caminho, direi que tambêm no vagaroso restauro do castelo, obras estas que conviria dotar magnanimamente, pelas tradições que êle encerra, avançando mesmo na reposição do que era, até onde fôr possível, nem sempre há aquela harmonia que seria para desejar.

No topo de uma colina fronteira à cidade, o santuário da Encarnação, com dupla escadaria, em lanços, a semelhar o Bom Jesus de Braga, mas notando-se a falta rigorosa de alinhamento desta com a linda capela, tendo seu vistoso alpendrado, em volta, de esbelta arcaria. Sem pretensões arquitetónicas, é, contudo, um mimo de decoração, no vistoso revestimento de azulejos de bem combinadas côres, do gosto setecentista. Tecto lindissimo, vendo-se na capela-mór uma cúpula elegante que envolve em suave luz o mimoso recinto. Talvez com um pouco de bairrismo, agora que centenas de camionetas levam, por todo o verão, muitos milhares de turistas, em correrias que às vezes mais cansam do que ilustram, se conseguisse ali uma romaria popular que as comodidades locais fariam triunfar. Lembremos que tais devaneios do povo, servindo às vezes a crença, são um meio ótimo de folguedos e diversões.

Também, como o santuário, dos fins de quinhentos, a catedral, de pobríssima fachada, que não demonstra certa imponência das suas três naves, formadas por duas ordens de fortíssimos pilares, de secção cruciforme, com seu transepto. Nos altos tectos abobadados, cruzam-se arriscadas arcarias, de complicada nervura que se destaca pelo seu acinzentado escuro na alvura da cal, partindo umas das dez colunas centrais para cada lado e centro, e as outras saindo das pilastras correspondentes das paredes laterais do templo. No transepto, com a mesma profusão curiosa da singela mas frondosa arcaria, quatro capelas, duas das quais, no seguimento das naves laterais, são de bela arquitectura, posto que pobres de ornamentação. A capela-mór, de abóbada redonda, em caixões apainelados, ostenta um retábulo em que, no dizer do sr. dr. José Saraiva, trabalhou o pintor Simão Rodrigues, que em Coimbra deixou outros testemunhos do seu talento.

Ao que parece, as riquezas artísticas da sacristia leiriense, hoje muito desprovida, assim como as alfaias de valor que existiam no paço episcopal, foram para Coimbra ou arrebanhadas pela invasão francesa.

Não vi o claustro, em volta do qual se alinham algumas construções que outrora estavam afectas ao cabido, numa das quais a interessante biblioteca municipal, com seus vinte e cinco mil volumes, numa sala cheia de luz, a que dá acesso elegante escadaria abobadada, com degraus marmóreos rosados. Ali está também o começado museu, que não tive ocasião de ver.

No antigo paço episcopal, está agora instalado um regimento de artilharia, sendo digna de nota a sua bela posição, na vertente leste do castelo. Curiosa a igreja da Misericórdia, cujo hospital, também num amplo edifício isolado, dispõe de magníficas enfermarias. Quando o visitei, procedia-se ali ao acabamento das obras para instalação de três salas para os serviços de grande e pequena cirurgia, com os anexos próprios.

Muito próximo, também na margem direita do rio, um posto magnífico da Assistência Nacional aos Tuberculosos, de completas instalações e apetrechagem. Nos elementos estatísticos que me foram amàvelmente fornecidos, notei que a mortalidade pelo terrível morbo não é ali muito grande, com os meios de combate que se usam nos atacados que aparecem. Um lactário e uma creche, em que as crianças são alimentadas, vigiadas e tratadas, revelam o louvável propósito de defeza da infância local.

* * *

Com justificado aplauso, assisti, num bom serviço montado pela Polícia de Segurança, à análise do leite para consumo público, e que não pode ir sem por ali passar, em bilhas seladas. Não é obrigatória a apresentação naquele laboratório do azeite, manteiga, banha, vinhos e vinagre, mas os comerciantes conscienciosos, que bem querem servir o consumidor, sem os riscos das multas pela fiscalização respectiva, também a preços modicíssimos ali podem mandar fazer as análises, o que muitos já praticam. Quando é que Lisboa, numa imperiosa defeza da primeira infância, cuja mortalidade continua assustadora, cuida dêste problema? Creio que não seria muito difícil.

Leiria tem municipalizados os serviços de água e de luz eléctrica, aproveitando-se, quando pode ser, para esta, as águas do rio. Não é tão cara como poderia parecer, dado o ainda pequeno número de consumidores, o que acontece com a água.

Belos os paços do concelho, em vasto edifício próprio, acabado no alvorecer da República. No amplo salão das sessões, a trilogia da Revolução Francesa, lavrada nas portas que lhe dão acesso, a recordar o romantismo de gerações passadas, que hoje são ridículas no grosseiro materialismo que o *post-guerra* trouxe.

Em matéria de ensino, além do liceu, já pequeno, para os seus duzentos e cinqüenta alunos, em edifício próprio e bem situado, há uma escola agrícola, a expensas do distrito, e outra comercial e industrial, esta largamente frequentada, havendo eu tido ocasião de notar um soberbo torso esculpido por um aluno, afora outros trabalhos na pedra, a revelarem boas tendências que convém estimular e aproveitar.

* * *

Grupos de lavadeiras, saias pelo joelho, a pés nús, batem, mesmo pela noite avançada, a roupa em pleno rio. Estranhei, por isso, a falta de lavadouros adequados que as preservem de achaques futuros. Grupos maiores ainda, na chamada fonte quente, saindo a água abundante de uma colina, a labor igual se entregam, também em plena corrente. Na passagem por ali, a visitar uma piscina primitiva de tais águas, a módico preço municipal por banho público, na crença de muita gente de elas serem boas para

Galilé da Encarnação

os males da pele, defendo um pouco os ouvidos, contra a linguagem pitorescamente livre das lavadeiras, nos intervalos das suas canções dolentes. E agrada-me aquilo, num à vontade com que ali topamos, sem as postiças delicadezas vulgares.

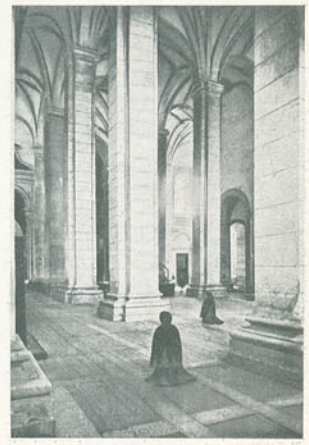
* * *

Movimentam-se as balsas e dornas que os bois de meigo olhar carream pelas estradas e caminhos. Estamos na faina da vindima, primeiras manifestações do Outono morno que se aproxima, quando a folhagem doira fulvamente os caminhos. Há também já preparativos para a apanha da azeitona, continuada ainda pelo aproveitamento do fruto saboroso do castanheiro. Colhidos os milhais tardios que nas terras verdes completam a maturação já lenta, a natureza concede então à terra-mãe o merecido repouso de um sono, para recomecar, quando o sol voltar a subir mais no firmamento, a sua faina incessantemente criadora. Mas não sem que, mesmo adormecida, deixe de ir laborando novas vidas que acalenta nas suas entranhas generosas.

Só para mim, que não tenho já sequer outono, o inverno da existência, cada vez mais frio, não terá a rotação primaveril de uma esperança.

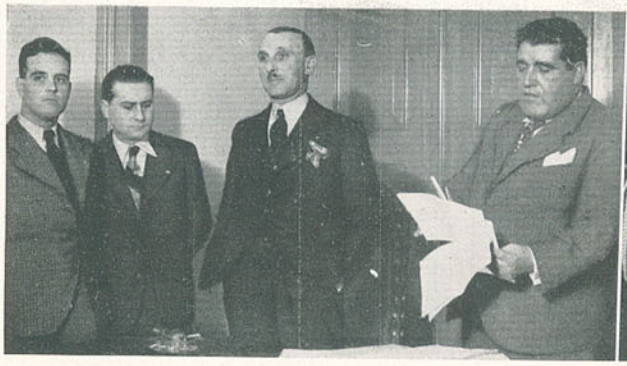
Leiria — Outubro — 1937.

DOMINGOS DA CRUZ.



Aspecto das naves

ACTUALIDADES DA QUINZENA



O chefe do distrito presidindo ao cerimonial da posse dos vogais eleitos para as novas juntas de freguesia de Lisboa. A gravura acima apresenta o sr. Raimundo Alves, chefe de repartição do Govêrno Civil lendo a acta da posse dos membros das Juntas. — *A' direita:* A mesa que presidiu à sessão inaugural do novo ano lectivo na Escola Central de Oficiais, de Caxias, vendo-se à esquerda o director, general João de Almeida, discursando

O sr. governador civil de Lisboa presidindo à sessão solene dos Bombeiros Voluntários da Ajuda para entrega de diplomas e medalhas. Usaram da palavra os srs. Carlos Vicent, Carlos de Carvalho, Alves Salgado, conde de Lagos e padre António de Sousa. — *A' direita:* O sr. Presidente do Conselho com os srs. ministro da Alemanha e adido militar, general Kuhllenthal que lhe foram entregar uma bandeira portuguesa encontrada no campo de batalha do Lys

Um aspecto da romagem junto ao túmulo do dr. António José de Almeida. A-pesar-da chuva impertinente que caiu durante todo o dia, os admiradores sinceros do saüdoso estadista não desistiram da sua piedosa missão ficando o túmulo completamente juncado de flores

CASTIGLIONE — A DIVINA

HISTÓRIA DUMA MULHER QUE SÓ GOSTAVA DE SI PRÓPRIA

A Condessa de Castiglione

Foi na romântica Florença — a cidade dos lírios, engrandecida pelos Medicis da Renascença, onde cada um dêsses verdadeiros templos de arte, que são os seus palácios, traz à memória uma dramática ou poética legenda — que nasceu e passou uma parte da sua mocidade Virgínia Oldoïni, aquela que, pela sua "beleza mais do que humana", como diziam os artistas, foi proclamada *divina* por todos os florentinos.

Esse título — o mesmo com que outrora, no tempo do Império romano, os jovens tribunos aclamavam a mais formosa das patrícias que passavam na Via Appia, guiando as suas esplêndidas quadrigas, ou assistiam, envoltas nos seus alvos *peplums* de pregas esculturais, aos combates dos gladiadores nos anfiteatros, ou, coroadas de violetas e revestidas de níveas túnicas de gaze transparente como o ar, através do qual o corpo parecia nadar por entre espuma tecida, se embriagavam de falerno e de volúpia nos báquicos festins nocturnos — êsse título de *divina* acertava maravilhosamente em Virginia Oldoïni, não só pela sua olímpica beleza como pela sua mentalidade pagã. A bela florentina possuia, de facto, todos os defeitos e todas as brilhantes qualidades dessas patrícias romanas, verdadeiras sacerdotisas da Arte e do Amor que passam na obra de Petrónio.

Noutros séculos, com o seu egoísmo, insensibilidade, ambição, espírito requintado e entusiástico culto pelo belo, Virgínia Oldoïni teria sido uma outra imperatriz Poppéa. Como a famosa esposa de Nero, a rosa de Florença era uma dessas mulheres, tipo de garridice ambiciosa, cujos excessos não são desculpáveis pelas paixões, visto que só de si próprias gostam e a si próprias amam. Podia-se mesmo afirmar a seu respeito: Virgínia Oldoïni não tinha outro culto senão o da sua beleza e outro cuidado senão o de assegurar o império dos seus encantos. Preferia morrer a ver-se privada do ceptro de realeza a que a sua incomparável formosura lhe dava direito.

Se lhe tivessem dado a escolher, ela preferiria ter vivido nêsses tempos grandiosos, em que as mulheres usavam trajos de vaporosa musselina copiados pelas vestes das deusas. As saias de balão e os chailes de cachemira do século XIX, que ocultavam avaramente nas suas dobras a académica perfeição dos corpos de ninfa como o seu, pareciam ridículos e desgraciosos á alma de artista, ávida de beleza e admiradora da nudez da *Divina*.

Queria ser ela o árbitro das elegâncias da Europa, poder ditar as modas femininas, fazer compreender à mulher o crime de lesa-beleza que cometia por ocultar as graças dum corpo tão perfeito como o da Venus de Medicis sôb a cúpula imensa duma saia de balão, em vez de envergar trajos que revelassem a pureza das linhas.

O maior prazer dessa alma pagã era encerrar-se sòzinha nos seus aposentos, despojar-se desses vestidos absurdos que amorteciam os seus encantos, e, semi-nua, em frente do espelho, cuja alta superfície de cristal reflectia o marmore incomparável do seu corpo, enlevar-se em si própria como um Narciso.

Soltava as suas longas tranças perfumadas que lhe cobriam a maravilhosa nudez dum soberbo manto real, e surgia como uma dessas dríades deliciosas que os poetas da antiguidade cantavam nos seus versos.

Revestia-se duma túnica subtil semelhante à das espartanas, colocava na fronte um crescente de diamantes, empunhava um arco, e era Diana, uma Diana tão formosa como a de Goujon.

Envolvia-se artisticamente, a partir dos quadris, numa musselina branca como a neve, e era a deusa das paixões cantada por Homéro — a Vénus soberana do Mundo!

Poucos espelhos se poderiam orgulhar de ter refletido, no límpido cristal da sua superfície, uma tão radiosa, tão fascinante, tão verdadeira, realmente divina imagem de mulher como aquela!

Tudo na nobilíssima descendência dos marqueses Oldoïni, desde a patrícia elegância do seu corpo estilizado de madona florentina, até o seu rosto que dir-se-ia esculpido pelos mais puros cinzeis da estatuaria antiga, era belo, perfeito, harmonioso na mais singular acepção da palavra.

Estava-se no tempo do Romantismo, no século dos versos de Musset e das valsas de Chopin, em que uma mulher, para ser considerada perfeita, tinha de ser pálida, divinamente pálida como um busto de marmore banhado pelo luar. A Natureza, tão avara para uns quão pródiga para outros, concedera também a Virgínia Oldoïni essa carnação exigida pelos árbitros da beleza de então. O seu rosto apresentava essa palidez ebúrnea sonhada pelos poetas do Romantismo dos meados do século XIX. No meio de toda essa diáfana alvura, a boca, admirávelmente desenhada, de lábios carminados e finos, destacava-se como bela flor rubra entreaberta, provocando o beijo. Os olhos que exprimiam uma doçura infinita eram azuis, não dêsse azul pálido tão comum entre as loiras filhas de Albion, nem tão pouco dêsse azul aço, repleto de fulgurações metálicas, peculiar nas iris eslavas, nem ainda dêsse azul glauco próprio das pupilas dos normandos descendentes dos vikings, mas dêsse azul sombrio profundo, violácio, tão raro e difícil de encontrar. Dir-se-iam duas maravilhosas safiras engastadas em alabastro. Tranças aneladas, dum lindo castanho dourado, quási fulvo — a tonalidade idealizada pelos artistas da Renascença — coroavam a sua pequena cabeça como um diadema.

Era bem a *Divina*, como lhe chamavam os florentinos, a bela das belas, a mais formosa mulher de Itália e — dizia-se — da Europa!

Falava-se da sua beleza como outrora se falara nos encantos da lirial Beatrice Portinari, da suavíssima Mona Lisa, da perversa Lucrecia della Fede; mas o que valeriam a inspiradora do Dante, a amada de Leonardo e o anjo mau de Andrea del Sarto junto da divina Oldoïni?

Durante horas e horas, Virgínia perma-

Victor Emanuel II, de Itália

necia em frente do espelho, o seu mais querido amigo, o seu mais íntimo confidente, olhando-se, inspeccionando-se, admirando-se enlevada na contemplação da sua imagem, quási apaixonada por si própria com mais razão talvez que o auto-enamorado da Fábula.

Um sorriso de triunfo aflorava-lhe aos lábios, descobrindo a maravilhosa fileira de pérolas dos seus dentes, ao ver a radiosa figura que o espelho refletia.

O espelho dizia-lhe que era linda, tão linda como o sol, como uma deusa, que mulher alguma poderia rivalizar com ela em formosura e encanto, que era digna do amor dum rei...

Não iam longe os tempos, em que, apoiada unicamente na sua beleza, Bianca Cappelo subira ao trono dos grão-duques da Toscana, e Virgínia, a ambiciosa Virgínia Oldoïni, sonhava também com um rei, ou um principe soberano que lhe colocasse na sua olímpica fronte um diadema real, ou, pelo menos, ducal...

Mas em Florença não havia reis, e como a mãe — a indolente marquesa Oldoïni — e o avô — o célebre advogado e jurisconsulto italiano António Lamporechi — embora prontos a satisfazerem-lhe todos os caprichos e exigências, tais como um camarote na Pergola e a mais luxuosa das carruagens com a melhor parelha de Itália para, ao crepúsculo, passear no Boboli, não estivessem dispostos a ir mostrá-la através das diferentes côrtes da Europa, Virgínia viu assim fugir-lhe qualquer possibilidade de vir a cingir um diadema principesco, e teve de se contentar em ser o ídolo da Florença.

Jámais mulher alguma foi tão adulada como ela desde a infância. Um dia (tinha Virgínia seis anos) passava uma procissão, quando, ao chegar a determinada rua, todos os componentes do préstito se detiveram, esquecidos da solenidade da ocasião, para olharem admirativamente a deliciosa criança que, do alto duma rendilhada *loggia* do palácio Oldoïni, lançava flores sôbre a Madona. Os próprios frades, sacerdotes e bispos sorriram ao ver aquela celestial visão e passaram, depois de haverem traçado na direcção da sua pequenina cabeça loira um gesto de bênção.

Aos doze anos, já uma perfeita mulher — as flores desabrocham cedo sob o radioso firmamento da bela Itália — sentada no seu camarote na Pergola, a *signorina* Oldoïni aparecia, com o seu vestido de musselina branca e um cravo vermelho nas tranças, ou então com o seu trajo de setim azul da côr das suas pupilas de safira e uma rosa branca ornando-lhe os cabelos, como a viva alegoria da mocidade e da beleza, aos olhos dos artistas e dos *galantuomos* florentinos.

Não houve nenhum homem em Florença, titular, oficial, estudante ou banqueiro, que não acorresse, devairado pela paixão, a queimar incenso aos pés da Vénus Oldoïni, mas todos, um a um, depois de terem em vão tentado obter um sorriso da deusa, se retiravam desesperados.

A causa de tamanha insensibilidade resumia-se num facto muito simples. Sob aquêle invólucro adorável debalde se procuraria coração ou alma. A bela Oldoïni não era de modo algum, uma sensual ou sequer uma amorosa. Apenas se idolatrava a si própria e á sua beleza, de modo que, os veementes protestos dos seus apaixonados de maneira nenhuma a impressionavam.

Um dia — contava a filha dos marqueses de Oldoïni quinze anos — chegou a Florença um joven titular italiano nobre como um Farnésio, rico como um Borghese e belo como um Antinous. Chamava-se Francesco Vesaris, era conde de Castiglione de Castigliola d'Asti e deixara Londres, a cuja embaixada pertencia como adido, para correr à antiga cidade dos Médicis unicamente no intuito de conhecer a célebre *Divina*. Castiglione era um moço original de vinte e dois anos que, se possuira duma fantasia singular. Grande adorador do belo, jurara a si próprio que não desposaria senão a mais formosa mulher do seu tempo, e, como o conde Waleski, embaixador da França, em Londres, lhe assegurara que encontraria Vénus encarnada na pessoa da filha do marquez de Oldoïni, deixara os nevoeiros do Tamisa, para vir procurar a tão desejada noiva, nas margens do Arno.

Ao primeiro encontro com a *Divina*, Castiglione ficou loucamente apaixonado e, acto contínuo, foi pedi-la em casamento ao velho Lamporecchi, mas, como os outros pretendentes, recebeu uma firme, embora polida recusa. A Rosa de Florença sentia-se cada vez menos disposta a deixar-se prender nas cadeias do himeneu e ficou completamente insensivel à beleza e encanto desse cavaleiro admirável que, montado nos seus esplêndidos corceis de raça, elegantíssimo no seu uniforme, perturbava a imaginação de todas as grandes damas da cidade, depois de ter exercido idêntico domínio amoroso nas loiras e aristocráticas *ladies* de Inglaterra.

Porém, o conde não se deu por vencido e continuou a sua côrte.

Debalde Virgínia o aconselhou a afastar-se, dizendo-lhe, com a maior franqueza, ou antes com a maior brutalidade, que não o amava, nem nunca poderia vir a amá-lo, pois não sentia por êle a menor simpatia e que era melhor dedicar-se a outra mulher. O moço diplomata não desistiu. A cada recusa que a joven Oldoïni lhe infligia respondia sempre que não se importava que ela não o amasse, visto que o seu único interêsse, desposando-a, era fazer a mais linda mulher do seu tempo condessa de Castiglione.

Estas palavras constituem, evidentemente, uma espirituosíssima *boutade*. O conde enganava se, julgando a *signorina* Oldoïni uma criança caprichosa e amimada. Ao contrário, ela era uma mulher, uma mulher sem coração, sem alma, enfim uma mulher — e das mais perigosas. Mas Castiglione, louco de amor pela *Divina*, convenceu-se de que todo aquêle gêlo desapareceria ao calor das suas carícias, e voltou a insistir nos seus pedidos.

Perante semelhante insistência, Virgínia reflectiu e chegou à conclusão de que a velha Florença era um horizonte indigno duma estrêla de primeira grandeza como ela; que necessitava dum ambiente vasto e requintado como Roma, Madrid, Paris ou Londres; que a relativa modéstia do palácio Oldoïni lhe não convinha de modo nenhum e que seria difícil encontrar em toda a Europa um imbecil tão nobre, tão rico, e tão apaixonado como o conde de Castiglione. Afinal, pensando bem, aquele homem, verdadeiro boneco de cera branda que ela modelaria a seu bel-prazer, era um marido ideal!

O casamento realizou-se, por fim, tendo a *signorina*, para dar maior realce ao grande favor que fazia a Castiglione, aceitando-o por marido, caminhado para o altar — segundo a espirituosa frase duma das testemunhas — "na atitude de Ifigénia ao ser arrastada para o suplício".

O conde prometera a sua joven esposa que lhe proporcionaria uma existência principesca e cumpriu a sua palavra. Contudo, debalde a instalou num castelo — autêntica morada de sonho, situado próximo de Turim, a cobriu de joias verdadeiramente reais, a levou a viajar pela Europa como a esposa dum nababo, que

Conde de Cavour

a frieza glacial da *Divina* para com êle nunca se modificou.

Como o coronel conde de Castiglione exercia o cargo de ajudante de campo de Victor Emanuel II, então rei do Piemonte, e, imediatamente após o regresso da sua viagem de núpcias, a condessa foi apresentada na côrte, inspirando, como seria de prever, ao sensual monarca, a mais fulminante das paixões.

Victor Emanuel, com o seu ar de mata-moiros e bigodes imensos, nascera para tudo menos para inspirar amor a uma mulher como a condessa de Castiglione, mas como outrora Poppea junto de Nero, a Rosa de Florença vendo apenas o rei e não um homem, acolheu complacentemente as homenagens do soberano.

Evidentemente não entrava no espírito de Virgínia, uma vez tornada amante de Victor Emanuel II, almejar a trono, exilar o marido e mandar matar a rainha como a imperatriz Poppea levara Nero a fazer a Octávia. Não.

A Rosa de Florença contentar-se-ia, sobretudo nesse momento em que arruinara quási por completo o marido, com o seu luxo de hetaïra, em ser para o monarca uma nova Pompadour. Porém Cavour, o célebre ministro de Victor Emanuel, reservava-lhe outro Luiz XV, muito mais brilhante e generoso, do que o rei do Piemonte.

O grande estadista, ainda parente dos Oldoïni, compreendeu que teria naquela formosíssima mulher perturbadora e astuta como a Dalila das Escrituras, um precioso auxiliar para junto de Napoleão III que, outrora, quando era apenas um pretendente rico de esperanças, tão entusiasticamente abraçara a causa da independência da Itália, obter um tratado de aliança, entre o Piemonte e a França, contra a Austria.

O que até ali não tinham obtido os mais habeis diplomatas, seria conseguido por essa embaixatriz galante do voluptuoso monarca. Em pleno século XVII, Luís XIV não alcançára de Carlos II um tratado de aliança contra a Holanda, à custa dos bons ofícios duma francesa da sua côrte, "cuja cintura côr de rosa, — segundo disse Saint-Evremond — uniu durante quinze anos a França à Inglaterra?". E o que valia a pobre Mademoiselle de Kéroualle junto dessa mulher, soberanamente bela, cortezã como Aspasia e fascinante como Cleópatra? Além disso, ninguém melhor do que Virgínia Oldoïni, que conhecia o imperador (antigo pupilo de seu avô, o jurisconsulto Lamporecchi) intimamente desde a infância, teria mais fácil o acesso ás Tulherias para consumar a sua obra de sedução.

Em 1855 a condessa tomava o caminho de Paris. Uma publicidade habilmente preparada, precedera a sua chegada. Nos écos mundanos, nos clubes, nos salões mais requintados da capital os jornalistas, os *dandis*, os leões apenas falavam na incomparável formosura, elegância, distinção e encanto da nova estrela que ia brilhar no firmamento mundano de Paris.

Foi num baile de gala dado nas Tulherias, a 24 de Novembro de 1855, que a divina Oldoïni fez a sua primeira aparição na côrte. Podemos hoje, graças às memórias dos contemporâneos, reconstituir essa noite inolvidável para a condessa.

A festa estava no seu auge, dançava-se animadamente ao som da orquestra de Strauss, as damas, com as suas crinolines, rodopiaram arrebatadas nos braços dos seus pares, ao rítmo vertiginoso das diabólicas valsas de então, quando já bastante tarde, a condessa de Castiglione deu entrada na sala de baile.

A aparição dessa maravilhosa criatura, verdadeiramente incomparável, que tão bem incarnava a Vénus imortal, divinizada pelos artistas, causou na assistência uma sensação extraordinária. A todos ela apareceu como um ente divino, imortal e superior sôbre a terra! Uma corrente de admiração passou na sala como um fluído magnético. Os pares deixaram de dançar e a música emudeceu.

Nos salões das Tulherias achavam-se reünidas nessa noite as mais lindas mulheres de Paris. Mas nenhuma, nem mesmo aquelas que eram consideradas as raínhas dessa *corbelha* imensa — a princesa Matilde, opulenta e magnifica como uma deusa de Rubens, a afrodisíaca condessa de Solems, a deliciosa M.me Le Hon, embaixatriz da Bélgica, a linda condessa de Morny, a soberba condessa Waleska e a capitosa duqueza de Persigny — poderiam rivalizar com a recem-chegada. A própria imperatriz, a formosa Eugénia Montijo, ficava completamente eclipsada junto da deslumbrante florentina porque nenhuma por muito bela que fôsse, conseguia ser perfeita, e ela era a própria perfeição.

A condessa avançou, lentamente, calma, com um sorriso nos lábios, como se não désse pela sensação que a sua entrada causára, ou então como se, fatigada de tantos triunfos, as manifestações tivessem deixado de lhe interessar. Dirigiu-se para Napoleão III e fez a sua reverência da côrte.

A imperatriz deu um passo na direcção de florentina. O imperador pegou na mão da ex-*signorina* Oldoïni, a neta do seu querido tutor, e conduziu-a êle próprio à esposa, a-fim-de lha apresentar. Após, os cumprimentos do estilo, Napoleão III dirigiu-se ao principe Ernesto de Saxe Coburgo, pediu-lhe que fôsse convidar a soberana, e, por seu turno, passando o braço à volta da cintura da formosíssima Castiglione, perdeu-se com ela, entre a multidão dos pares.

— É uma deusa! Uma deusa do Olimpo! — murmuravam todos os homens, completamente desvairados, devorando com a vista a perturbadora sereia florentina.

*

* *

E assim foi que, através de Cavour e seus manejos, a côrte da França conheceu uma nova Pompadour. Durante cerca de dois anos, a bela condessa, que dominava como senhora absoluta o seu imperial amante, foi a raínha dos bailes das Tulherias, das *soirées* da Ópera e das caçadas de Compiègne, numa palavra, a

Napoleão III

verdadeira soberana de Paris. Não cingia, é certo, o diadema nem se envolvia no purpurino manto semeado de estrêlas e de abelhas da imperatriz, mas via-se, em compensação, rodeada por uma autêntica côrte de lisongeiros, vindos das mais elevadas camadas sociais, que, sabedores do enorme valimento que ela gozava junto de Napoleão III, disputavam as suas boas graças. Os cortezãos quási que abandonaram Eugénia Montijo, para correrem aos salões de Castiglione que, em pouco tempo, se tornaram a verdadeira antecâmara das Tulherias.

O imperador, completamente dominado pela deslumbrante formosura e secretos encantos da *Divina*, era o escravo submisso dos seus caprichos. Cobria-a de joias (entre as quais a célebre esmeralda, a mais bela conhecida que valia, ao tempo, 100.000 francos e o famoso colar de pérolas brancas e negras) e de riquezas, a ponto de, chegada empobrecida a Paris, a condessa se viu, dentro em pouco, senhora de milhões. Por sua vez, ela embora sentisse pelo fátuo Senhor do Segundo Império uma violenta repulsa, representava junto dêle a comédia do amor, não só, para conseguir a tão desejada aliança com a sua Pátria, e restaurar a sua abalada fortuna, mas, também — sobretudo, a-fim-de saciar a sua ânsia do poder soberano. Ser uma força, uma força omnipotente e dominadora, no vasto tabuleiro de xadrês que é a política, fora sempre um dos mais gratos ideais da sua vida.

E já que o destino a não fizera subir a um trôno real, seria, ao menos, como a marquesa de Pompadour, um autêntico primeiro ministro de saias e, dêsse modo, governaria em França e tornar-se-ia o árbitro dos destinos da Europa.

De seus triunfos mundanos não lhe fizeram esquecer a intriga política e, todos os dias, os parisienses a viam correr de ministério para ministério, ou de embaixada em embaixada, sobraçando uma enorme pasta carregada de memórias e documentos.

Como boa poliglota, aos inglêses ela falava na língua de Shakespeare, aos austríacos na de Grillparzer, aos espanhois na de Cervantes. Correspondia-se com o Papa e com quási todos os príncipes e potentados da Europa. Claro está que seria absurdo atribuir exclusivamente à influência da Rosa de Florença, a guerra contra a Austria. Há muito que Napoleão III concebia essa ideia, mas foi a diva que o levou decidir-se a apoiar a causa da libertação de Itália. Quando, mais tarde, a condessa de Castiglione se orgulhou do que fizera pela Itália, e que salvára o Papado, essa afirmação traduzia, em parte, uma grande verdade.

Virgínia Oldoïni ascendera às mais altas culminâncias, mas como quási sempre sucede àquelas que ascendem na vida à custa de meios ilícitos e caminhos tortuosos ia descer, e a sua queda, para maior gaudio dos seus inimigos de ambos os sexos, ia ser imediata e brutal.

O reinado da *divina* condessa, ídolo pagão entronizado pelos adoradores da beleza de Paris, terminou por fim.

Uma noite (é através das Memórias do célebre agente de polícia Grescelli que se conhece o dramático fim do reinado da Castiglione como Pompadour) numa perfumada noite de Abril, Napoleão III, envolto num capote sombrio idêntico à romântica capa negra de Musset em Veneza, atravessava, seguido do general Fleury, seu ajudante de campo e do já mencionado Grescelli, os jardins das Tulherias, a-fim-de ir visitar secretamente a sua favorita.

No palácio Buteau, morada da condessa, o general esperou sòzinho no salão que o seu amo terminasse a *conversazione* íntima com a florentina enquanto Grescelli, em lugar de fazer sentinela na rua como era hábito seu, se introduzia no vestíbulo, mergulhado nas trevas, a-fim-de poder velar ainda mais de perto pela vida do imperador.

Passou-se talvez uma hora. Oculto na sombra, Grescelli vigiava sempre. De súbito, saído não se sabe donde, apareceu um homem que, acto contínuo, correu para o *boudoir* da condessa. O agente, não duvidando que se tratava dum regicida, lançou-se sôbre êle e, em menos dum minuto, estendeu-o morto com uma dessas terríveis punhaladas de que só os corsos, como êle, possuiam o especial talento. Ao ouvir o ruído da queda do corpo e os gritos duma criada, o general Fleury correu para fora do salão tomado da maior ansiedade, mas sossegou, imediatamente, ao ver o imperador, são e salvo, no limiar da porta do *boudoir*.

Grescelli não imolara um inocente. Era, de facto um regicida. Nos bolsos encontraram-lhe uma pistola e um punhal com a lâmina envenenada, semelhante a êsses de que, noutros tempos, os Borgias e os Médicis se serviam para liquidar os seus inimigos. Sem perda dum instante, o agente obteve de Napoleão III auctorização para capturar ali mesmo a condessa e a criada. Nessa mesma noite, o imperador, convencido de que a Castiglione era uma delegada dos carbonários de Itália que procuravam vingar a sua defecção e que fôra ela quem organizara o atentado, consentiu que o general Fleury a conduzisse à fronteira italiana.

A condessa retirou-se para a Vila Glória, situada no alto duma montanha, quási a pique nos arredores de Turim. — *Mal comecei a existência e já o meu papel terminou* — dizia ela ao seus amigos. Volvido algum tempo, o imperador dos franceses, receando que a sua ex-amante, para se vingar da sua vergonhosa expulsão, divulgasse alguns segrêdos de Estado que lhe confiára, resolveu, por política, autorizá-la a regressar a França. A condessa chegou a Paris cheia de esperanças, mas, em breve as perdeu por completo.

A Condessa de Castiglione, segundo uma fotografia da época

Napoleão tinha já outra favorita, *entitre*, a maravilhosa condessa Walaska nas Tulherias e, embora não deixasse de, por diplomacia, galantear a bela Castiglione, tirou-lhe tôdas as veleidades de representar um grande papel na política da França. E a *divina* teve de se contentar com a celebridade e a realeza a que a sua formosura lhe dava direito, e com as homenagens aliás muito rendosas de Lord Hertford, Laffite e do barão de Rotchild.

Passaram anos. Após a derrocada do Império napoleónico, a condessa, já então viuva do conde de quem há muito vivia separada, apróximou-se dos príncipes da família de Orléans decidida a tentar a emprêsa de fazer subir ao trôno de França, os descendentes de Luís Felipe, e retomar junto do rei, fôsse êle quem fôsse, o lugar de favorita. Sempre nêsse intento tornou-se, sucessivamente amante do duque de Aumale e do duque de Chartres, mas, reconhecendo que nem um, nem outro dos dois príncipes, era o *condottiere*, o aventureiro que ela precisava para pôr em execução as suas maquiavélicas intrigas, a Castiglione afastou-se desdenhosamente dos Orléans.

A *Divina* tinha então quarenta anos. Se as flores desabrocham cêdo, sob o radioso firmamento de Itália, murcham depressa também... Chegou o dia, em que, olhando-se ao espelho, Virgínia no mais lancinante dos desesperos, compreendeu que o seu ocaso chegara, que a sua formosura, essa formosura maravilhosa, incomparável, cuja fama corria por todo o mundo, ia desaparecer sôb as garras implacáveis do tempo. Um grito de dôr fugiu-lhe dos lábios e o espelho escapando-se-lhe das mãos, fez-se em mil pedaços.

Pourtant tu t'en iras un jour de moi, jeunesse,
Tu t'en iras portant l'amour entre tes bras...

disse, muito mais tarde, a condessa de Noailles, exprimindo idêntico desespêro feminino.

A condessa compreendeu que tinha de ceder o seu lugar a novos astros, e, já que a Parca não viera cortar o fio da sua vida, impedindo assim que ela realizasse o seu último sonho que era morrer em beleza, decidiu fugir do mundo e da sociedade, a-fim-de evitar que alguém pudesse assistir à destruição da sua olímpica formosura.

Mostrou-se ainda radiosa e bela como uma deusa numa festa em casa da condessa de Alessandro, mas pela última vez. Foi o seu adeus ao mundo e à vida. Depois, desapareceu para sempre.

Ainda hoje se mostra na rua Vendôme. O entre-solo onde a célebre condessa de Castiglione — sol poente duma beleza durante muito tempo radiosa — veio esconder o crepúsculo dos seus encantos.

Por ordem de Virgínia, as janelas fôram fechadas a cadeado e nunca mais se abriram, a-fim-de que a claridade do dia não pudesse penetrar no túmulo antecipado em que ela voluntariamente se encerrára. Os espelhos fôram totalmente banidos e todos os visitantes e amigos afastados. Raras vezes os criados, que lhe introduziam os alimentos por uma fresta, conseguiam vê-la. Sòzinha, rodeada dos retratos, joias e *toilettes* que lhe recordavam os seus triunfos, a condessa vivia apenas das recordações do seu glorioso passado.

Muitas vezes, os parisienses de 1890 viram uma mulher, vestida ao tempo do Império, com o rosto oculto por um espesso véu, percorrer, altas horas da noite, as ruas da capital. Essa mulher parava em frente de vários prédios, teatros e palácios. Olhava-os demoradamente. Depois, afastava-se, soltando um suspiro de dôr, como quem recordasse horas de felicidade ali passadas e que não mais podesse fazer reviver.

Era a condessa de Castiglione, a rosa de Florença, a *divina*, a mulher fatal, a cujos pés haviam sido depostas montanhas de beijos e flores, que vinha, em saudosa peregrinação, contemplar os locais dos seus antigos triunfos.

Sic transit gloria mundi!

EUNICE PAULA.

UM POETA PORTUGUÊS
BRASILEIRO DE CORAÇÃO

DESDE há muito que não liamos versos, visto que, na sua maior parte, as produções que para aí aparecem podem ser tudo, menos poesia. Não compreendemos êsses impulsos aero-dinâmicos só próprios de doidos varridos, embora reconheçâmos que nos manicómios se encontram criaturas muito interessantes.

Veio caír-nos na mão um livro de versos que, pela sua edição primorosa, nos fez desconfiar. Tão bela indumentária não pretenderia mascarar mais um abôrto literário?

Começamos a ler. O livro tem por título *O eterno Adão* e é da autoria do poeta português Jessé de Almeida que há anos construiu o seu lar nas abençoadas terras brasileiras.

Nas páginas dêsse livro não há os *trucs* futurísticos, nem os disparates hiper-simbólicos de tantos fazedores de trambôlhos que a si próprios se proclamam originais.

Não. Nos versos de *O eterno Adão*, há alma, há vida, há poesia. Ao lê-los a nossa alma eleva-se e vai seguindo em êxtasi o estro do poeta. Ei-lo que canta, numa evocação saudosa da sua terra natal distante, todo o carinho que o seu berço pequenino mas aconchegado lhe merece. Lembra-se do dia em que partiu com rumo às paragens do Brasil, arrostando com as iras dêsse mar imenso em que ainda aparece, terrível e vingativa, a figura ingente do Adamastor:

E chega o fatal momento!
O dia da despedida,
O de maior sentimento,
Nunca se esquece na vida!

Tarde de Abril. Fim do dia.
A Lua já despontava.
A Natureza sorria
E minha Mãe suspirava!

. . . . . .
. . . . . .

Mas reflectiu, com certeza,
Que a gente só é feliz
Quando tem a vida presa
A' terra, como a raiz.

Depois, quando a lua cheia
Se erguia ao ceu, de mansinho
Eu despedi-me da aldeia
Numa curva do caminho.

Livro encantador, cheio de poesia e emoção, obra dum inspirado em que as estrofes brotam melodiosas e cristalinas como a água duma fonte murmurosa!

E nós que, desde há muito, não liamos versos, lemos êste livro, dum fôlego, até o fim, lamentando apenas que tivesse apenas cento e cinqüenta e tantas páginas.

Abrindo com o preâmbulo filosófico que intitulou "O Progresso no Século XX", o poeta faz o balanço do actual escabujar da Humanidade, e depois de anatematizar os excessos do nosso tempo, mostra que o Homem, fatigado de tanta luta inglória e fratricida, acaba por se aperceber do "rumo que tomou tão sinuoso e errado".

Luar do sertão

Jessé de Almeida

E então vê que o presente é a herança do Passado
E só a Natureza é irmã da Perfeição.
A Terra é sempre a mesma e é sempre o mes-
[mo Adão!»

Lá longe, na Pátria Brasileira, o poeta educa um filho e promete trazê-lo a Portugal, que deseja mostrar-lhe, palmo a palmo:

E quando eu te mostrar
Imensas regiões dêste País,
O teu orgulho, então, vai aumentar!
Como serás feliz
Ao conhecer o solo tão fecundo
Que se conserva inteiro,
Êste enorme celeiro
Para o futuro pão de todo o mundo!

E, apesar dêste quadro verdadeiro,
Quero que vás também para o estudo,
Que eu, por mim, farei tudo
Para seres um grande brasileiro!

Mas recorda esta cena
Tôda a vida, meu filho, e nada custa
Que um dia a tua pena
Seja prudente e justa!
Nunca me lançarás o opróbrio em rosto,
Pois a minha intenção
É evitar, desde já, êsse desgôsto,
De lição em lição!

Tens seis anos sòmente
E já vais conhecendo a nossa História;
Já vibras de contente
Quando te conto a glória
Dêsse povo que andou «por tôda a parte»,
Dos ínclitos varões
Que só mesmo Camões
Soube cantar com todo o «engenho e arte»!

Como bom português que devo ser,
Cumprirei o dever
De ir cultivando sempre em mim e em ti
O amor a Portugal;
E o orgulho me invadiu quando te vi
Curvar perante a estátua de Cabral!
Sim, quando tu e eu
Vamos passando à beira
Do grande e majestoso monumento,
Tiramos, reverentes, o chapéu,
Porque êle tem na mão uma bandeira,
A fronte descoberta erguida ao Céu
Num tal desprendimento,
Que simboliza a Fé e o heroïsmo,
A Epopeia imortal
Que uniu, num longo abraço de civismo,
Brasil e Portugal!

GOMES MONTEIRO.

AQUELA LOUCA...

DESDE a tardinha soalheira e quente em que pela vez primeira a vi — pobre farrapo humano na valeta da vida —, aninhada a um lado do caminho, olhos desmeditamente abertos em interrogação de fascinada, como descrente de vã esperança perdida na imensidade, não mais deixei de a rever em meu pensamento, alquebrada e trôpega, essa que outrora devera ter sido talvez bela, e — quem sabe? — heroina escondida de formoso romance.

E, quando me resolvi a preguntar quem ela era, a pessoa interrogada, ergueu-se num sobressalto como se eu lhe falasse numa entrevista com o próprio diabo.

— Credo! De quem me vem falar! Essa velha é uma doida! Além disso é bruxa: tem pacto com Satanaz...

Sume-te, demónio!... Dizem até que come as crianças e deita mau olhado ás raparigas!

Não pude suster um sorriso entre a credulidade da velha aldeã que me informava, mas não desisti de saber pormenores àcerca daquela que tanto me impressionara, e agora mais do que nunca. Por isso continuei:

— Diga-me: Ela é cá da terra?

— O' menina! Tanto lhe interessa a bruxa?

— Então que quere?... sou curiosa...

— Pois pouco lhe posso dizer. Sei que chegou aqui há anos, e que alugou o casebre em que vive. Desde então poucas pessoas a vêem, e, quando tal sucede, o terror que inspira é tão grande, que chegam a adoecer.

— E é por isso que lhe chamam bruxa?

— Acha pouco?!... E os gritos que se ouvem ali às vezes como se estivesse a chamar os diabos? Se até aos animais deita mau olhado! Olhe, uma vez, a vaca da Gertrudes...

E lá ouvi a história complicada e inverosímil dum embruxamento... Quando a aldeã se calou, exausta por fim na sua extraordinária e vivíssima loquàcidade, disse-lhe com a maior serenidade:

— Pois não desisto de ir falar com ela.

— Com quem?

— Com a bruxa!

— Não faça tal! Seria embruxada! Deus nos defenda das más tentações!

Ri dos sustos da bôa mulher, porque, dentro de mim, estava roendo o bichinho da curiosidade elevada ao mais alto grau... Se acreditava na loucura, nem por sombras pensei nas bruxarias da infeliz.

Contudo, o tempo passou, e fôsse acaso ou não, o certo é que não voltei a vêr a louca. Passei e tornei a passar na estrada em que primeiro a vira, sempre na esperança de a encontrar, mas tudo foi em vão.

Numa tarde cinzenta, carregada, em que as núvens negras, cheias de electricidade pareciam quási tocar as copas altíssimas dos extensos e verde-negros pinheirais, sombrios como a desesperança, e o ar espêsso e sufocante nos avisava da cólera celeste pronta a explodir, atrevi-me, a-pesar-de todos os conselhos, a uma caminhada até um montezinho próximo onde costumava e gostava de ir vêr o pôr do sol, e deliciar o espírito na suavidade de uma païsagem simples e bela, cheia de graça e singeleza.

Porém, nem a frescura do regato que sussurrava junto de mim e ia caír devagarinho entre os choupos que cortavam melancòlicamente uma imensa veiga, fechada no horizonte por pinheirais, me dava a sensação de alívio buscado por mim. Encontrava-me possuída dêsse mal estar que nos comunica a pesada atmosfera a preceder a trovoada.

O calor era terrível, como se os raios do sol coados através das espessíssimas núvens tivessem redobrado de intensidade, prontos a incendiar a natureza ofegante e sequiosa.

Era tão dasagradável ali, no meu poiso habitual, que já me arrependia da teima a e me preparava para regressar a casa, uma casinha rústica que as rosas vestiam lindamente, quando me caiu na mão o primeiro pingo de chuva, grosso, pesado, mórno.

Comecei a correr, descendo a ladeira que tão descansadamente subira, mas um fortíssimo àguaceiro tombava sôbre mim, encharcando-me sem remissão, por mais que eu fugisse. Acabei por ter de abrandar a velocidade, em face do risco de escorregar na terra que a água tornava lamacenta.

Já não tinha calor. Era de frio, de muito frio agora a sensação que me pungia, com os vestidos encharcados. A atmosfera começava a ser mais respirável, quando no ceu faiscou um relâmpago que quási me endoidava de terror, vendo-o ziguezaguear no espaço até sumir-se, lá longe, para os lados dum pinhal. Seguiu-se um trovão atroador.

Enchi-me de um mêdo supersticioso.

Aquela hora da tarde, escura e triste como um crepúsculo de tempestuoso inverno apavorava-me. Via-me completamente só, ainda tão distante do povoado, sem um abrigo contra a chuva e o vento que me fustigava as faces, que senti pavor. Tudo fazia despertar na minha alma receios de fantasmas, sêres estranhos, de cuja existência, em certas ocasiões, nem os próprios espíritos fortes ousam duvidar.

Um pouco de primitivismo no fundo da alma humana civilizada.

Larguei a fugir, sem mais reconsiderar ou temer os trambulhões, nem cuidar do caminho a seguir.

E, quando dei por mim, estava junto do casebre onde morava a louca, — a bruxa!

No meu estado de nervos, a aproximação dêsse local temido, — forçoso me é confessá-lo — não tive a fortaleza e o estoicismo necessários para me atrever a repelir a estúpida crendice popular e pedir abrigo a quem, a sêr humano ainda, — que só sêr humano é aquele em que o raciocínio se manifesta na piedade — mo não recusaria decerto. Mas assim, era como se os senhores génios da floresta das velhas histórias passadas, houvessem erguido inviolável barreira com suas figuras alarmantes, em volta do pobre casebre. Quási que tinha a certeza, nesse momento, de que para lá da porta se faziam coisas macabras e horripilantes!

O poder da imaginação atemorisada! Como ela aumenta, acrescenta e deforma! Talvez nem o próprio poder de refracção dos polos assim modifiquem a realidade!

Contudo... o meu frio era intenso e a curiosidade que principiava a atormentar-me, parecia espicaçá-lo... aviventá-lo. Enchi-me de coragem, ousei subir a uma pedra que o providencial acaso ali colocara, e encostei o rosto a um buraquito com pretensões a janela e espreitei para dentro do miserável tugúrio.

Que vi? As cenas tremendas antevistas? Feitiços? Sortilégios?

Nada disso.

Uma cena inteiramente diversa do que jamais poderia esperar, tão comovente e singela, quão nobre e simbólica.

Uma pobre figura de mulher, não a velha suja que passava por bruxa, sempre encapotada numa manta sem côr, mas uma desventurada em que se lia a mais atroz amargura impressa nos traços dulcíssimos dum rosto que, se não fôra beleza peregrina, deveria ter ostentado uma auréola de simpatia e encanto, mas que uma cruel moléstia devastara, cavando-lhe sulcos inapagáveis.

Belos ainda, os grandes olhos meigos, que se iam fitar num bercinho muito enfeitado cnde repousava... uma boneca! Uma boneca grande, linda, vestida como um bébé!

Havia em tôda a pequena casa tal ordem, tão expressivo asseio, que eu mal acreditava ser aquêle o tugúrio, o antro da velha bruxa.

Mas era, era, que lá estavam as paredes esburacadas a testemunhá-lo!

E mais uma vez eu via que as aparências iludem! Já quási me decidira a pedir-lhe abrigo, quando um movimento dela me fez parar.

A mulher aproximara-se do berço, tomara a boneca nos braços, e puzera-se a embalá-la cantando umas simples trovas, que chegavam até mim como o grito duma alma despedaçada:

Nasce o amor da ilusão ..
Nasce a ilusão do amor!
Antes não ter coração
Que tê-lo cheio de dor!

Quem julga que a vida é bela
Deve desejar morrer!
Mais vale ainda perdê-la
Do que a ilusão morta ver!

Era uma toada tão triste, tão triste, tão dolorosa, que as lágrimas me marejavam os olhos.

Mas já ela mudava, e, embalando freněticamente a boneca, cantava:

Dorme, dorme, meu bébé,
Um soninho descansado.
Dorme, dorme sem receio
Que eu velo aqui, a teu lado!

Dorme, dorme, meu bébé,
Tu não podes despertar!
Quem dormira a vida inteira
Não conhecera o penar!

Não ouvi mais. Ela baixara a cabeça e mantinha-se silenciosa.

Desci então do meu poiso e... bati à porta. Respondeu-me o mais profundo silêncio. Tornei a bater, e então soaram rápidos uns passos, e a porta abriu-se. Ela, ao dar com os olhos em mim, ao reparar no meu lastimoso estado, escorrendo água, os cabelos desgrenhados e colados à cara, a tremer de frio — porque eu tremia — recuou compungida. Por mim, estremeci ao encarar tão de perto aquêle rosto que se mostrava agora tal como era.

Depois, com infinta doçura, convidou-me a entrar.

— Minha pobre menina! Como está encharcada! Entre! vou acender um luminho para se aquecer!

Entrei, sentei-me no banquinho onde ela estivera, e fiquei a observá-la, indo e vindo com algumas achas que, dentro em pouco, estralejavam na humilde lareira, proporcionando-me com o calor que irradiavam, um imenso bem-estar.

E eu pensava que essa mulher não era, não podia ser de nenhuma fórma, a louca e bruxa!

Por certo que os meus olhos exprimiam os meus pensamentos, visto a desventurada me estender as mãos, murmurando:

— Pode apertar, minha menina. Nada receie! Sou horrível, é certo, mas a minha moléstia não faz mal! Passou tudo! Restam os traços, nada mais!

Acedi sem qualquer receio ou desconfiança, e ela sorriu-me com doçura e sentou-se ao meu lado.

— Não tem mêdo de mim?

— Não! — confessei com sinceridade — mêdo de quê?

— Mas dizem que sou louca e bruxa!

— Ora! Não acredito!

— Como veio aqui ter?

— Perdi-me no caminho com o temporal.

Calei-me, a olhar para a boneca e para ela! E não sei como, nem porquê, a minha singular hospedeira, contou-me assim a sua história.

— Era nova, bonita e amimada por meus pais. A vida sorria-me e eu não pensava senão em aproveitar o que ela de mais belo me podia oferecer... Nem o amor me faltava para completar a minha felicidade. Era completamente ditosa! Mas, ai! A minha confiança demasiada na alegria, no futuro, foi castigada bem duramente! Atingiu-me a cruel moléstia, horrível doença que me ia matando. Salvaram-me, mas, a minha beleza, o meu rosto de boneca, as minhas faces de setim? Tudo foi devastado, coberto de cicatrizes, o meu corpo não era mais que uma chaga. Oh! o que eu sofri! Perdida a beleza, foi-se a alegria... o amor!

Aterrava-me a ideia de ver qualquer pessoa, visto todos fugirem de mim. Só os meus pais, sempre os mesmos sêres carinhosos e desvelados, chorando a ocultas a minha dupla desgraça, que a do físico trouxéra a do moral, descrente de tudo, de todos, desorientada com essa ingratidão, com a solidão em que mergulhára! Tiraram-me da cidade, onde, cada dia, era nova fonte de tormentos, e recolheram-se comigo numa aldeiazinha distante. Aí conheci um rapaz, o primeiro ser depois dos meus pais, que não fugia de mim. Procurava-me, conversava comigo durante longas horas, conseguindo até fazer-me voltar a saúde do espírito

moribundo. Quási esqueci que era uma amaldiçoada!

Julguei possível a ventura outra vez, julguei possível ver florir rosas onde só havia espinhos... Que ilusão tão doce e tão amarga! Como ainda hoje choro essas horas de bendito esquecimento! Um dia, vi-o chegar mais alegre, mais risonho... e eu, que vivia de o ver tão cheio de vida, sorri também... Que loucas esperanças me enchiam o peito?

Não sei dizê-las! Só sei que, horas depois, não dava acôrdo de mim, entre os braços de meus Pais, que não puderam resistir a êsse pavoroso ataque. Ele ia casar-se... eu estava só no mundo. Quando recuperei o juizo, muito depois, e pude saír do hospital onde fôra internada, estava velha, disforme, horrorosa, aquilo que sou hoje, passados dez anos sôbre o dia em que as portas dessa caridosa prisão se abriram para me deixar saír. Fugi do mundo, com o resto da fortuna legada por meus Pais, recolhi-me aqui, e amo hoje esta boneca, o único sêr que não foge de mim, que se deixa acarinhar, que sacia esta sêde de afecto que tenho dentro do peito!

Esta foi a história que ouvi e não foi de piedade o sentimento que me tomou, foi adoração, vontade de me pôr de joelhos ante essa mártir dum destino demasiado cruel.

Passára a chuva, regressei a casa, à minha linda cazinha que as rosas vestiam, e creio bem que se tivesse contado a minha aventura, julgar-me-iam embruxada, tão pálida devia caminhar, funebremente impressionada com o que ouvira.

No dia seguinte, preparava-me para ir visitar a pobre abandonada, quando uma novidade, uma notícia inesperada chegou até mim. Tinha sido encontrada morta na estrada a bruxa e, caso estranho, a seu lado, os restos duma boneca...

Recolhi-me em oração.

Sim! Compreendia!

Morta a boneca, o pobre sêr que se deixava amar, a quem podia ela confiar a sua alma sedenta de afeição?

A caridade de Deus, dera-lhe na vida tão dura prova, para, na eternidade, lhe reservar um lugar de eleição.

Aquela louca era uma santa, talvez...

ODETTE PASSOS DE SAINT-MAURICE.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

O professor italiano Bruno Biagi recebeu as honras de doutor «honoris causa» da Universidade Técnica de Lisboa. A gravura mostra o ilustre professor da Universidade de Bolonha sendo abraçado pelo professor Azevedo Neves. *A' direita:* o professor Bruno Biagi com o reitor e os professores do Instituto de Ciências Económicas e Financeiras.

Novas viaturas dos serviços municipais de incêndios da cidade do Porto, expostas na Praça de D. Pedro e que mereceram os mais entusiásticos aplausos por parte de milhares de pessoas que reconheceram a impecável perfeição do material modernissimo e eficaz nos mais aflitos momentos. — *A' direita:* a esposa do general Aranda, homenageada no Porto com um almôço íntimo. A gravura mostra a esposa do heróico defensor de Oviedo, com alguns dos convidados que assistiram ao almôço

Festejando o novo ano escolar, realizou-se no Liceu D. Felipa de Lencastre a sessão solene de abertura das aulas, ocupando lugar ao lado do sr. ministro da Educação Nacional, as sr.as D. Maria Cecília Coutinho, dr. Alves Moura, tenente coronel Rego Chaves, D. Maria Margarida Silva, D. Maria Mota Alves e D. Emília de Sousa e Castro. A gravura mostra a sr.a D. Adelaide Félix lendo a oração inaugural. — *A' direita:* Sessão de homenagem ao chefe do distrito realizada no Asilo de Santo António de Lisboa, a que se seguiu a distribuïção de prémios às alunas mais distintas

TRISTES FINS DE ALEGRES VIDAS

Em geral, as criaturas que vivem festejadas e aduladas, com um cortejo de adoradores a segui-las e a anotar a sua graça e os seus encantos, são consideradas por quási tôda a gente, sobretudo quando se trata do belo sexo, os expoentes máximos da felicidade.

Porque ninguém vê o que para lá de tôda essa luz que encandeia a vista se esconde de sombra treva.

Essas vidas assim envoltas em luxo e ostentação, rodeadas de amores escandalosos que ecôam longe, acabam sempre ou quási sempre tràgicamente.

A felicidade é inconstante, não se dá por muito tempo, gosta de conhecer caras novas, e instalar-se em novas almas, para receber diferentes carinhos e outros mimos inéditos.

É pena que seja do género feminino na nossa língua.

Mas não podem os homens atirar a pedra à mulher, dizendo que tal qual ela é a felicidade, porque noutras línguas *ela* passa a ser *êle*. Como por exemplo em francez: *le bonheur* e em alemão, *der Glück*.

Já dessa coïncidencia se valeu Francesco Petrarca para nos largar piada: — "Feminina é cosa varia per natura„ e que é por isso a *felicitá* não podia durar muito com o amor duma mulher.

O que é bem verdade, ponham-na no feminino, no masculino ou no neutro, como os inglezes, o que não admite dúvidas é que a felicidade, que na nossa riquíssima língua tem outros nomes, é leviana a valer.

A vida de várias celebridades, contadas em todos os tons e em tôdas as línguas, dá-nos sobejas provas para assim pensarmos, se não quizermos limitar-nos aos casos comezinhos que em nossa volta se desenrolam dia a dia, com uma semelhança de gémeos.

E gémeos muitas vezes na maneira e na essência.

Muitas mulheres famosas têm tido um fecho de existência idêntico, embora as suas situações na sociedade fôssem diametralmente opostas.

■

Maria Antonieta, a desditosa raínha que morreu guilhotinada, estava bem longe pela estirpe doutras mulheres que tiveram o mesmo fim.

Mata-Hari, condenada como espia também teve morte violenta, e caiu varada pelas balas de um pelotão, no fosso de Vincennes.

E desta, coitada, nunca se soube se foi vítima de intrigas.

Disse-se primeiro que foi Raquel Meller que a denunciou como tal, com ciumes de Gomez Carrillo, o jornalista venezelano que era seu marido, de quem se divorciou pouco depois.

Apezar de se gabarem tanto um ao outro: *Não hay hombre como mi marido... No hay mujer como mi Raquel...* aquilo não durou muito tempo.

Não sei o que há de verdade nesta asserção que correu mundo; mas se verdade houve, ela teve o castigo, que sempre chega, tarde ou cêdo.

Outra que a opinião pública acusou do mesmo êrro — a denúncia de Mata-Hari — foi a actriz cinematográfica Claude France. Seria verdade?

O que é de fazer cismar a gente é que esta actriz se suicidou em 1928, sem motivo aparente para tal acto de desespero.

Segredou-se que foi o remorso que a levou a suprimir-se da vida.

Mas êsse remorso ainda não foi assim tão forte que a não deixasse viver onze anos depois do seu repugnante gesto — se é que *vox populi* não mentiu desta vez.

Margarete Gertrudes Zelle, holandeza de origem, conhecida por Mata-Hari como dansarina oriental, foi fuzilada em 1917, daí o estranhar-se um arrependimento assim tardío.

E a estas mulheres não faltou nada na vida para serem felizes.

Riqueza, amor e glória, tudo tiveram e tudo esbanjaram também, com a mesma facilidade.

Quem lhes diria que as esperava um fim tão odioso e degradante?

As surprezas que a vida tem! Quando ouvimos uma gargalhada onde parece cantar-se um hino de louvor à ventura, não sabemos se êsse riso folião acabará num soluço onde se choram tôdas as dôres.

É questão para se estar sempre de atalaia e não nos deixarmos embalar por enganosas melopeias de amor, que só nos apontam os momentos ditosos que são mais breves e fugidios do que as penitências que nos hão-de custar.

■

Um acontecimento que emocionou profundamente o mundo inteiro foi o desastre que vitimou a famosa dansarina americana Isadora Duncan.

Foi em Nice num passeio de automóvel que deu sòzinha.

Quando entrou no carro ia desesperada porque tinha visto duas crianças loiras como os seus dois filhos que se afogaram no rio Sena em Paris também num desastre de automóvel.

Havia já cartorze anos, mas ela não esquecia. Qual a mãe que esquece os seus filhos mortos, mesmo que passe sôbre a sua morte uma eternidade?

Tudo leva a crer que foi ela que preparou o acidente que lhe custou a vida.

Era de noite e a noite estava fria.

Uma amiga Mary Derti que nunca a abandonava pediu-lhe que não saísse nessa noite ou então que vestisse um casaco forte.

Ela limitou-se a enrolar no pescoço uma echarpe de seda que era muito comprida.

Isadora Duncan

Ao entrar no automóvel a ponta da écharpe do lado esquerdo ficou pendurada fora da portinhola.

Mary Derti ainda lhe gritou:

— Cuidado com a écharpe!

Mas ela não ouviu ou não fez caso — que sabemos nós? — e ordenou ao chauffeur para andar depressa.

A seda enrolou-se na roda e com a marcha foi asfixiada pela écharpe.

Foi uma morte ràpida. Teria ela feito isso de propósito, deixar pendurado o lado mais comprido, tendo-a atado primeiro ao pescoço?

Nós nunca sabemos até que ponto os desgostos e as contrariedades perturbam as almas.

É por isso que devemos ter mais respeito pelas mágoas dos nossos semelhantes, mesmo quando êles nos parecem esquecidos dos males que os torturavam.

A alma humana é insondável. Há sempre recantos que nos escapam, que os nossos olhos não conseguem devassar. Nêles pode esconder-se muito júbilo ou muita amargura, muita maldade ou muita nobreza. As suposições são inúteis. É melhor calar.

MERCEDES BLASCO.

Charles Boyer no papel de Napoleão, do filme «Walewska»

GRETA Garbo acaba de criar outro grande papel no filme "Conquista», denominado também "Walewska», que será uma das produções mais importantes de Metro-Goldwyn Mayer para a próxima temporada.

Será evocado o romance de amor que teve como protagonista a condessa Maria Walewska — a sereia polaca que conquistou o coração voluvel de Napoleão Bonaparte.

Através dêsse idílio que a História recolheu, Napoleão (interpretado agora por Charles Boyer) passa em toda a grandeza do seu génio, em tôda a imponência dos seus defeitos, em todo o requinte da moral que adaptou à sua pessoa.

A condessa Maria Walewska, cuja psicologia tem sido definida pelas mais diversas maneiras, surge prodigiosamente incarnada em Greta Garbo, podendo dizer-se que o trabalho da excelsa artista sueca ficará valendo mais do que todos os historiadores reünidos.

A propósito, evocaremos êsse episódio da vida do côrso imortal que até nas piores acções tinha grandeza.

Quem foi esta condessa Walewska?

O seu amor por Napoleão seria sincero e desinteressado?

Eis o ponto em que os historiadores divergem, afirmando uns que Walewska cedera aos impulsos do seu coração romanêsco, enlevada na figura do heroi que todo o mundo enaltecia, e outros garantindo que o seu único fim foi dominar o dominador e tornar-se, portanto, a mais poderosa mulher do Universo.

Eis o que se passou, em face dos documentos:

Napoleão chegára a Varsóvia por entre aclamações delirantes.

Num dos bailes que a nobreza polaca deu em sua honra, o côrso ficou deslumbrado ante a beleza das damas, cuja tez pálida, em que brilhavam olhos sonhadores, resplandeciam num encanto irresistivel. Em dado momento, notou uma jóven loura, de olhos azuis, que parecia não querer destacar-se, estabelecendo um singular contraste com os modos decididos das outras senhoras presentes.

Preguntando quem era aquela dama, responderam-lhe chamar-se Maria Walewska e ser casada com um velho conde polaco, um autêntico tirano sombrio e taciturno que, com os seus costumes exageradamente austeros e rígidos, cobrira de desventura as vinte e duas primaveras dessa jovem. O conde amava-a, é certo, mas que espécie de acôrdo poderia haver entre a afeição grave, pesada e tutelar dum velho preconceituoso e as fantasias saltitantes duma criança que considerava o mundo como uma corbelha de rosas?

Napoleão ia ouvindo cada vez mais interessado. Em boa verdade, não há nada melhor para fazer brotar sentimentos românticos no coração dum homem, por mais insensível que seja, do que a situação penosa duma beldade sacrificada por um casamento de interêsse a um velho que mal pode elevar a face à luz do sol.

Poderão dizer que o sol também é velho; mas, a isso, objectaremos que é o mais novo de todos os astros, pois nasce todos os dias.

Devidamente informado, Napoleão acercou-se de Walewska, e falou-lhe amavelmente. A voz trovejante, que anunciara à soldadesca francesa "quarenta séculos em contemplação dos seus feitos no alto da pirâmides do Egipto», mostrava-se agora acariciante como o ciciar da brisa. Entre os dois travou-se uma longa conversação em que a joven fez realçar o seu espírito cultivado e desenvolvido por uma educação esmeradíssima.

O côrso sentia-se cada vez mais apaixonado. Por sua vez, Walewska não soube resistir às tentadoras propostas do imperador da França. Rendeuse por paixão cega que a impelisse em toda a sua ingenuidade, ou obedecera a um cálculo que a elevaria ao apogeu da glória, do poderio e da opulência?

AMORES DE NAPOLEÃO

O emocionante romance da condessa Walewska

que Greta Garbo vai fazer reviver em tôda a sua beleza

Ao cabo de poucos dias, consentiu em ir ao palácio de Napoleão, acedendo ao convite que êste lhe fizera:

Há momentos em que a elevação de categoria nos pesa: é o que se passa comigo. Como satisfazer o anseio dum coração apaixonado que quer lançar-se aos vossos pés e se encontra impossibilitado pelo peso de altas responsabilidades que lhe paralizam o mais vivo dos desejos? Oh! se vós quizesseis! Só vós é que podeis destruir os obstáculos que nos separam. O meu amigo Duroc vos facilitará os meios.

"Oh! vinde! vinde! Todos os vossos desejos serão satisfeitos. A vossa pátria ser-me-á mais querida quando vós tiverdes piedade do meu pobre coração.

N.

Quando Walewska entrou no palácio de Napoleão, ia pálida como uma defunta e com os olhos marejados de lágrimas.

Assim começaram êsses amores.

Um dia, como chegasse aos ouvidos do imperador a notícia de que sua esposa Josefina se preparava para ir ter com êle a Varsóvia, escreveu-lhe imediatamente a proïbir-lhe tal viagem.

Maria Walewska. — Em baixo: *Napoleão volta a encontrar-se com Maria Walewska depois da batalha de Pultuck*

Após algumas palavras banais, entrava francamente no assunto:

Estou mais contrariado do que tu; quanto desejaria partilhar contigo as longas noites desta estação...

Regressa a Paris, sê alegre, contente; talvez que eu aí esteja dentro em breve. Fartei-me de rir com o que me dizes com relação a teres casado para teres um marido, e estares com êle; pensava, na minha ignorância, que a mulher era feita para o marido, o marido para a pátria e para a família; desculpa a minha ignorância: com as damas francesas aprende-se sempre alguma coisa...

Afastado êste contratempo, aquêles amores continuaram a vogar em maré de rosas, até que o apaixonado teve de ceder o lugar ao guerreiro, para ir ao encontro do exército russo que avançava cada vez mais ameaçador. Deu-se a sangrenta e indecisa batalha de Eylau, de que o próprio Napoleão traçou um quadro pungente no seu boletim de campanha.

Pois, apesar da lembrança dêsses milhares de homens mortos ou no estertor, estendidos na neve, Napoleão não deixou de pensar na sua formosa amante. Após a espantosa carnificina escreveu a Walewska, solicitando a sua comparência. "O mundo sem ela — afirmava — parece-me vasio, insuportável».

Por sua vez, o velho conde, ao saber o porte da esposa, não mais a quis ver. Nêste ponto mostrou ter mais caracter que Napoleão que, tempos antes, em situação idêntica, retomara, de braços abertos, a sua esposa Josefina.

Napoleão Bonaparte

Walewska ficou com o imperador, durante três semanas, no castelo de Finkestein, testemunhando-lhe a mais ardente ternura.

Logo que foi assinada a paz de Tilsit, Napoleão teve de regressar a Paris, ficando combinado entre os dois amantes voltarem a encontrar-se na capital francesa.

O imperador teve ainda a suprema ventura de ser pai — desejo que nunca vira satisfeito com sua esposa Josefina. Ser pai — para êle — era alcançar a mais bela das vitórias!

Precavendo-se contra qualquer atitude hostil de Murat, com referência à primeira dotação que fizera à favorita, encarregou o seu tesoureiro geral, senhor de La Bouillerie, de estabelecer uma nova pensão de 50 mil libras de renda ao filho, (embora bastardo, e sem reconhecimento legal) e que, no caso de morte, sua mãe fôsse a única herdeira. Inquietava-se só em pensar que estas disposições não seriam integralmente cumpridas. Por isso, escreveu novamente ao seu tesoureiro:

Recebi a tua carta relativamente ao jovem Walewska. Deixo-te carta branca. Faze o que julgares melhor, mas imediatamente. O que me interessa é, sobretudo, a criança, e a mãe depois.

Nogent, 8 de Fevereiro

N.

Por fim, quando, abandonado de todos, se encontrava em Fontainebleau, decidido a procurar na morte o refúgio que o seu destino lhe negava, chegou Maria Walewska a trazer-lhe confôrto e resignação. Apesar da sua boa intenção, esperou na ante-câmara durante uma noite inteira sem conseguir ser atendida. Absôrto nos seus tristes pensamentos, Napoleão só se lembrou da visita uma hora depois de esta ter partido...

— Pobre mulher! — exclamou êle — vai julgar-se esquecida!

E escreveu-lhe a seguinte carta:

Maria, recebi a tua carta de 15. Os sentimentos que te animam tocaram-me profundamente. São dignos da tua bela alma e da bondade do teu coração. Quando tiveres concluido os teus negócios, e se fores até às águas de Lucques ou de Pisa, vêr-te-ei com o mais vivo interêsse, assim como ao teu filho para quem o meu afecto será sempre invariável.

Desejo a tua saúde. Não estejas em cuidado. Pensa em mim com alegria e não duvides nunca de mim.

16 de Abril

N.

Nisto, dá-se a derrocada de Waterloo.

Após a partida de Napoleão para o seu cativeiro de Santa Helena, a condessa Walewska julgou-se livre. Tendo-lhe falecido o marido em 1814, casou dois anos depois, em Liége, com o general conde Ornano, côrso como Napoleão e antigo coronel dos dragões da Guarda.

Greta Garbo no papel de Maria Walewska

Este casamento afectou penosamente o cativo de Santa Helena que sempre mantivera uma grande ternura pela encantadora Walewska.

No fim de contas, esta mulher pouco tempo teve para se familiarizar com as venturas da sua nova ligação. Adoecendo em 9 de Junho de 1817, quando se encontrava ainda em Liége, aproveitou umas melhoras aparentes para regressar a Paris. Ali morreu no dia 15 de Dezembro de 1817.

Entretanto, Napoleão dispunha no seu testamento que Alexandre Walewski (o fruto dos seus amores com a polaca) fôsse encorporado no exército francês.

O rapaz é que não saía ao pai no que dizia respeito a guerras. Após uma curta permanência nas fileiras, pediu a demissão para se dedicar à literatura. Aproveitaram-no como diplomata, no que — valha a verdade — mostrou ter algum jeito.

Para êle foi melhor assim, pois não sentiu nunca o peso das grandes responsabilidades. Se não teve a glória de Austerlitz evitou as torturas da ilha de Santa Helena.

GLORIFICAÇÃO UM CAUDILHO

A inauguração do monumento a António José de Almeida

A comissão executiva do monumento com as sr.as D. Maria Joana e D. Maria Tereza Queiroga de Almeida

NINGUÊM, entre os caudilhos da República, igualou António José de Almeida como condutor de multidões. Não era só o seu verbo inspirado, a sua palavra flamejante, a sua dominadora voz, que abalava, comovia, arrastava; era tôda a sua presença — a sua figura insinuantíssima, os seus olhos espelhando entusiasmo, o ímpeto do seu vigoroso arcabouço, avançando no tablado como num arraial de combate, o rítmo ondulante do seu gesto largo, a vibração ardente, mediânica, de todo o seu ser — impressionando, comunicando ao auditório essa sugestão formidável que acorda as almas, num frémito de acção, num unísono de entusiasmo.

República! Esta palavra, nos seus lábios, tinha a magia das revelações religiosas, e, ora soava como uma prece, ora como um cântico, ora como um "dies irae"; evocava o fragor dos ingentes prélios, a fúria das imprecações, o desespero dos naufrágios, a miséria, a opressão, a iniquidade, concentrando o túmultuar da revolta, o clarão da vitória e o clamor da alvorada!

A esposa e filha do dr. António José de Almeida no momento de ser descerrada a estátua

República! Vocábulo omnimudo que, à luz esplendorosa da sua alma, ao sôpro do seu génio, se tornava alado, erguendo ao infinito tôdas as nobres aspirações, tôdas as ânsias de resgate, todos os sonhos de grandeza patriótica, tôdas as reivindicações de Justiça, tôdas as rútilas evidências da Verdade!

República! E todos os corações pulsavam, apressadamente batiam, como se o mundo estremecesse num Thabor de transfiguração, ao assombro de cataclismos!...

Guerra Junqueiro dizia-me: — António José de Almeida é como uma força da Nutureza!

De facto, ver êste homem na tribuna era assistir a um deflagrar de tempestade.

Tormenta caliginosa, apocalíptica, trespassada de relâmpagos, sulcada de raios!

Ao estrondear da sua eloqüência, desmoronavam-se todos os obstáculos: aluíam as muralhas seculares de preconceitos; ardiam as árvores do mal, milenárias; fundiam-se as cadeias de tôdas as servidões; e tôdas as imundícies dos Leviathans sociais se sumiam, arrastadas à voragem como por um dilúvio.

Mas, ao fim, era como se arfasse o Mar; uma doce brisa passava, um arco-íris de esperança subia... O sol brilhava!

E o sol era o seu coração!

Como Jeovah brandira os fuzilantes feixes da sua electrica cólera; espalhára, vingadoramente, a devastação, mas — o juizo implacável findo, jugulado o inimigo, impotente o mal — uma onda de piedade se levantava na sua alma. Submergia-se em infinita misericórdia o seu sagrado furor de justiça.

Assim Jeovah se humaniza, e Cristo surge!

Eterno símbolo das almas fortes esta dualidade psicológica, que, a nossos olhos mortais, tão sublime se revela que, para a encarnar, os homens criaram os Deuses.

Esta dualidade explica o político que foi António José de Almeida.

A trajectória da sua acção dir-se-ia pontuada de hesitações. Algumas das suas atitudes desconcertaram os seus maiores amigos, os seus mais fervorosos admiradores. Como quando à peroração célebre: "Se vos pedirem água, dêem-lhes água-raz; se vos pedirem pão, dêem-lhes balas!", referindo-se àquêles portugueses que além fronteiras, se armam para invadir Portugal, sucede, apenas vencidos, um frenesi de perdão, uma obsediante clemencia tal, que a sua vida vem a correr risco como a dum traidor.

Ainda que cometesse então um êrro de visão política, nunca foi mais bela a sua figura de lutador.

Ele foi sempre tão inquebrantável no ódio como no amor, pois que o seu ódio e o seu amor não eram mais do que aspéctos, só aparentemente contraditórios, da sua magnanimidade, duas faces da sua sempre ansiosa fraternidade, do seu sonho imperecível de igualdade, da sua aspiração indómita de liberdade!

Qual foi a hora mais alta da sua vida política? — pregunta-se.

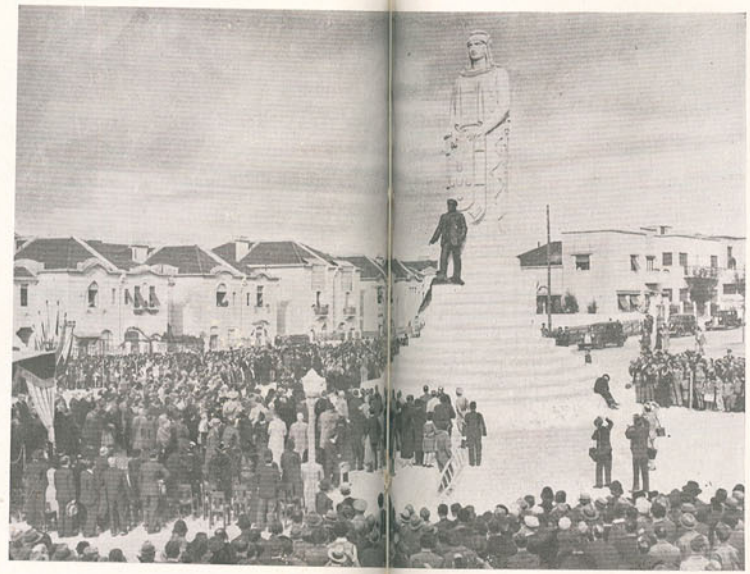
Horas altas na sua vida contam-se muitas, tantas viveu em nobilíssimo combate, em exaltação de civismo — a sua devoção patriotica não esmorecendo até ao último alento, e a sua bondade acrisolando-se até limites sobre-humanos, na dôr, nos flagícios, na provação incomparável dos últimos anos para todos nós tão entenebrecidos.

Mas o momento mais solene da sua vida foi, sem dúvida, o da União Sagrada.

Para ela trouxe, em holocausto, votivamente, como no altar da Pátria, tudo o que podia dar à Nação, bem mais do que podia exigir-se a um cidadão, mesmo em tal hora, e ainda quando o cidadão fôsse de tão singular envergadura.

Ele trouxe-lhe o sacrifício da sua posição de chefe de partido — nos seus olhos turbando-se o olhar inquieto dos seus correligionários dedicadissimos, que tinham para êle a cruel censura de abandono; — arrostou com a maledicência infamante, que interpretaria a sua extrema abnegação, como vil cubiça do poder, e calcou aos pés, humilde, estoicamente, todo o seu orgulho de homem.

Sem esta inultrapassável prova, sem esta decisão suprema, a intervenção militar de Portugal na Grande Guerra seria impossível — os nossos destinos históricos irremediàvelmente comprometidos.



Um aspecto da multidão

Estamos salvos! — E o grande Junqueiro, proclamando-o, tinha lágrimas de alegria heróica.

E estavamos — apesar de tudo...

Desviemo-nos do espectáculo tremendo do fim do ano de 1917. Apazigüemos a melancólica tristeza que causa o horror da guerra civil, volvendo ainda à luminosa vida de António José de Almeida.

* * *

O "ultimatum" de 1890 desperta Portugal dum leal marasmo. Todo o país reage à afronta; a Nação vive!

E nêsse momento que António José de Almeida surge para a acção política.

Entre tantos môços cujo talento e hombridade avultam até à consagração pública — como Afonso Costa, João de Menezes, Augusto Barreto, Silvestre e Paulo Falcão, Barbosa de Andrade, Arnaldo Bigotte, Fernando de Brederode, Malva do Vale — António José de Almeida impõe-se como um verdadeiro chefe.

Não era o seu talento só que destacava; dêsde logo a perfeita unidade da sua vida mental e moral se afirmava, prestigiosamente.

Havia nêle mais que a fôrça de pensamento; a absoluta sinceridade da sua fé firmava o seu fervor de apostolado.

Dêsde o início, a sua eloqüencia é magnética; o seu verbo flue, alteroso, envolvente, subjugante. Não convence sòmente; funde espírito e coração, alicia, invade, possue.

Há quem, cortejando a popularidade, demande situações vantajosas, estabeleça influência, crie renome de que aproveitar, ponha a render os belos gestos.

António José de Almeida não reserva nada para si, para a sua vaidade, para o seu interêsse; êste apóstolo e caudilho vai pelo seu caminho prégando a verdade, espalhando o bem, afirmando a coragem, combatendo e cantando, como uma torrente benéfica, sempre a acudir à sêde de justiça, sem pedir salário.

Nem sente a sua grandeza... Ela é tão do seu natural!

A sua mocidade é um blóco de amor — de bondade, de energia, de civismo, de abnegação — tôda nimbada dum clarão astral.

Uma cabala de lentes exclue-o do professorado universitário, a que ascenderia pelas suas classificações, bem ganhas. Num relâmpago de cólera, liquida o incidente pessoal, como se fôra, na sua carreira, um simples episódio sem importância; mas porque a miséria de tais lentes tenha, socialmente, um significado alarmante, no seu livro "Desafronta" marca-os a fogo, como réprobos. Não sem inscrever, a bronze e oiro — êste homem é sempre o mesmo! — como incentivo e exemplo, os nomes de três verdadeiros mestres e indefectiveis Daniel de Matos, Reíoios e João Jacinto, que, ligados ao seu nome imperecível, quero hoje recordar aqui, saüdosamente,

Nêsse livro há um capítulo consagrado à revolta de 31 de Janeiro, no qual brilham páginas de uma magnífica e perturbante beleza.

É isto por 1895: a derrota do Pôrto e a morte de José Falcão dir-se-ia terem apagado todos os estímulos de acção republicana.

E António José de Almeida, vai aquecer o seu coração ao sol dos trópicos — concentrar luz e calor com que converta, mais tarde, em labarêda, o arrefecido resquido do Ideal.

Quanto êle moureja! E a sua bondade, a sua inteligência e o seu carácter são uma constelação, perante a qual desmaia o Cruzeiro do Sul!

Através de longos dias de labor estrénuo, de cansados dias de exílio escaldante, António José de Almeida sente como uma imposição do Destino: — implantar a República em Portugal!

E quando nove anos depois, desembarca em Lisboa, quais são as suas primeiras palavras?

— Pois vamos lá então fazer a República!

A sua voz sôa como um clarim de batalha. Chama a todos, acorda a todos, sacode-os, põe-os de pé, conduz-los à fileira e leva-os atraz de si!

E cabouca, e procura o fixe, enche de alicerces, de dedicações, de inauditos sacrifícios, e passa dias e noites, meses e anos, trabalhando, no afan ciclópico!

António José de Almeida — caudilho da República

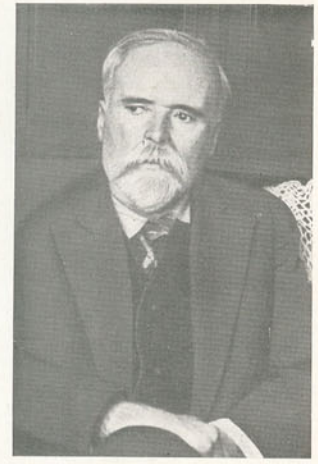
Enfim — em 5 de Outubro de 1910 a República é proclamada.

Na história contemporânea não há nada que exceda ao arranque de coragem e generosidade, êste assombroso sucesso.

Em 5 de Outubro é todo o povo português que aclama a República. Mas dos milhões de homens que conta a Grei, quantos não deixariam de tomar por visionário êste homem simples, despretencioso, pobre, quando, ao desembarcar S. Tomé, proclamára: — Pois vamos lá então fazer a República!?

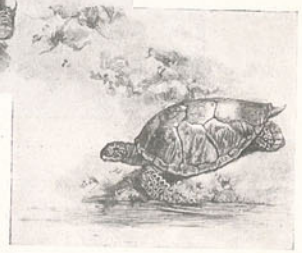
A muitos portugueses enche de glória esse imorredoiro 5 de Outubro.

LOPES D'OLIVEIRA.



Um dos últimos retratos de António José de Almeida

Robinson Crusoë na sua ilha deserta onde viveu durante vinte e oito anos a mais feliz existência que um mortal poderia desejar nas suas mais gratas ambições



A PERSONALIDADE DE ROBINSON CRUSOË

Daniel De Foë não foi só o autor de romance, mas também o seu herói

TÔDA a gente conhece o romance *Robinson Crusoë*, havendo até quem relate minuciosamente, uma por uma, tôdas as peripécias aventurosas dessa existência selvagem durante vinte e oito anos numa ilha deserta.

Do autor da obra é que ninguém fala, não obstante ser êle próprio o protagonista, embora em sentido alegórico.

Daniel De Foë e Robinson Crusoë são uma e a mesma pessoa.

Abrindo êste curioso livro de "memórias alegóricas» deparamos com a seguinte declaração do herói:

"Nasci em Nova-York no ano de 1632, de boa família que não era do país. Meu pai, natural de Brema, dedicou-se à carreira do comércio em Hull, adquirindo uma fortuna mais que regular. Retirou-se depois, e foi viver em York, onde casou com minha mãe que pertencia à família Robinson Kreutznaer que logo foi alterado por uma corruptela muito freqüente na Inglaterra, no de Crusoë que tôda a minha família passou a assinar, seguindo-lhe eu o exemplo».

O naufrágio de Robinson

Ora, Daniel De Foë era filho dum magarefe londrino que, à custa de sacrifícios e economia, conseguiu amealhar algumas libras. O pequeno, sentindo uma grande tendência para as letras, estudou tanto quanto lhe foi permitido. Em dado momento, a política empolgou-o de tal maneira que, aos vinte anos de idade, era um dos mais ardentes defensores do duque de Monmouth, filho natural do rei Carlos II e de Lucy Walters, que, como tal, pretendia o trono britânico. Pena foi que a causa defendida por Daniel De Foë tivesse tão maus alicerces.

Pondo de parte a bastardia, visto que grandes reis foram bastardos, era voz corrente que Lucy se encontrava já grávida quando deixou o marido, coronel Robert Sidney, para se oferecer aos braços de Carlos Stuart. Ainda assim, o bastardo não esmorecia nas suas ambições. Entretanto Daniel De Foë, dando largas ao seu engenho, publicava panfletos sôbre panfletos, salientando os defeitos do duque de York e avolumando o carinho que Carlos II sempre manifestara pelo jovem duque de Monmouth, a ponto de o mandar educar em França com os maiores desvelos. Citava ainda o facto de, logo que se deu a Restauração, Carlos II ter feito regressar o *filho* a Londres, cumulando-o de honras e benefícios. Tornando-o conde de Orkney, fazia-o, a breve trecho, duque de Monmouth, cavaleiro da Jarreteira e capitão das guardas.

Mas tudo isto era ainda pouco para se provar a filiação dum aventureiro e ainda menos para a sua legitimação.

Daniel De Foë defendia uma causa perdida, comprometendo-se gravemente nas conspirações que foram urdidas, especialmente na do *Meal-tub* e na do *Rye-house* que tinham por fim dar cabo do duque de York e do próprio rei.

Devemos ter em conta que a alma danada de tôda esta intriga era o conde de Shaftbury que, sendo inimigo mortal do duque de York, aproveitava o ensejo para acirrar as ambições do filho da Walters. Ao cabo de várias tentativas, deu-se o combate decisivo em Sedgemoor, perto de Bridgewater em que o desvairado pretendente foi completamente derrotado, preso e conduzido a Londres.

Daniel De Foë batera-se como um leão. Grande foi a sua mágoa ao saber que o duque de Monmouth, após mil e uma humilhações a que se prestara, havia sido a decapitado em Towerhil.

Afinal, o rei Jaime II, tendo sido tão cruel para o seu irmão natural, não conseguiu consolidar o seu poder. Dois anos depois, a cidade de Londres revoltou-se e escolheu Guilherme de Orange para seu rei. Jaime II, abandonado até de sua filha Ana e de seu genro Jorge da Dinamarca, teve de fugir para França, onde viveu duma larga pensão que Luiz XIV lhe estipendiou com a sua conhecida prodigalidade. Antes de se pôr em fuga, Jaime dirigiu um manifesto aos *lords*, em que dizia "ser obrigado a exilar-se voluntariamente, visto achar-se pouco seguro no reino, em face dos modos indignos usados para com êle». Acrescentava ainda "esperar que, um dia, o povo reconsiderasse e o chamasse ao trono que lhe pertencia». No entanto, os nobres não quizeram que tal manifesto fôsse lido, e nomearam rei a Guilherme de Orange.

Novamente entra em cena Daniel De Foë ao aperceber-se de que alguns maus patriotas classificavam Guilherme de *rei estrangeiro*. Mais panfletos e alguns poemas políticos, entre os quais o célebre *The True-born Englishman* que tanto deu que falar.

De Foë era infatigável. Subindo ao trono a rainha Ana, publicou um novo panfleto que, por ser mal compreendido, lhe valeu a afronta de ser exposto no pelourinho, e a prisão em Newgate durante dois meses.

Repare-se na popularidade de Daniel De Foë, apesar de viver numa época em que brilhavam os talentos de Pope, Addison, Swift, Allan, Ramsay e outros grandes escritores. O povo, afrontando a brutalidade dos guardas, corria ao pelourinho onde De Foë era exposto a cobri-lo de flores e bênçãos.

Quando foi restituido à liberdade, fundou uma revista que durou nove anos e em cujas colunas defendeu as ideias liberais.

Em 1713 voltou a ser preso, por motivo das suas afirmações audaciosas. Foi neste momento que chegou a desilusão. Tinha uma aspiração elevada e sublime: contribuir para o bem da Pátria. Em face do egoísmo com que deparou em tôdas as camadas sociais, desistiu do seu aliás louvável intento. Sonhara uma utopia!

Foi então que renunciou por completo à vida política, para se dedicar à literatura.

Começou a escrever o *Robinson Crusoë*, cuja influência literária foi formidável. Nada havia nesta obra de romanesco ou artificial. Pode dizer-se que êste romance revolucionou o meio literário inglês que, nessa época, se limitava à rotina dos romances à Scudèry.

Daniel De Foë triunfava, por fim, ao cabo de tantas e tantas contrariedades.

O herói do romance, Robinson, possuído pela paixão das aventuras, acaba, depois duma tempestade em que pereceram todos os seus companheiros, por alcançar uma ilha deserta na embocadura do Orenoco. Ali, durante vinte e oito anos, vive só e, por maravilhas de energia paciente e de inteligência prática, refaz o longo caminho que percorreu a humanidade desde as suas origens bárbaras, encontrando a arte de construir uma habitação, de lavrar, semear e fazer pão, etc. Ao mesmo tempo a sua alma eleva-se, encontra Deus, e resigna-se. A única dor de Robinson é estar só e nunca ouvir o som de uma voz humana. Depois, perde de repente a tranqüilidade, descobrindo que abordam à ilha algumas vezes os antropófagos. É das mãos dêles que tira aquêle que vem a ser o seu companheiro e fiel servo, o dedicado "Sexta-Feira».

Robinson é, enfim, repatriado por um navio que passa naquelas paragens. O interêsse do romance não está na verdade psicológica, mas na abundância de pormenores minuciosos que dão uma impressão surpreendente de realidade.

Vejamos agora a relação que existe entre o autor e o seu herói:

De Foë faz nascer Robinson vinte e nove anos antes do seu próprio nascimento. Seguidamente a êsses vinte e nove anos, os acontecimentos da vida do escritor desenrolam-se por forma alegórica.

Daniel De Foë exposto ao pelourinho, rodeado pelo povo que lhe atira flores e o avaciona

Por exemplo: Daniel De Foë abandona o seu lar—enquanto Robinson embarca para a sua vida de aventuras.

Robinson valendo-se dos seus recursos de pescador na ilha deserta

De Foë indispõe-se com os seus amigos e separa-se dêles por completo — enquanto Robinson naufraga nas costas duma ilha deserta.

Na Inglaterra deflagra uma revolução — enquanto na ilha deserta passa um furacão seguido dum violento tremor de terra.

De Foë ganha algum dinheiro com os seus trabalhos literários — enquanto Robinson recolhe a sua primeira sementeira de trigo.

De Foë publica uma, duas, três, quatro, cinco criações — enquanto Robinson apresa uma, duas, três, quatro, cinco cabras.

De Foë é exposto no pelourinho — enquanto Robinson quási se afoga.

Finalmente, durante os 28 anos solitários de Robinson na ilha deserta representam os 28 anos que podem ser contados desde 1687 a 1715, e durante os quais De Foë permaneceu só, desgostoso com todos os seus amigos.

Embora se diga que o autor do *Robinson Crusoë* se inspirou na vida dum marinheiro escossês de nome Alexandre Selkirk, que depois de várias questões com o seu capitão, foi abandonado, a seu pedido, na ilha de Juan Fernandez, onde viveu durante quatro anos, o Robinson, o verdadeiro Robinson Crusoë é o próprio Daniel De Foë.

Para as almas desiludidas nada de mais apetecível poderia haver do que uma ilha deserta!

HUMORISMO

DIZIA um espanhol:
— Já vi um mergulhador demorar-se meia hora dentro de água!
— Dizia outro:
— Pois eu vi um que ficava hora e meia, de relójio na mão, no fundo do mar.
— Isso não é nada — acudiu um outro — vi um sujeito que se atirou de uma barca ao rio Ebro há três anos, e nunca mais veio á tona de água!...

■

Num baile, um sujeito lamentava-se da monotonia das conversas.
— É uma cousa por demais, — dizia êle — sempre pedantes que só falam de si e se elogiam a êles próprios.
— Tem razão — comprovou um dos do grupo — eu nunca me louvo, e, no entanto, sei bem que sou de origem muito nobre, que tenho uma grande fortuna, e sou bonito e inteligente, mas não falo nunca disso. Se tenho muitas boas qualidades, a única de que faço verdadeiro caso, é da modéstia.

Leonilde (com tristeza):
— Eu julgava que ia tudo tão bem, mas agora, justamente, êle ofereceu-me de presente vinte caixas de papel de cartas com as minhas iniciais.

■

Um médico homœpata a um amador de quadros:
— Quais os seus sentimentos a respeito do belo sexo?
— Eu lhe digo, doutor, gosto da Madona, e detesto a Beladona.

■

No mercado do peixe.
— Diga-me, mulherzinha, quanto custa esta eirós?
Cinco escudos.
— Irra que é cara! Ainda se ao menos estivesse fresca...
— Ora essa! Se ela ainda está viva!...
— Isso não é uma razão: também você está viva e já não está nada fresca.

■

Marido e mulher estão na cama. Sentem bulha no andar de baixo.
— O que é isto, Antónia? — pergunta o marido.
— Parece que são ladrões!
— Vamos vêr! — diz êle muito alto e movendo-se muito devagar. — Pega tu na luz e não tenhas medo.
Agarra num revólver, na bengala, e diz á mulher:
— Vai adiante para alumiares. Eu protejo-te.
Chegam á sala de baixo, e o marido diz para a mulher:
— Vê nesses quartos. Eu fico aqui na escada para não deixar fugir algum patife que aí esteja escondido. Não tenhas medo!
E enquanto êle, feroz, terrivel, permanecia nos últimos degraus, ela a tremer, entrava em todos os quartos.
— Não está ninguém? — perguntou êle.
— Ninguém, João.
— Bem! e que estivesse! eu lhe diria! Vamos embora. Eu vou na frente, porque afinal de contas os homens é que têm sempre de ir adiante.
E, ao chegar ao quarto, guardou a arma, disse á mulher que largasse a luz, e acrescentou:
— Hein! se eu cá não estivesse para te proteger, que susto apanhavas!
E deitou-se, ufano do seu egoismo.

■

— Conheço um homem — dizia um gracioso a uma senhora com quem conversava — que entrega diàriamente mais de cem cartas de amor.
— Oh! interrompeu a dama — desejava conhece-lo. Deve ser um Tenório.
— Não, minha senhora. É o carteiro do meu bairro.

■

Numa sala de agricultura:
— Qual é a ocasião mais apropriada de colher laranjas?
— É quando o feitor dorme e o cachorro está preso.

■

— Que tal escreve o Ferreira?
— Mal, meu amigo; só faz bem os SS, e isso quando acaba de jantar.

■

No confessionário:
Uma jovem pouco formosa, mas que se tem na conta de bonita, pregunta:
— Padre, será pecado ouvir dizer que sou formosa?
O confessor, depois de se afirmar nela:
— Decerto, porque seria dar ouvidos á mentira.

Júlia: — A Matilde, gaba-se de possuir jóias de família.
Madalena: — Olha, o anel que o noivo lhe deu, sei eu que já esteve em três famílias antes de vir ter à mão dela.

■

Um gracioso conta uma anecdota muito picante na presença de uma senhora e de sua filha.
A mãe desata a rir.
A filha, em tom severo:
— Mamã, vejo que comprehendeste...

■

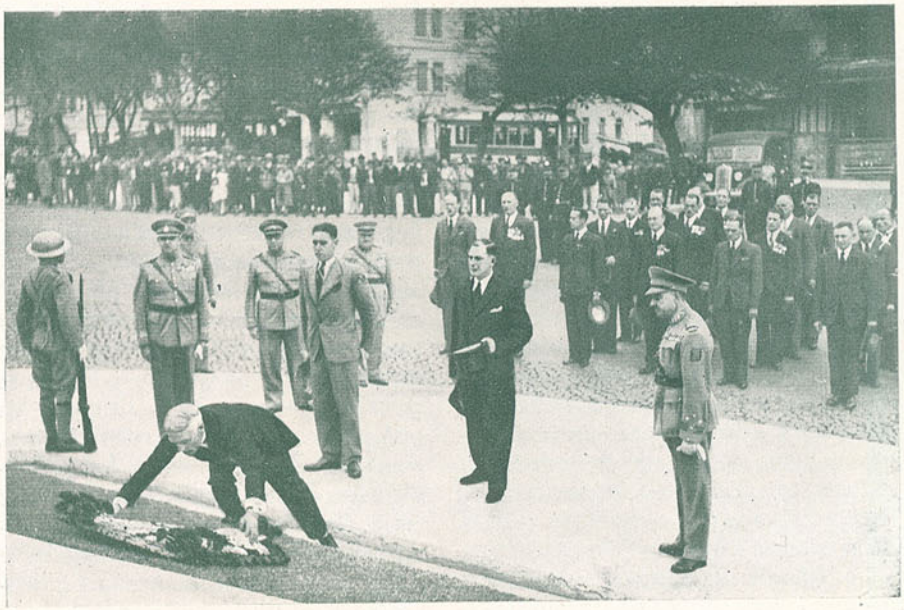
Preguntaram a um avaro porque viajava em 3.ª classe, e êle respondeu:
— Porque não ha 4.ª

■

O juiz — O réu tem mais alguma coisa a dizer antes de eu proferir a sentença?
O réu — Eu, sr. juiz, tinha vontade de dizer a todos: Passem muito bem!

— Como a minha mulher era tão gastadora, presenteei-a com um manual de economia doméstica!
— E deu resultado?
— Deu! Proibiu-me logo de fumar!

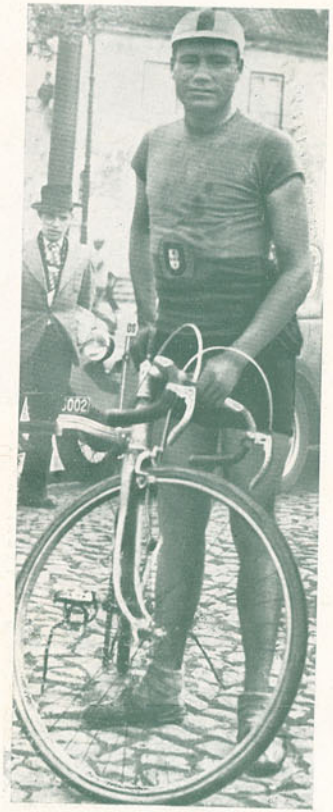
O XIX ANIVERSÁRIO DO ARMISTÍCIO



Os adidos à embaixada de Inglaterra depondo flores no monumento aos mortos da guerra. Senhoras portuguesas e estrangeiras, pertencentes à *Fidac*, depuzeram uma coroa com flores simbólicas de cada país, parte das quais vieram expressamente pelo *sud* para êsse fim. As flores eram: margaridas, Bélgica; cravo-rosa, Checo-Eslováquia; papoila, Estados Unidos; centaurea, França; papoila, Grã-Bretanha; açucena, Itália; pionia, Jugo-Eslávia; papoila, Polónia; cravo vermelho, Portugal; violeta, Roménia

Mais uma comemoração do armistício em que os combatentes da Grande Guerra patentearam a sua fé patriótica tão ardente como há dezanove anos quando a Pátria careceu do seu sacrifício. Ao vê-los desfilar junto do monumento aos seus camaradas mortos, notava-se-lhes a mesma fé de sempre e a firmeza com que derramariam ainda uma e mil vezes o seu sangue generoso pela terra abençoada que lhes foi berço. A gravura acima mostra o toque de sentido para dois minutos de silencio sôbre a cripta dos combatentes no cemitério do Alto de S. João

O desfile dos antigos combatentes na Avenida da Liberdade, em frente do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, em cujo pedestal o representante do Chefe do Estado, membros do Govêrno e altas individualidades depuzeram flores. No imponente desfile dos combatentes encorporaram-se delegações dos seus camaradas franceses, italianos e belgas. Impressionava vêr êsses bravos marchando com a mesma decisão que os impulsionava há dezanove anos, em defesa da sua querida Pátria



O sportinguista José Marquês vencedor no Campeonato de Portugal de fundo e um dos melhores ciclistas no conjunto da época

A QUINZENA DESPORTIVA

A actividade do desporto em Portugal pode, durante estes quinze dias decorridos, considerar-se exclusivamente concentrada nos primeiros embates dos campeonatos regionais de foot-ball.

É cedo ainda para formular juizos de previsão e a única hipótese plausível imediata é aquela que distribuirá em Lisboa os três primeiros lugares aos três competidores chamados "maiores", Belenenses, Benfica e Sporting. A incógnita persiste quanto ao favorecido pela sorte grande, porque afinal os acontecimentos provam a volubilidade de forma dos nossos grupos e a pouca confiança que podem valer os seus êxitos.

Quando escrevemos estas linhas, o Sporting é o único a conservar-se invicto, somando tantos triunfos quantas as exibições o que significa que nem o empate concedeu a qualquer dos seus adversários; mas os últimos jogos que disputou não mereceram crítica favorável, deixando a impressão da possibilidade de desaire próximo, por incerteza no valor do conjunto.

Na época que decorre, olha-se desde início com particular interêsse para a evolução de forma dos jogadores de melhor classe, com os quais o seleccionador nacional Cândido de Oliveira virá a constituir a équipa representativa portuguesa, chamada a pesadas responsabilidades no campo internacional, onde a esperam jogos difíceis e de interêsse extraordinário.

Entre os encontros assegurados contam-se aquele em que defrontaremos a Suissa em prova eliminatória da Taça do Mundo e a visita que iremos pagar à Alemanha; dos outros, apenas projectados, o mais sensacional seria o de reatamento com a Espanha cuja organização as duas federações se empenham em concluir.

A situação excepcional criada pela guerra e pela divisão do território do país vizinho em dois Estados, representa um obstáculo grave porque a Federação Internacional decidiu já há tempos proïbir quaisquer relações das suas filiadas com os organismos espanhóis. O assunto voltará a ser apreciado numa próxima reünião do conselho director marcada para o mês corrente em Paris mas não se nos afigura provável uma solução conciliatória.

Seria necessário, nesse caso, procurar outra forma prática de alcançar o objectivo visado, pois é tal o seu relêvo que merece todos os esforços no sentido de tornear quantos obstáculos venham a surgir no caminho do êxito.

Entre as várias hipóteses possíveis para realizar o encontro do nosso grupo nacional com a équipa representativa da Espanha Nacionalista, apresentaremos como mais simples e eficaz, aquela que consistiria em rotular a pugna de militar, por acordo entre as respectivas autoridades dos dois países e adoptando o mesmo critério largo de selecção que outrora valorizava os Lisboa-Madrid de idêntica categoria.

■

Se naqueles desportos onde os resultados dependem da capacidade muscular as mulheres são forçadas a confessar-se inferiores aos atletas masculinos, o mesmo não sucede em certas modalidades, como a aviação de velocidade ou de longo percurso, nas quais a audácia, o domínio nervoso e também a resistência física são virtudes prodominantes para o triunfo.

Uma rapariga inglesa de pouco mais de vinte anos, Joan Batten, que por diversas vezes se assinalara já à atenção do mundo pelos seus vôos audaciosos e se apresenta como a digna sucessora da malograda americana Amélia Earhart, acaba de conquistar novos louros percorrendo o itinerário Austrália-Inglaterra em 5 dias, 18 horas e 15 minutos, melhorando de 16 horas e 40 minutos o antigo *record* do seu compatriota Broadbent.

Recordaremos que em outubro do ano passado a mesma Joan Batten, partindo de Londres para visitar a família que reside na Nova Zelândia, gastara no percurso até Sidney 5 dias, 21 horas e 3 minutos, tempo que também constitui *record* da viagem naquele sentido e veio substituir o mínimo precedente que era pertença do mesmo H. F. Broadbent.

A graciosa aviadora serviu-se dum pequeno avião de turismo de 205 c. v. que atingiu a velocidade de cruzeiro de 230 quilómetros à hora; nunca recorreu durante o trajecto ao vôo nocturno, aterrando nas diversas escalas antes do crepúsculo para partir ao dealbar a fim de manter a média de 2600 quilómetros diários, na distância total de 14.650 quilómetros.

O ciclista italiano Bartali, campeão de Itália, herói infeliz da Volta a França, considerado o melhor corredor do mundo durante a época que findou

Joan Batten, denominada pelos seus compatriotas a "rapariga dos nervos de aço" deu prova duma energia excecional porque as condições atmosféricas nem sempre lhe foram favoráveis.

Além dos melhores tempos no percurso Austrália-Inglaterra e Inglaterra-Austrália, esta aviadora possui ainda os records de Inglaterra-Nova Zelândia em 11 dias 1 hora 25 minutos e Inglaterra-Brasil em 2 dias 13 horas 15 minutos.

■

O *record* da hora em bicicleta estabelecido em Milão há um ano pelo holandês Slaats, com 45km,558, ao qual nos referimos na passada crónica, durou ainda muito menos tempo do que auguráramos. Evidenciando uma persistência e fôrça moral admiráveis, o francês Maurício Archambaud, na mesma pista do velodromo Vigorelli atingiu, após três tentativas falhadas por furo das câmaras de ar quando o horário de marcha parecia triunfal, a distância decisiva de 45km,840.

O novo "recordman" é um dos mais populares estradistas franceses, cuja actividade desportiva começou como amador em 1927 e teve a sua primeira página gloriosa cinco épocas mais tarde vencendo o Grande Prémio Wolber, prova em cinco jornadas e reservada aos novos, na qual foram seus mais directos adversários dois homens que também fizeram boa carreira; Lapébie e Speicher.

Pequeno de estatura, mede apenas 1m,60, Archambaud que conta 29 anos, é um atleta bem musculado, de resistência comprovada, vontade de ferro, vencedor pelas suas qualidades desportivas da aragem de glória que agora o bafejou.

■

A época do ciclismo em Portugal encerrou-se com os campeonatos nacionais de velocidade, cuja organização foi uma verdadeira lástima e cujo interêsse esteve em relação com o número mínimo de concorrentes que apareceram a disputá-los.

O desporto da bicicleta está vivendo com o balanço adquirido nos anos precedentes de áurea actividade; os despiques e a insuficiência dos dirigentes vão derruindo pouco a pouco o edifício trabalhosamente construido e se a situação não mudar dentro em pouco voltaremos ao marasmo donde o ciclismo fora arrancado pelos esfôrços da iniciativa particular.

Os cuidados da caquética União Volucipédica Portuguesa concentraram-se êste ano muito especialmente na organização de corridas dentro do Parque Eduardo VII; fora disso levou a efeito os campeonatos nacionais, o Pôrto-Lisboa e duas das três provas que anunciara classificadoras para o campeonato regional do distrito. Tudo o mais que houve foi promovido por intidades não oficiais.

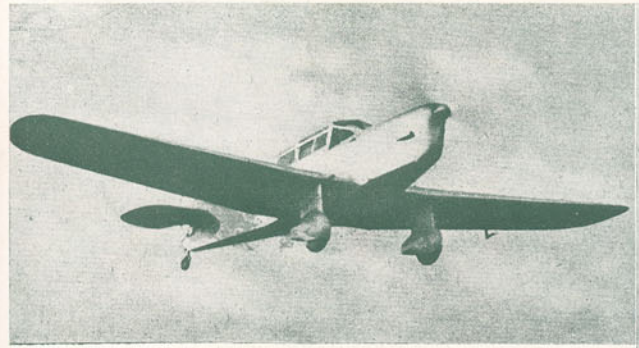
Foram 13, entrando em conta com os dois circuitos do Parque, as corridas oferecidas pelo país fora à competição atlética dos corredores lisboetas, dos quais saíram vencedores: 5 vezes Ildefonso Rodrigues, 2 vezes Nunes de Almeida, 1 vez José Braz, Aguiar da Cunha, Manuel de Sousa e José Marquês no campeonato nacional.

Nas provas onde se disputava uma classificação colectiva, o Sporting levou a melhor 7 vezes, o Benfica e o Campo de Ourique cada um uma vez.

Se o conjunto das classificações obtidas por cada homem durante a época desportiva fôsse critério adoptado para indicação do campeão, Ildefonso Rodrigues teria conquistado a palma em 1937. Com efeito, atribuindo pontos decrescentes aos dez primeiros de cada uma das treze provas, o corredor algarvio ao serviço do Sporting teria somado 76 pontos, seguido de perto pelo seu colega de equipa José Marquês com 72, e a maior distância por José Maria Nicolau (46 p.), José Manique (42 p.), José Braz (41 p.), Rodrigues da Silva (39 p.), Joaquim de Sousa (37 p.), Simões Alvito (36 p.), Manuel de Sousa (35 p.), Alfredo Trindade (33 p.) e Martins Aguiar (32 p.).

SALAZAR CARREIRA.

O estradista francês Maurício Archambaud, que estabeleceu novo record da hora em bicicleta com 45km,840



O pequeno avião de Joan Batten e a arrojada aeronauta no momento da sua chegada a Londres, concluindo a viagem record desde a Austrália

VINHOS DE PORTUGAL

A desregrada produção dos nossos vinhos, agravada por erradas concepções comerciais, forçaram os poderes públicos a intervir energicamente na defesa dos produtores, comerciantes e consumidores.

Repetidas crises, qual delas a mais grave, tinham levado a vinicultura e vinicultura quasi á ruina total, com incalculável prejuizo para a Economia Nacional visto tratar-se de um dos mais importantes factores do equilibrio da nossa balança comercial. Para êsse efeito criaram-se vários organismos, oficiais uns, corporativos outros, com o objectivo de regular convenientemente a sua produção e comércio e ainda garantir a sua puresa e genuidades, indispensáveis ao seu prestígio nos mercados internos e externos.

Os vinhos regionais portugueses não temem o confronto com os mais afamados de qualquer dos países vinícolas mais adeantados. Temos entre os de mesa os inimitáveis vinhos verdes e os deliciosos da vasta região do Dão, como generosos os do Douro e da Madeira, sem iguais ou similares em qualquer parte, os licorosos da Extremadura, de Carcavelos e de Setúbal e ainda os espumantes naturais tão apreciados dos seus consumidores. Representam estes vinhos a mais importante rubrica da nossa exportação, pesando assim fortemente na Economia Nacional o que de sobra justifica as medidas que para a sua defesa o Estado tem ultimamente promulgado.

Os vinhos do Dão

É a vários títulos privelegiada a região do Dão, afamada pelos belos vinhos que produz e apreciadíssima pelas belezas naturais que encerra que a tornam devéras recomendável sob o aspecto turístico.

Compreende a região demarcada dos vinhos do Dão os concelhos de Mortágua, Santa Comba Dão, Mangualde, Fornos de Algodres, Aguiar da Beira, Satão, Penalva do Castelo, Viseu, Gouveia, Seia, Oliveira do Hospital, Tábua, Arganil, Carregal do Sal, Nelas e Tondela excepção feita das freguesias do Campo, Lordosa, Calde, Ribafeita e Bordiosa, do concelho de Viseu. Ficou desta forma taxativamente delimitada a região produtora dêstes vinhos cujas excepcionais qualidades os afamaram desde há longos anos.

Afim de se regular a sua produção criou-se a respectiva Federação dos Vinicultores, assim como o Grémio dos Comerciantes para regular o seu comércio, constituíndo ambos a União Vinícola do Dão que também pode denominar-se Adega do Dão, com séde em Viseu. Compete lhe a fiscalização da produção e comércio, indicar as regras mais convenientes ao fabrico, à higiene das adegas e armazens, coordenando e orientando a cultura da vinha e a produção e comércio do vinho, em estreita colaboração com a Junta Nacional do Vinho e o Grémio do Comércio de Exportação de Vinhos.

Fornece as marcas de garantia, passa os certifcados de origem e os boletins de análise para efeitos de exportação, estabelece anualmente os preços minímos e regula o período necessário para estágio em armazens. Pode ainda conceder créditos aos vinicultores associados, prprietários, arrendatários ou parceiros, com os seus próprios fundos ou contraindo empréstimos para êsse fim.

Ficou assim oficialmente regulada a situação dos vinhos do Dão e garantidas a genuïdade e pureza dos que se apresentem nos mercados dêsde que acompanhados do sêlo de garantia.

Devéras brilhante a sua representação na última Festa Vindimária em que o grupo de Vil de Moinhos obteve um justificado êxito, tanto pela sua apresentação, como pela simpatia e formusura da sua rainha Georgina Homem Cardoso.

Os espumantes naturais

Queremos hoje referir-nos à indústria dos «Vinhos Espumantes Naturais», preparados pelo processo clássico da Champagne, não só pelo que êles já representam de valioso para a economia nacional, mas, sobretudo, pelas surpreendentes condições geológicas e climatéricas desta linda e privilegiada terra portuguêsa, que, produzindo uma magnífica matéria-prima — riquíssimas uvas de castas variadas — deixam antevêr, para tal indústria, um futuro de ampla prosperiedade.

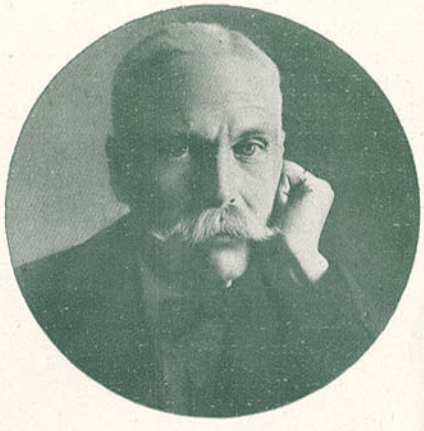
Mas, para que assim aconteça, porque é de capital importância, é absolutamente indispensável que a produção ou fabrico dos «Vinhos Espumantes Naturais» imperiosamente obedeça ao processo clássico, ou seja o que tornou célebres, em todo o mundo, os vinhos espumantes da afamada região da Champagne, graças ainda é certo, à forte protecção que o Estado lhes dispensa através de leis em que a producção, rigorosamente fiscalizada e inteligentemente condicionada, é enérgica e eficazmente dêfendida da competência dos «Espumosos Gasificados Artificialmente».

Também já entre nós os podêres públicos regularam a produção dos «Vinhos Espumantes Naturais» pelo decreto de 7 de Fevereiro de 1933, cujo preâmbulo, porque o achamos interessante e elucidativo, transcrevemos textualmente.

«Considerando a necessidade de desenvolver a indústria e o comércio dos «Vinhos Espumantes Naturais» e «Espumosos», de que existem já no País algumas marcas muito apreciáveis;

Considerando a vantagem de com aquêle objectivo estabelecer garantias da genuïdade e proveniência dêsses vinhos e uma distinção legal entre os fabricados pelos processos clássicos e os parcial ou totalmente gasificados, em harmonia com as resoluções de vários congressos técnicos em que êsses tipos de vinho fôram justamente definidos»;

Esta medida governativa constitue uma manifestação bem clara do grande e justificado interêsse que ao Estado merece o futuro da indústria dos «Vinhos Espumantes Naturais» e seria suficiente para a proteger se o decreto já citado fôsse lealmente observado por todos aquêles que — e muitos são, infelizmente — não querendo ou não sabendo preparar os seus vinhos pelo método champanhês, se dedicam à gasificação artificial, dando logar a confusões de conseqüências bem graves, especialmente nos mercados externos.



Comendador Ex^mo Sr. José Teixeira Rebelo, fundador das Caves da Raposeira

Nesta delicada especialidade da viticultura nacional, conquistou justamente uma posição de verdadeiro destaque a firma Valle, Filho & Genros, Lda. (Caves da Raposeira), coroamento de uma grandiosa obra lançada e levada a efeito pelo Comendador José Teixeira Rebelo Júnior, que, com uma inegualável perseverança e inexcedível tenacidade, após aturados estudos e repetidas tentativas, tanto na escôlha meticulosa das castas de uvas a empregar, como no esmêro da sua preparação, alcançou o máximo da perfeição.

As «Caves da Raposeira», cujo nome é bem conhecido de todos, abrangem um aglomerado de edifícios, que se encontram no caminho de Lamêgo a Viseu, dispondo de uma extensão importante de terreno onde nascem e se desenvolvem as uvas destinadas aos seus «Vinhos Espumantes Naturais» e de armazens e caves, respectivamente, com cêrca de 5.500 e 600 metros quadrados e as temperaturas constantes de 16°,5 e 11°.

Se considerarmos a proficiência técnica dos seus dirigentes, posta á prova durante quási 40 anos de porfiado labor, tanto na parte industrial, como na parte comercial, e ainda o trabalho proporcionado a trabalhadores rurais, operários e empregados, grato nos é reconhecer que as «Caves da Raposeira» representam um apreciável valor na Economia Nacional.

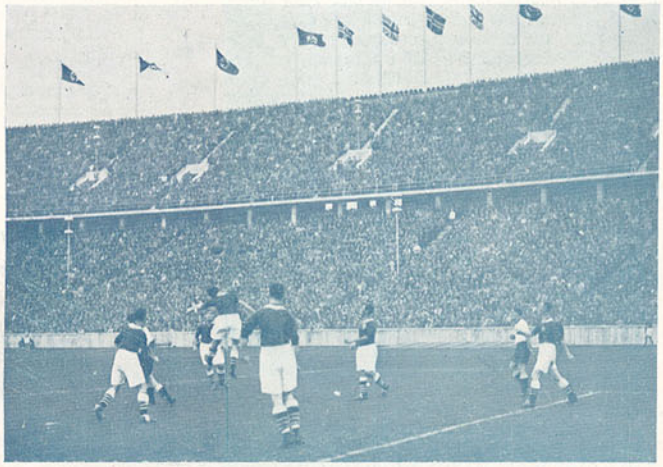
ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS

Um magnífico açor que a Exposição Internacional de Caça, inaugurada em Berlim, apresenta aos seus visitantes

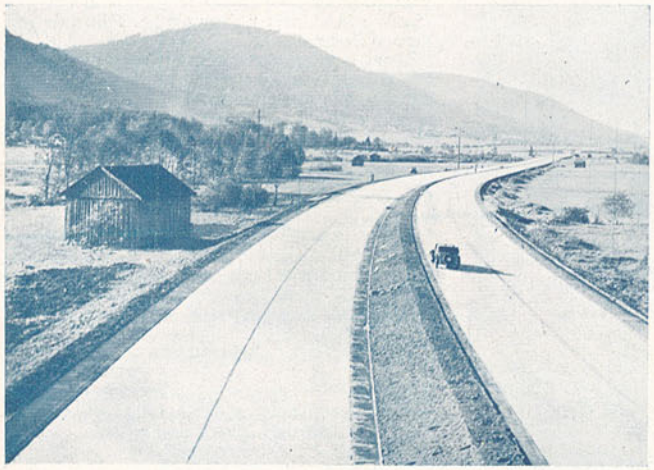
Uma grua que está sendo utilizada para fazer descer os hidro-aviões sôbre a água sem mais evoluções de qualquer espécie

O conhecido monumento em honra das tropas coloniais alemãs o «Ginete da Africa Alemã do Sudoeste», em Windhuk

Um dos poços de mina na Saxónia que entraram novamente a funcionar, após muitos anos de paragem, e aos quais se está dando uma actividade extraordinária



Desafio de *football* entre a Noruega e a Alemanha, no Estádio Olímpico de Berlim, que teve uma assistência de 100.000 pessoas. Venceu a Alemanha por 3-0



A Alemanha alastra cada vez mais as suas estradas. Eis uma vista parcial da recentemente inaugurada entre Munich e Salzburgo e que tem uma paisagem encantadora

Na Exposição Internacional de Automóveis inaugurada há dias em Paris, um marinheiro francês observa atentamente um automóvel duma fábrica alemã de motores

PÁGINAS FEMININAS

ACABADAS as férias regressando ao lar e à vida de todo o ano, a mulher volta a casa, à sua casa, o seu refúgio e de todos os seus, nos longos meses de inverno, meses de trabalho para grandes e pequenos, meses de estudo para as crianças e de preocupações para os grandes.

Acabaram-se as brincadeiras ao ar livre para as crianças e acabaram-se esses dias de vida serena, em que se deitam para trás das costas, as coisas que incomodam e, se vive num cenário diferente, uma vida de repouso e descanso.

De novo em casa voltam os encargos, voltam as preocupações e sôbre a mulher recai a grande responsabilidade da casa.

A casa tem de ser o lar, como a mulher deve ser o centro da família, essa coluna que sustenta uma das mais sublimes instituições da sociedade humada.

Para que a casa seja verdadeiramente o lar é preciso duas coisas, que nela haja o conforto material e o ambiente moral, que torna a família unida e que faz com que marido, mulher e filhos se sintam ligados e unidos nas mesmas alegrias, nas mesmas dores e que formem um conjunto de afectos que torne a família um bloco firme e unido.

Para isso é preciso que a esposa e a mãe, a mulher, tenha a inteligência, a bondade, o espírito de sacrifício, que a façam saber viver para a casa e para os seus.

Evidentemente que a mulher que vive num rodopio de festas, que tem casa para comer algumas vezes, dormir algumas horas, e, que nessa casa só lhe interessam as salas, onde de vez em quando recebe as visitas, não pode esperar que marido e filhos, considerem a casa, o lar, pelo qual todos se devem sacrificar quando seja necessário.

Podem apenas considerar essa casa, como uma temporária hospedaria, onde não encontram êsse «oasis» que o lar deve ser no deserto da vida.

A mulher tem de viver para os seus e para a sua casa, deve tratar êsse ninho dos seus afectos, com todo o carinho, embelezar o ambiente em que vive com os que lhe são queridos, o mais que lhe fôr possível.

É para uma mulher inteligente, habilidosa que saiba trabalhar, há sempre possibilidades, se não pode ter móveis ricos e de luxo, se os seus «maples» e «divans» não podem ser de damasco ou veludo, se os custosos tules não podem guarnecer as suas janelas terá uma mobília em «pitchpine» os seus estofos serão de «cretonnes» alegres e floridos, as janelas enfeitadas com brancas cassas de lavar e engomar, os «abat-jours» feitos pelas suas mãos em papel frisado fácil de substituir, parecerão grandes flores animadas e havendo um grande arranjo, uma limpeza perfeita, a casa será materialmente encantadora.

Para preparar o ambiente moral é preciso que na casa haja uma sala de estar sempre, onde a família se reúna. Essa sala deve ser a melhor da casa, embora se tenha de deixar para a sala de visitas um pequeno compartimento ou mesmo se suprima, por completo, como inútil.

É preferível que as visitas que só algum tempo estão em casa, estejam mal instaladas, a que a família que deve estar sempre em casa, não tenha as suas comodidades.

Nessa sala todos devem ter a sua instalação os seus livros, os seus trabalhos e todos se devem reünir em volta da dona da casa, que ali tem o seu trono de rainha da família.

Neste ambiente familiar, onde há o conforto material, deve haver também o conforto moral dum grande carinho e duma comunidade de vistas e de interesses.

A mulher deve sempre interessar-se pela profissão ou pelos negócios do seu marido, deve poder dar-lhe a sua opinião quando êle lhe pedir. Os estudos dos filhos e as suas predilecções desportivas ou literárias não lhe devem ser extranhas. Deve ler os mesmos livros habituá-los a discutir os livros que lêem, em família, e, assim evitará que leiam êsses péssimos livros que desmoralizam a juventude.

Com as filhas deve proceder como uma mãe que se respeita, e, como uma amiga a quem elas possam confiar todos os seus segredos se tiverem, tornar-se a amiga, das amigas de suas filhas, para evitar que tenham convivência áparte da sua e para assim julgar o caracter daquelas com quem se dão.

A mulher que considera a sua casa como o centro da sua vida e a sua família como o maior interesse neste mundo, tem uma vida feliz e preenchida pelas melhores alegrias.

Isto não quer dizer que a mulher esteja prisioneira, que não saia, que não conviva, nada disso. Deve sair fazer a sua vida normalmente, há um meio termo entre a clausura e a vida de dissipação, que algumas mulheres fazem, dispersando as suas qualidades numa vida de turbilhão, inútil para as outras e nociva para elas próprias, que não têem na vida um interesse sério.

E para a mulher que assim pensa um outono da vida é um desmoronar em tristeza; os triunfos de sociedade acabaram e nada lhe fica, e começa a luta pela mocidade que vai desaparecendo, a mais vã das lutas.

Enquanto que aquela que se dedica aos seus e à sua casa vê sempre decorrer a vida com naturais alegrias, que a cada idade pertencem, tem como tôdas neste mundo, dores, mas tem também grandes satisfações, embora seja apenas, a do dever cumprido.

MARIA DE EÇA.

A moda

É para a mulher um regulamento, a que é necessário atender, o ditame da moda, e, em cada estação ela muda. Variando continuamente em pequenos detalhes, muitas vezes, mas que

têm uma importância enorme, para a mulher que quer ser irrepreensivelmente, elegante, e, que dá a nota do «chic» pelo requinte com que veste.

Mas a mulher verdadeiramente elegante e «chic», não descura a sua «toilette» nunca, e é exigente em apuro, desde a roupa mais íntima, até á «toilette» de baile.

Em casa veste com a mesma elegância que na rua. Nada é mais desagradável do que ver em casa, desleixada e mal vestida, usando vestidos velhos e sem gôsto algum pela sua pessôa, uma senhora que na rua chama a atenção pela sua elegância.

A mulher verdadeiramente «chic» é elegante em casa e na rua e não faz diferença na sua maneira de vestir. É mesmo preferível que seja menos apurada na sua maneira de vestir na rua, e, que cuide a sua «toilette» em casa. Dessa falta de apuro resulta que, muitas vezes se instala no lar a infelicidade, e, que os maridos ao verem suas mulheres desleixamente vestidas deixem de sentir por elas qualquer interesse, e, se deixem envolver pelo encanto de mulheres que vêem sempre apuradamente toucadas e vestidas.

Damos hoje um lindo vestido para casa, último modêlo de Londres, pois que as senhoras inglesas como nenhumas outras, primam pela sua elegância em casa, vestindo muito singelamente na rua.

Em veludo que não amarrota, num lindo tom de verde esmeralda é da maior simplicidade o seu corte. É fechado na frente por alamares em «soutache» do mesmo tom. É elegante e «chic» sendo ao mesmo tempo da maior simplicidade.

Outro gracioso modêlo usado por Betty Furness, a linda «estrela» da Metro Goldwyn Mayer, é também usado em casa pela gentil artista. Saia comprida em veludo preto cortada «à godett» jaquetinha em sêda grossa, «zenanah», muito confortável, justa ao corpo, abotoada á frente em género «boléro» guarnecida por bordados do Tirol, nas mais variadas e garridas côres.

Esta «toilette» além de graciosa é duma simplicidade encantadora e muito prática podendo até utilisar-se para ela um vestido que já esteja visto e que assim fará um novo efeito, pois que a economia pode aliar-se á elegância.

Os vestidos de noite chamam sempre a atenção e ha sempre variedades mas para baile nada ha de mais bonito e que seja sempre usado, do que os vestidos em tule. Para que um vestido de tule seja verdadeiramente bonito, é necessário que seja muito rodado e farto em tule. Damos hoje um lindo modêlo om tule e setim branco.

O corpo é em setim branco «drapé». Uma «écharpe» no mesmo setim passa no pescoço e vem prender no «drapé» segurando-o em graciosos nós. A saia é formada por fôlhas de tule branco ás camadas.

O penteado muito moderno é completamente liso e apenas umas tranças enroladas de orelha a orelha guarnecem a nuca.

Para a rua damos um modêlo modernissimo. Vestido em fazenda de lã «gris» claro num talhe elegantíssimo e tendo por guarnição um elegante cinto com fivela em onyx. Uma «agrafe» em onyx fecha em cima no peito o corpo do vestido.

Sôbre o vestido um elegante «trois-quarts» em fazenda mesclada preta e branca. Esta «toilette» completa-se com uma «écharpe» em veludo preto, chapeu em feltro preto e luvas em pelica preta. É requintadamente elegante.

O mau humor

Nós vivemos na época do mau humor. As festas sucedem-se, as férias renovam-se e prolongam-se. Não se fala senão de divertimentos, de cinemas, de teatros e de viagens. Ha sempre projectos de distração e no entanto o mau humor persiste.

Nos passeios, nas reuniões de família, nos restaurantes, nos «dancings» é curioso observar a falta de alegria, sincera, íntima.

Os homens dizem as suas graças, mas quasi sempre sem o ar de se divertir tendo sempre na voz um tom de ironia ou sarcasmo.

Se guiam o seu automóvel têm o ar contrariado de quem vai por obrigação e não por prazer. Se estão nas praias bocejam sôbre os jornais ou passeiam de mãos nas algibeiras, com o ar de quem se aborrece mortalmente.

As senhoras mostram sempre um ar grave, que dá anciedade a quem as contempla, de onde lhes vem essa melancolia e êsse olhar perdido no vago? Não são felizes?

Nos que vivem juntos sente-se sempre uma espécie de melancolia, de cansaço. Não ha comunicação, cada qual vive a sua vida, só na rua, ou fechado no seu quarto em casa.

Ha como que um ambiente de preguiça moral contra o qual é preciso lutar e dar de novo á família essa alegria e essa união, que a torna feliz e que lhe permite viver alegre em qualquer parte sem a necessidade do cinema, do «dancing» e do divertimento.

Códigos de civilidade

UMA das coisas mais interessantes a notar é que em quasi todos os países, os códigos de civilidade, têm sido escritos por senhoras.

De aqui se deduz, que as senhoras e algumas inteligentíssimas acharam que era necessário dar ao mundo e aos seus patrícios, noções de civilidade, o que nos faz supor que não achavam suficientemente educada a sociedade em que viviam, e, como em geral nesses tratados de educação se regularisam sobretudo, as maneiras em sociedade e a forma dos homens tratarem as senhoras, nós chegamos á conclusão de que muito teria que fazer quem a isso se dedicasse actualmente.

Zilde Nicolai a distinta escritora italiana referindo-se ao assunto diz-nos como em dois anos, cinco ilustres e inteligentes senhoras sentiram a necessidade de publicar livros sôbre o assunto. Bertua Gentile, Elena Morozzo della Rocca, Erminia Vescovi, Lidia Morelli e Daria Malaguzzi.

Sem falarmos no conhecido livro sôbre o assunto, feito em 1899 por Matilde Seras. Só em Itália seis senhoras pensaram em fazer códigos, cheios de conselhos de delicadeza e de atenções!

Que teríamos de fazer nós aqui em Portugal neste ano de graça de 1937?

A mocidade poz de parte por completo tudo o que sejam praxes de delicadeza e ha mesmo um certo acanhamento em ser bem educado, o que se explica fàcilmente, se atendermos á troça de que são alvo aqueles, que educados em família de antiga cortezia, «bota de elástico», tem ainda usos de delicada atenção, para com as pessôas de mais idade e sobretudo para com as senhoras.

É lamentável ver a falta de maneiras da gente de hoje, principalmente a daqueles que atacados de modernismo, são os que mais se exibem na sociedade.

Mas não são só os homens que se resentem da falta de leitura dos códigos de civilidade, são as senhoras e as meninas, que para mostrar que são modernas, mulheres sem preconceitos, livres e com igualdade de direitos aos do homem, usam duma linguagem, que antigamente estava circunscrita aos barrios populares ou ás cavalariças onde os palafreneiros usavam essa linguagem.

Atenções não as ha com ninguém, pois se nem comsigo próprias as têm, colocando se numa situação que lhes permite serem tratadas sem a menor atenção pelos homens com quem convivem.

O que aliaz é natural visto que camaradas, elas fumam e bebem tanto ou mais do que eles acompanham-nos sempre e não lhes deixam ocasião de estar á sua vontade.

Mas se isto continua assim e vai em progresso onde chegaremos! A que a sociedade se torne insuportável e acabe por se dissolver afogado num oceano de má educação.

Esperemos que haja uma reação e que tudo se modifique e que como em Itália se publiquem em dois anos cinco códigos de civilidade.

Higiéne e beleza

NESTA época de delírio de deslocação, o inverno não nos traz a vida pacífica e sedentária que dantes se fazia, nesta época do ano. Ha os desportos de inverno, quando a neve cobre a Serra da Estrela do seu manto de arminho, e, ha sempre todo o ano os passeios de automóvel, que a amenidade do nosso clima, permite realizar sempre. Mas o ar frio e cortante é tão nocivo para a pele como o sol quente e forte e a cutis delicada e fina das senhoras acaba sempre por se ressentir.

Antes de partir untar a cara com o seguinte «cold-cream» que se faz em casa e é muito prático. 200 gramas de gordura de porco, que se derrete em banho Maria durante algumas horas. Depois passa-se numa peneira muito fina, deixa-se arrefecer e bate-se com um garfo como uma «omolette». Ao fazer isto deitar 20 gotas de benjoim e deixar arrefecer. Guarda-se num boião de vidro; aplica-se na cara e em seguida o pó de arroz. Assim defendida a pele suporta o frio e o ar cortante. Para as peles gordas é preferível o uso de crémes que seguem com a seguinte receita:

Ácido esteárico puro 300 gramas, água de rosas distilada 200 gramas, glicerina neutra 900 gramas, lexínia de soda 60 gramas.

Este créme defende, como o outro, a pele do ar e das poeiras e cura a tendência para a gordura o que é da maior vantagem porque nada há mais feio. Nos olhos não usar esses lápis que dão um aspecto doentio, escovar com uma pequenina escova as pestanas, tendo-as molhado em óleo de amêndoas dôces. Fazer o mesmo ás sobrancelhas, ficam brilhantes e com a poeira não derrete.

Receitas de cozinha

Tomates recheados: Escolhem se tomates de mediana grandeza e melhor ainda se estiverem pouco maduros, lavam-se, enxugam-se e abrem-se com a ponta duma faca, cortando-lhes um bocado em redondo na inserção do pé. Pela abertura feita, espremendo-os cuidadosamente, tira-se-lhes parte da água e, com o auxílio duma colher de pau as sementes.

Pela mesma abertura de limpeza, se enchem

o mais completamente possível com o seguinte recheio:

Deita-se numa caçaróla bom azeite e uma porção de cebola picada e põe-se a refogar, junta-se ao refogado, presunto e carne de vaca, passados pela máquina de picar e conservando tudo em lume brando, até a carne estar convenientemente passada.

Tira-se então do lume, junta-se-lhe o miôlo de pão, leite, raspas de noz moscada e ovos; mexe-se tudo até que a massa esteja perfeitamente uniforme. Pode pôr-se sôbre cada tomate um pouco de clara batida, depois de recheiadas, como enfeite.

Os tomates recheados colocam-se num taboleiro de ir ao forno, regam-se com azeite e querendo em vez da clara de ôvo polvilham-se com pão ralado e vão ao forno. A água que ainda ficou nos tomates vai saíndo com o aquecimento, se fôr demais, tira-se do taboleiro ás colheres para que se não dê a cozedura, mas aproveita-se para regar os tomates á medida que o môlho vá secando. O prato quando se serve, deve levar algum môlho.

De mulher para mulher

Exilada: Nunca se está exilada na própria pátria e viver numa linda quinta, não é motivo para estar desolada. Trate de se entreter com utilidade. Hade haver pobres, faça caridade, estude, ensine crianças e com os meios de comunicação que ha agora, tendo automóvel, já vê que não está exilada nem mesmo isolada.

Marieta: A sua amiga que escreva directamente e desejando uma resposta particular, mande uma estampilha de 40 centavos. Outra coisa não posso fazer, e, tenho a minha vida muito ocupada para poder dar «rendez-vous». Compreende que não é por falta de desejo de lhe ser agradável é por falta material de tempo. Faça o casaco como diz, deve ficar muito bem.

Consolada: Estimei imenso ver na sua carta que tomou as coisas como lhe aconselhei e que chegou á conclusão, de que eu tinha razão. Mantenha, agora uma linha de perfeita correção, e, verá como tudo se liquida em bem. Os chapeus modificaram-se bastante, é conveniente mandar fazer o arranjo.

Daisy: A Itália é um país onde se póde viajar de inverno. Ha imensos ingleses que passam o inverno nas cidades italianas. Claro que se arrisca a apanhar chuva e frio e que na primavera ou no outono seria muito mais agradável essa viagem, mas é uma questão de gôsto e poderá distrair-se e instruir-se da mesma maneira no inverno.

Alice: Tenha muito cuidado com essa professora, pois não me parece que deve continuar a ter em sua casa. Não pode ser uma boa companhia para as suas filhas, possuindo tais teorias e pode tornar-se perigosa e escangalhar o seu lar com tais idéas, mas visto essa proteção, use de diplomacia e afaste-a sem que haja escandalo, tornando-lhe difícil a vida em casa.

Mary: Usa-se de tudo e se já se vêm muitas cabeleiras compridas, também muitos cabelos cortados, ondulações ou lisas, a arte está em encontrar o que verdadeiramente favorece em usar isso. Não pode haver regras quando os tipos de beleza são tão diferentes uns dos outros.

A ARTE NAS JOIAS

As jóias essa tentação da mulher e também de alguns homens, pois muitos tem havido na história da humanidade, que tiveram pelas jóias uma verdadeira paixão, são muitas vezes a expressão da arte duma época.

Quem gosta de antiguidades e admira as coisas antigas, acaba por ter um conhecimento tão profundo, que marca sem enganos, a época a que pertence uma jóia.

Seria interessantíssimo reünir numa exposição, jóias de tôdas as épocas das mais antigas às mais modernas e jóias de tôdas as regiões do mundo.

Porque é para notar que em tôda a parte há uma arte especial e diferente para as jóias, assim como cada época tem a sua predilecção por um metal precioso, por uma pedra.

Desde o início da humanidade que a vaidade humana, sempre pronta a adornar-se, instituiu a jóia.

Nós vemos nas descrições bíblicas, que as mulheres adornavam braços e pernas com anilhas de prata e ouro, como ainda hoje o fazem as pretas do sertão africano.

Os brincos essa jóia que tem qualquer coisa de bárbaro, porque para com êles enfeitar a mulher é necessário furar-lhe as orelhas, acto cruel, que a tradição impõe, adornavam com o seu rútilo brilho as filhas de Israel.

As jóias romanas e gregas tão interessantes de ver e que os museus italianos e de todo o mundo expõe, são muito características da época tão marcante foi, que ainda hoje nas jóias italianas se lhe nota a influência. O trabalho de ouro romano, tem nos seus desenhos na maneira como é feito muito do trabalho antigo e há certa maneira de engastar as pedras que é ainda a mesma nos ourives dos nossos dias.

Os diademas romanos em ouro trabalhado e incrustação de pedrarias são dos mais belos ornamentos femininos, que se possam desejar, dão à mulher o aspecto imperial.

Os camafeus em concha que são a glória de Nápoles, têm ainda hoje a mesma forma e representam os mesmos motivos, que aqueles que há dois mil anos ornamentavam os robustos pescoços das matronas romanas ou os seus braços estatuários.

Nas jóias eslavas, essas jóias bárbaras em ouro trabalhado e ornadas por pedras preciosas variadíssimas, jóias, que a aristocracia russa espalhou por tôda a Europa, depois da revolução bolchevista, têm a feição oriental marcadamente acentuada.

Há nessas jóias uma sumptuosidade e um certo aspecto, que marca profundamente a visinhança asiática a variedade nas pedras, esmeraldas, rubis, safiras e pérolas, diamantes e turmalinas reünidas na mesma jóia, não é o gôsto europeu, que em geral emprega só uma pedra ou quando muito faz a junção de duas pedras, brilhantes e rubis, brilhantes e esmeraldas, ou brilhantes e safiras.

Falando das jóias russas não podemos esquecer os trabalhos delicados em esmalte. Ainda não há muito que eu vi uma originalíssima jóia russa, um cinto em prata cinzelada e esmaltada, com os mais delicados e finos esmaltes, incrustadas turquezas, pérolas e granadas, o fecho era feito por dois punhais orientais minúsculos, que lhe davam um interêsse especial e o bem marcado cunho de jóia bárbara e oriental.

Esta inundação de jóias russas no mercado europeu logo após a revolução russa, veio demonstrar-nos que as jóias não devem ser consideradas apenas como um ornamento de vaidade, mas também como uma colocação de dinheiro, embora sem rendimento, famílias inteiras russas, se sustentaram alguns anos com o produto da venda das suas jóias.

Conheci em Biarritz uma vélhinha quási centenária que há anos vivia do produto da venda das suas jóias, pequenina, pobremente vestida esta princesa russa, tinha ornado a sua figura de múmia, com as mais ricas jóias que ficariam bem no turbante dum rajá, ou sôbre o peito do seu «dolman» de setim branco.

De país para país varia o gôsto das jóias, é diferente o seu aspecto. De época para época a arte e o gôsto predominante mudam o aspecto das jóias.

Há jóias antigas lindíssimas há jóias antigas feias, porque em tôdas as épocas houve, há e há-de haver bom e mau gôsto.

No museu de Chumy em Paris há uma linda colecção de jóias, algumas tão antigas, que as pedras não são facetadas, o que lhes dá um extranho aspecto.

Entre nós povo do sul, influenciado pelo gôsto oriental que os nossos navegadores entre nós introduziram houve sempre o gôsto pelas jóias, gôsto que se manifesta desde a mulher do povo, que no seu ouro tem o seu maior luxo.

Ganhar para o seu cordão de ouro, é o primeiro desejo de tôda a rapariga do povo de Portugal desde Monsão a Vila Real de Santo António.

A mulher portuguesa apaixonada por jóias gostando de se adornar profusamente com elas, muito contribuiu para o desenvolvimento da arte de ourives no nosso país. Arte tão aperfeiçoada, que não teme de maneira alguma o confronto com outros países.

É mesmo para notar a quantidade de lojas de ourives que há em qualquer cidade pequena de província, principalmente no Norte do país, e também nas grandes cidades, como o Pôrto e Lisboa.

São célebres e conhecidas em todo o mundo os ourives do Pôrto, que rivalizam em riqueza e perfeição de trabalho artístico com os melhores da Europa e da América.

Em Lisboa sucedem-se as lojas de ourives e os estrangeiros que visitam a nossa capital ficam encantados com as nossas jóias tão ricamente trabalhadas.

Em Portugal na arquitectura predomina o estilo manuelino, nas jóias o D. João V. Há no nosso país nos velhos solares de família jóias sumptuosas e riquíssimas, adereços completos que encatariam uma rainha e quási tôdas, e, os mais belos, são dessa época sumptuosa e rica em que mais se aperfeiçoou, com o ouro e as pedras trazidas do Oriente a nossa já célebre ourivesaria, de que se orgulhavam os nossos antepassados.

Lisboa e Amsterdão foram dos mais célebres centros de negócio de pedras preciosas.

A pedraria que de Ceilão e do Brasil nos vinha tornaram célebres, as nossas jóias que adornaram os colos e os cabelos de nossas avós, e, de que ainda se encontram tão magníficos restos.

Mas hoje a arte de ourivesaria embora imite muito o antigo, nos desenhos e na montagem tem já uma orientação muito sua e muito bonita podemos dizê-lo.

A pérola essa maravilha da natureza, muito imitada e vulgarisada é certo, tem ainda nas jóias um lugar de primazia, que a sua beleza e distinção justificam.

Basta dizer que a pérola essa puríssima personificação do enfeite, é a única jóia que não destôa na simplicidade e frescura duma rapariga de dezoito anos, é como um símbolo de pureza; vinda do fundo do mar, ela parece uma lágrima de sereia.

E quantas lágrimas não custa ela ás vezes? Porque são imensos os pescadores de pérolas, que deixam a vida ao apanhar êsse ornamento precioso da pérfida beleza feminina, que para se ornar, numa inconsciência infantil obriga o homem ás mais perigosas lutas, com féras e com os elementos.

E a pérola essa inocente pérola que expõe aos olhos extasiados o seu oriente, no lóbulo rosado duma orelha, com o seu ar de jóia para crianças, representa a vida dum homem e as lágrimas duma família.

A arte de ourivesaria é hoje em dia perfeitíssima, rica e grandiosa, mas na jóia moderna Paris é sem dúvida quem lança a moda. Marcou o seu lugar na exposição de Bruxelas. Salientou-se pela sua beleza um adereço completo em brilhantes e esmeraldas, do mais fino gôsto moderno.

O colar originalíssimo tem as esmeraldas talhadas em «cabochou» em fórma de pêra e tem a originalidade de ter atraz no fecho um «cabochou» de esmeralda que dá muita graça ao fecho.

Os brincos em «elips» não exigem a orelha furada e terminam graciosamente por uma girândola de esmeraldas em «cabochou».

A pulseira elegantíssima tem o mesmo desenho do colar.

A riqueza deste adereço é fabulosa e mostra que na Europa ainda ha dinheiro, para se fazerem obras de arte em ourivesaria, que nem em gôsto, nem em valor são inferiores ás antigas jóias, que tanto nos deslumbram.

O diadema em género romano, todo em brilhantes, volta a estar muito em moda, e, é duma alta elegância. Numa festa de elegância e luxo nada torna uma senhora tão majestosa como um lindo diadema ornando-lhe os formosos cabelos loiros, ou negros.

Ha agora um género de jóias muito interessantes, que são os «elips» desmontáveis, podendo servir de guarnição em volta do pescoço ou que desmontando-se, fórmam brincos e um pequeno «elips» de mais modesto aspecto.

Esta maneira de dar um aspecto diferente á mesma jóia é uma feição interessante da ourivesaria moderna, que assim corresponde ao desejo de variedade, que a mulher moderna tem nos seus adornos, esta ância do novo, do diferente, que faz da vida da gente de hoje um «motu-contínuo», de deslocação e de movimento, nas modas uma instabilidade que se não conhecia, quando os vestidos duravam anos, sem uma modificação e as jóias passavam de mães para filhas.

MARIA DE EÇA.

A mesa da Presidencia da sessão Solene

O PORTO DE LISBOA
comemora o cincoentenário do início das suas obras

Vão decorridos cincoenta anos da data da inauguração das obras do porto de Lisboa que então constituia a maior e mais justa aspiração da nossa capital que via nela o mais poderoso factor do seu progresso e desenvolvimento.

Os trabalhos realizados durante êste lapso de tempo e os benefícios dêles resultantes foram de molde, certamente a excederem as mais optimistas previsões de então.

Os terrenos lodosos que contornavam a margem direita do Tejo transformaram-se em instrumentos de trabalho da maior utilidade ao mesmo tempo que se saneava a capital exposta a graves doenças causadas pelas inquinações.

Aos cais do nosso pôrto acostam hoje, com a maior facilidade os maiores paquetes com escala por Lisboa e o mesmo teem feito já algumas unidades das marinhas de guerra de várias nacionalidades. Nas oficinas de Reparações Navais os serviços já efectuados demonstram claramente as suas possibilidades. Teem-se ali reparados inúmeros barcos e vapores, vários se teem construido completamente e entre eles se devem destacar alguns dos contratorpedeiros que fazem parte da nossa nova Armada, o que constituiu uma prova flagrante do valor do seu apetrechamento e da habilidade dos nossos operários que são susceptíveis de trabalhos da maior responsabilidade quando convenientemente orientados e dirigidos.

As obras do pôrto de Lisboa não param, antes seguem o ritmo necessário para acompanhar o desenvolvimento sempre crescente do seu movimento, índice claro e insofismável de que a situação económica do País vai entrando numa nova era de desafôgo, percursora de um futuro próspero que se vai aproximando a passos largos.

Deve considerar-se que o ponto de partida das obras do porto de Lisboa data do projecto de lei apresentado às Côrtes pelo ministro das Obras Públicas António Augusto de Aguiar, em 1884, autorizando o concurso para os trabalhos a executar segundo os planos dos notáveis engenheiros João de Matos e Adolfo Loureiro. Em 16 de Julho do ano seguinte foi promulgada a lei abrindo êsse concurso que o empreiteiro Hersent adjudicou, ocupando então aquela pasta Emídio Navarro.

Foi em 30 de Outubro de 1887 que o Rei D. Luís inaugurou solenemente a primeira empreitada das obras da 1.ª secção, data que a Administração Geral do porto de Lisboa comemorou festivamente no dia 30 de Outubro último, véspera do cincoentenário, a-fim-de se aproveitar um dia útil que proporcionasse aos seus convidados o ensejo de assistirem às várias fases dos complexos trabalhos de algumas das suas secções.

Visitaram as modelares instalações dos estaleiros da Rocha do Conde de Óbidos, depois do que percorreram, a bordo dos rebocadores *Cabo Espichel* e *Cabo Raso*, a margem direita do Tejo, observando as obras exteriores, até o Entreposto colonial, seguindo depois para Santa Apolónia onde se realizou, no Armazém de cimento armado, uma sessão solene presidida pelo ilustre Chefe do Estado e em que se fizeram afirmações do mais alto interêsse.

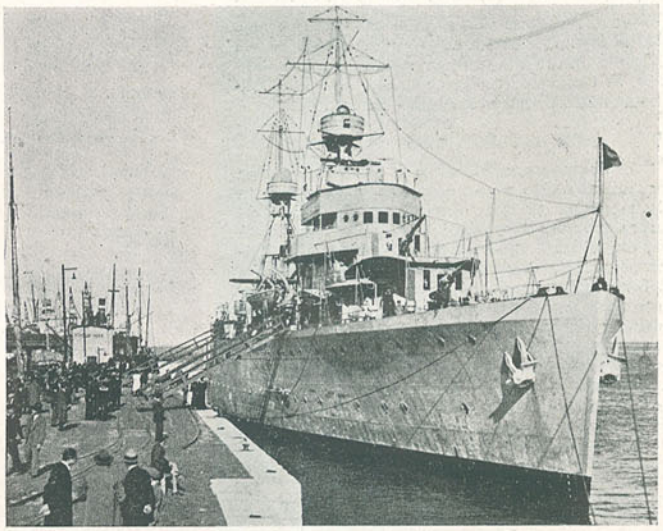
O sr. Administrador Geral referindo se ao aniversário comemorado considerou a obra do porto de Lisboa um dos mais decisivos padrões do desenvolvimento da Economia Nacional e da higienização da capital, por isso que os trabalhos realizados fizeram desaparecer as praias lodosas cujas inquinações provocavam graves doenças. O professor da Cadeira de Trabalhos Marítimos, engenheiro Cid Perestrelo, historiou largamente a fundação do porto e suas obras, classificando-o como um dos melhores de todo o Mundo, com o mais rasgado futuro a assegurar lhe a privilegiada situação de Cais da Europa e referindo se ainda a outros trabalhos e à viabilidade de ligar as duas margens do Tejo, entre Cacilhas e o Cais do Sodré, por um túnel ou uma ponte. Também o sr. Alfredo da Silva, actual concessionário dos estaleiros navais, que representava a Associação dos Armadores de Navios, pôs em relêvo a situação geográfica do porto que uma vez completamente apetrechado tem um papel importante a desempenhar na nossa vida Económica. Por sua parte, nos estaleiros que lhe foram confiados tem empregado os melhores esforços em aparelhar convenientemente as suas instalações.

O sr. Ruy de Albuquerque de Orey, representante da Associação dos Armadores e Agentes de Navegação do porto de Lisboa e que também tinha assistido á cerimónia de 1887 fez um curioso relato da evolução do porto até á sua categoria de internacional de que hoje desfruta, fazendo ainda resaltar o contraste da sua evolução até ao 28 de Maio e desde então até agora, podendo assim constatar-se a obra pacificadora que tão belos frutos nos tem já proporcionado. O presidente da Associação Comercial, sr. Roque da Fonseca reivindicou muito justamente para a sua Associação a glória de ter iniciado o movimento em pról destas obras, esforços que datam de há mais de um século. Foi a todos os títulos interessantíssima a detalhada exposição do papel desempenhado pelo comércio lisboeta a favor do porto de Lisboa.

Encerrou esta sessão solene o sr. Ministro das Obras Públicas que, dirigindo-se ao sr. Presidente da República, lhe afirmou a sua mais alta admiração, endereçando ainda respeitosas saudações ao sr. Presidente do Ministério que certamente ali se achava em espírito. Depois de historiar largamente as fases por que têm passado os trabalhos do porto disse que os anos de 1887 e 1937 ficarão marcados com pedras brancas.

O porto actual

A área da jurisdição da Administração do porto de Lisboa é a parte do estuário do Tejo limitada a jusante pelo enfiamento das torres de S. Julião e Bugio e a montante definida pela foz da ribeira dos Olivais e pela testa da ponte de Alcochete e respectivas margens, nos limites legalmente fixados. Sob o aspecto da exploração os seus cais e terraplenos estão divididos em entrepostos e cais livres, sendo aqueles os de Santa Apolónia, Colonial, Central, Santos e Alcântara. A área molhada é de 11 150 hectares, aproximadamente, e a área terrestre utilisável de 1.950.000 metros quadrados, dos quais 1.850.000 de área descoberta.



O Aviso Afonso de Albuquerque atracado no Entreposto Central

Os cais acostáveis, no comprimento total de 12.250 metros são os de Alcântara, da Rocha, de Santos, da Alfândega, do Entreposto Colonial, do Enclave de Santa Apolónia, do Entreposto de Santa Apolónia e da 3.ª Secção. São cinco as docas sêcas no total de 447 metros e seis as docas de abrigo, ocupando uma área molhada de 450.000 metros. Dispõe ainda o porto de aparelhos de elevação hidráulicos, a vapor e eléctricos, distribuídos por aqueles entrepostos e cais livres, cuja força elevatória varia de 1.500 quilogramas a 10 toneladas, e de duas cábreas, ou guindastes flutuantes, de 50 e 100 toneladas de potência.

Para se avaliar da importância actual do movimento do porto de Lisboa respigamos das mais recentes estatísticas as seguintes cifras referentes ao ano de 1936:

Foram carregadas mercadorias com o pêso de 1 535.928 toneladas e descarregadas 2.394.676.

Passaram em Lisboa os seguintes navios de passageiros: alemãis 259 com 29.959 viajantes, americanos 16 com 79, brasileiros 39 com 4.188, dinamarqueses 18 com 92, espanhoes 5 com 46, franceses 61 com 6714, holandeses 74 com 10.215, ingleses 260 com 27.138, italianos 27 com 16.217, noruegueses 58 com 378 e suecos 9 com 28, totalisando 827 navios e 95 116 passageiros.

Vieram ao nosso porto 9 navios alemãis com excursionistas, que fizeram 24 viagens, transportando 15 746 passageiros; 1 belga, 2 e 477; 4 franceses. 4 e 1.614; 4 holandeses, 5 e 1.336; 23 ingleses, 72 e 38.647; 1 yugoslavo, 1 e 290; 1 norueguês, 3 e 282; 1 polaco, 1 e 612; 2 suecos, 3 e 1.477, o que totalisa 115 viagens e 60.431 excursionistas.

Paquetes de grande tonelagem atracados à muralha de Alcantara

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 2

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Fábula, de Chompré; Rifoneiro, de Pedro Chaves; Dicionário de Máximas. Adágios e Provérbios, de Jaime Rebêlo Espanha; e Dicionário de Sinónimos, de J. S. Bandeira.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS. — Devido a encontrar-se esgotado o Dicionário do Charadista de A. M. de Sousa, deixamos, de futuro, de o adoptar nesta secção bem como o de Adágios de António Delicado que passa a ser substituído pelo Rifoneiro de Pedro Chaves, mais conhecido e usado.

EXPEDIENTE

Temos em nosso poder a colaboração de vários confrades, que tinha sido dirigida ao nosso falecido director, «Rei-Fera», e que tencionamos publicar à medida que dela formos necessitando.

DICIONÁRIO DE MÁXIMAS, ADÁGIOS E PROVÉRBIOS DO SR. CAPITÃO JAIME REBELO ESPANHA

Recomendamos aos nossos confrades o uso dêste importante rifoneiro que, atendendo à original directriz que o seu autor nele estabeleceu, se torna de grande utilidade para os charadistas tanto produtores como decifradores.

PRÉMIOS

Resolvemos considerar sem efeito o sistema organizado pelo nosso querido «Rei-Fera» para distribuïção de dois exemplares do dicionário supra mencionado, oferecidos pela Casa Editora, em virtude de se haverem estraviado algumas listas de decifrações da charada a prémio, e formular o seguinte que nos parece de maior interêsse para esta secção: Conferir um exemplar ao melhor trabalho em desenho, representando um adágio nele verificado, e outro ao melhor trabalho em verso, num pequeno torneio a efectuar no primeiro trimestre do próximo ano compreendendo, portanto, seis números, findo o qual serão nomeados, respectivamente, dois juízes que se pronunciarão sôbre as produções a premiar.

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFO

Provérbios Angolenses

I

(Aos charadistas de Luanda)

1) Zuza, um rapaz de côr preta,
É natural de Luanda
Tinha *grande* «paixoneta» — 8, 1, 5, 8.
Pela quitandeira Manda...

Manda — ou seja Magdalena —
Também preta, por seu mal,
Era um «amor» de pequena,
Mas por demais... liberal.

Nunca tivera uma escusa
P'ra nenhum «conquistador»...
Dava-lhes *sorte*... e o Zuza — 1, 8, 6, 8.
Recalcava o seu furor.

Dizia-lhe uma «sibila»
Mulher velha da sanzala: — 1, 4, 7, 8.
«Honjo qui á môma ô gingíla
«Êne uábêta cotouálla...»

Estas palavras explicam
A frase conceituosa:
«Banana que as aves picam
«E' sempre a mais saborosa...»

Mas o Zuza era um Othelo!
Era valente e brigão!
Volta e meia... zás! duelo!
Entrava a *faca* em acção!... — 5, 2, 3, 8.

E um dia matou a Manda!
Disse a tal «maga» angolana:
«Sange ô avúla ô cossânda
«Uáia ni moquêngue, ngâna!»

Que é um provérbio de preto:
«Pita que muito esg'ravata
«Vai nas garras do gineto!»
Que lhe dá *a morte:* que a mata...

. . . . . .
(Tanta vez vai à fonte a pucarinha
Que lá lhe fica a aza... ou a bequinha...)

Angola *Jorge de Lucena*

CHARADAS

(Á minha querida irmã Ilda d'Eça Monteiro, com a mais profunda amizade)

2) Ó Tejo! por ti sinto nobre aprêço
Ante as máguas dolentes que me ouviste
Numa tarde de luz que nunca esquêço.

Inda suponho ver-te, quando ouviste — 1
Os suspiros dum peito amargurado
Diluírem-se ao longe em brado triste.

Baloiçavas as águas mansamente
E eu nesta minha dor *preserverante* — 3
Ouvia-lhe o murmúrio persistente!...

Ó Tejo! de beleza cativante
Deixa-me, emfim, sonhar a vida pura
No teu leito de espuma em barco *errante*...

Lisboa *Fero (L. A. C.)*

(No 15.º aniversário natalício duma gentil menina)

3) Disse um dia o Criador:
«A Mulher sã, vigorosa,
«Fonte da vida e do amor;
«A espôsa e mãi carinhosa

«Que eu formei sàdia e forte
(«Mens sana in corpore sano»...)
«E dei a Adão por consorte
«P'ra ser mãi do género humano,

«E' *inda* a beleza eterna. — 1.
«Já a Moda a não quer' assim!...
«E eu formo a Mulher moderna...
«Por modêlo um querubim».

Começou. Fez-lhe, enlevado,
A cabeça inteligente;
Cabelo louro, anelado,
De ondulação permanente.

Os olhos, vivos, formosos,
Duas estrêlas do céu.
Os cílios, negros, sedosos,
Como a servir-lhes de véu.

Com duas pét'las de rosa,
Perfumadas, purpurinas,
Fez-lhe a boquita mimosa,
Escrínio de pérolas finas...

Das níveas fôlhas de um lírio
Fez-lhe o colo alabastrino...
— «Vai! E *ordeno* à estrêla-sírio — 2.
«Que te guie em teu destino.»

Formara a divina mão
Da mãi — Eva a nóvel filha...
E Deus disse a S. João:
— «Baptiza essa maravilha!

«E põe-lhe um nome bonito...»
— «O lindo nome de Elisa...»
. . . . . .
E ao longe a estrêla desliza
P'lo céu de *anil* infinito.

Lisboa *Sileno*

ENIGMAS

4) A primeira é a quarta
A segunda é a prima,
O todo tem duas sílabas,
E dá *sorte* na esgrima.

Luanda *Ti-Beado*

5) Entre o montão a mulher
Fala às outras em segrêdo.
Pelo modo de dizer
Deve haver no caso *enrêdo*.

Lisboa *S. Irene*

TRABALHOS EM PROSA

NOVÍSSIMAS

6) *Porque* será que as obras do *porto* de Luanda constituem ainda hoje um *problema*? 1-2.

Luanda *Santo António*

7) O *deus dos pastores* é *alegre* e *mandrião*. 1-2.

Luanda *Ti-Beado*

8) Você *não vai à escola* porque *tem vontade* de dormir a sua *soneca*. 3-1.

Rei Móra

9) O meu *interêsse* é *sòmente* arranjar um emprêgo *lucrativo*. 2-1.

Lisboa *Pimpas*

10) «*Nota*» que o *astro* ajuda a distinguir a *embarcação*. 1-2.

Luanda *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

11) *Afora* isso, *estavas* na *Eternidade*. 2-2.

Luanda *Mrs. Le Bossat*

12) *Alimentei*-me demais e agora tenho *pena* de ser tão *gordo*. 2-1.

Lisboa *Rei Vax*

13) *Além* de dar uma *cabriola* apanhei um *susto*. 2-2.

Lisboa *Ordisi Júnior*

14) *Porque* se põe na *cabeça* o *chapéu*? 1-2.

Alijó *Polybo (L. A. C.)*

15) Essa *gratificação* é um *laço* bem transparente. 3-1.

Mefistofles

SINCOPADAS

16) Aquele homem *falador* compôs um belo *poema*. 3-2.

Lisboa *Nita*

17) Isso é *norma* de fazer um *montão*? 3-2.

Lisboa *Kid Nyo*

18) A rapariga *travêssa* toca bem *pífaro*. 3-2.

Luanda *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

19) É *próprio de mãi* desejar o mais *íntimo* bem-estar a seus filhos. 3-2.

Lisboa *Moreninha*

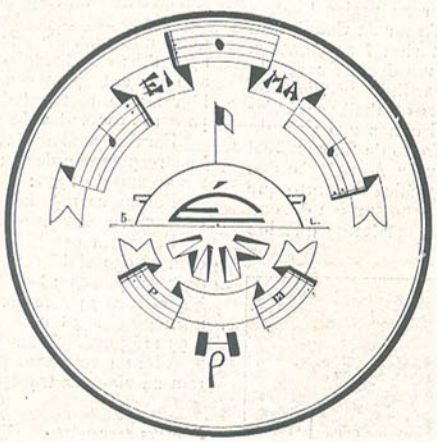
MEFISTOFÉLICA

20) Por *falta de vocação* ainda não adquiri um *ramo de árvore* para fazer um *cadexo*. (2-2) 3.

Luanda *Ti-Beado*

Tôda correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo**, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

21) ENIGMA FIGURADO



Lisboa *Matina*

VIDA ELEGANTE

Festas de Caridade

«Em Colares»

Recebemos com o pedido de publicação da comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, que levou a efeito na esplanada da Adega Regional de Colares, uma festa de caridade, a favor do Preventório de Colares, festa que constou de «Arraial Popular».

Receita: — Entradas, 7.839$50. — Barraca das Iscas, 3.477$25. — Bar, 4.026$40. — Cavalinhos, 1.316$50. — Pesca Milagrosa, 898$50. — Bichas, 2.901$50. — Alfazema, 1.415$50. — Tombola, 1.489$50. — Fitas, 772$50. — Foot-Bal, 35$60 — Sortes, 1.884$50. — Argolas, 276$40. — Alentejana, 4.000$00. — Gelados, 303$45. — Chocolates, 1.453000. — Quebra-Sogras, 252$30. — Combóio, 1.413$15. — Saloia, 505$00. — Chá, 309$10. Ginkana, 131$60. — Percentagem na venda dos chocolates Regina, 390$00. Venda chocolates e e prendas, 334$80. Importância entregue pelo sr. dr. Humberto Pelágio (receita de desafio de Wollei-Ball, 330$50). — De um grupo da Praia das Maçãs, incluindo a rifa de um cão de pano, 210$00. — Total, 36.367$05.

Despeza; — Material, 3.584$25. — Mão d'Obra, 2.576$60. — Iluminação e gratificação, 4.200$00. — Consumo de energia elétrica, 544$30. — Impressos, tipografia, papelaria e selos, 674$60. — Músicos, 1.765010. — Licenças, 25$50. — Transportes, 370$00. — Serviço de vigilancia, 60$00. Despezas privativas do Bar, 1.213$05. — Idem das Iscas, 1.227$15. — Idem dos Chocolates, 68$50. — Idem de Utilidades, 121$15. — Idem de gelados, 200$00. — Idem da Ginkana, 75$00. — Idem do Quebra-Sogras, prato, Foot-Ball, e Tombola, 153$80. - Chamadas telefónicas, 113$20. — Gratificações, 800$00. — Retirado por deliberação da comissão, para a igreja de Colares 330$40. — Total, 17.930$10. Saldo entregue pela comissão de senhoras ao Preventório de Colares, 18.463$95.

Festas Elegantes

«No Palácio Foz»

Estão decorrendo com extraordinária animação os «chás dansantes» que estão levando a efeito nos sumptuosos salões do Palácio Fóz, à Praça dos Restauradores, os conhecidos cronistas mundanos e nossos colegas de trabalho Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, bem como as festas extraordinárias de colaboração com a revista feminina «A Eva» de que é directora a nossa presada colega na imprensa a sr.ª D. Carolina Homem Cristo, haja em vista a de sábado 6 do corrente, em que constou de passagem de modêlos dos principais costureiros parisienses, apresentados por duas das melhores casas do género da capital. Nessa tarde os belos salões regorgitaram de ums selecta e elegante concorrência, em que figuravam os melhores nomes da nossa primeira sociedade.

Casamentos

Na paroquial da Encarnação, em Lisboa, consorciou-se a sr.ª D. Alice Elvira de Almeida Maia gentilíssima filha da sr.ª D. Alice dos Santos Vieira Martins e do sr. José de Almeida Maia, já falecido, com o distinto terceiranista de medicina, sr. Armindo Domingos Ribeiro, filho da sr.ª D. Joaquina Domingos e Luís Domingos, abastado negociante e proprietário em Castelo Branco.

Paraninfaram o acto, que se revestiu de luzida solenidade, as sr.as D. Ester Cardoso e D. Maria Piedade Carmona Gonçalves e os srs. Luis Gonçalves e António Martins, considerado comerciante da praça de Lisboa.

Após a cerimónia, o cortejo nupcial dirigiu-se á residência da mãi e do padrasto da noiva, onde aos convidados foi servido um esmerado copo de água. Os nubentes, que nas suas *corbeilles* tiveram muitos e valiosos brindes, partiram para o Norte, em larga vilegiatura de lua de mel.

— Em Leça do Balio, celebrou-se na igreja matriz, o casamento da sr.ª D. Maria Alzira Pinto da Fonseca Leitão, gentil filha da sr.ª D. Maria Alzira Pinto da Fonseca Leitão e do sr. Olindo Mendes de Carvalho Leitão, com o sr. Manuel Cas miro de Lencastre Pereira Leite, filho da sr.ª D. Maria Carolina de Lencastre Pereira Leite e do sr. Henrique Castro Neves Pereira Leite, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos, presidindo ao acto Sua Excelência Reverendíssima o sr. Bispo de Vila Real, D. António Valente da Fonseca, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, sendo acolitado durante a cerimónia pelo monsenhor Artur Aurélio Pinheiro e pelos reverendos priores de Leça, do Balio e de Paranhos.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Na paroquial de S. Mamede, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Ernistina Tôrres Teixeira Godinho, interessante filha da sr.ª D. Beatriz Júlia James de Oliveira Tôrres Godinho, Já falecida, e do tenente coronel sr. José Miguel Coelho Godinho, com o sr. dr. Manuel Pereira Fernandes Vargas, filho da sr.ª D. Maria Amália Pereira Vargas e do sr. João Fernandes Vargas, servindo de madrinhas a sr.ª D. Laura Serrano Teixeira de Sousa, prima na noiva e a mãe do noivo e de padrinhos os pais dos noivos, sendo o acto presidido pelo reverendo António Dias Borges que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência do pai da noiva um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de prendas no seu automóvel para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Celebrou-se na paroquial de Santa Engrácia, o casamento da sr.ª D. Corina Rodrigues Grova, gentil filha da sr.ª D. Dolores Rodrigues Grova e do sr. Castor Rodrigues, com o sr. José Gonzalez Carrera, filho da sr.ª D. Generoza Carrera Gonzalez, e do nosso querido amigo sr. António Gonzalez Caballero, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a irmã do noivo sr.ª D. Izolina Gonzalez Cabrera, e de padrinhos o sr. Giovanni Quarti, distinto técnico da Sociedade Italo-Portuguesa de Construções e o pai do noivo.

Acabada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Pela sr.ª D. Maria do Carmo Maziotti França, foi pedida em casamento para seu filho António, ao sr. Eduardo da Cunha e Costa (Picoas), como tutor e padrinho, a sr.ª D. Maria Tereza Pinto de Magalhões de Oliveira Soares, interessante filha da sr.ª D. Maria Luiza Pinto de Magalhães de Oliveira Soares, já falecidos, devendo a cerimónia realizar-se ainda êste ano.

— Presidido pelo reverendo Ernesto Nogueira, que no fim da missa prenunciou uma brilhante alocução, celebrou-se na igreja matriz de S. Tiago do Cacem, o casamento da sr.ª D. Maria Luiza Félix da Cruz, gentil filha da sr.ª D. Luiza Helena Nobre Simas Félix da Cruz, com o sr. Joaquim Tomaz Amado de Aguilar, filho da sr.ª D. Mariana da Assunção Amado de Aguilar e do sr. João António Aguilar; tendo servido de madrinhas as sr.as D. Elvira Simões Rodrigues e D. Maria Helena Lamy Neves Amado de Aguilar, e de padrinhos o pai da noiva o sr. dr. Augusto Amado de Aguilar.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, seguindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, para Cuba, onde foram passar a lua de mel.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso na Maternidade Dr. Alfredo Costa, a sr.ª D. Ofélia de Oliveira Hintze Ribeiro, esposa do tenente de cavalaria sr. Francisco Hintze Ribeiro, assistida pelo distinto clínico sr. Dr. Costa Félix. Mãi e filha estão felizmente bem.

— No Candal, no Porto, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria Izabel Vilardebó Chaves de Brito e Cunha, esposa do sr. dr. Eduardo de Brito e Cunha. Mãi e filho, estão de perfeita saúde.

— A sr.ª D. Maria da Conceição Trigueiras da Silveira Lorena, esposa do sr. Vasco da Silveira e Lorena, teve o seu bom sucesso. Mãi e filha encontram-se felizmente bem.

Baptisados

Na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, presidido pelo reverendo Cónego Francisdo Alexandrino Duarte Miranda, celebrou-se o baptisado da menina Maria Filomena, gentil filhinha da sr.ª D. Maria Helena Patrício Lino Neto e do sr. dr. Joaquim Maria de Mendonça Lino Neto, dignissimo conservador do Registo Predial, em Ponte de Sôr, tendo servido de madrinha sua avó paterna sr.ª D. Maria Matilde de Mendonça Lino Neto e de padrinho seu avô materno sr dr. Anselmo Patrício.

— Em Freiredo do Torrão, celebrou-se o baptisado do menino José, filho do nosso amigo sr. Guerra Maio, servindo de madrinha a sr.ª D. Lucrécia Correia Beirão e de padrinho o sr. Diogo de Beirão.

D. Nuno.

Grupo tirado por ocasião do casamento da sr.ª D. Alice Elvira de Sousa Maia com o sr. Armindo Domingos Ribeiro, distinto terceiranista de medicina

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — R. 7, 4, 3
Copas — 5, 4
Ouros — A. B. 9, 8, 7
Paus — D. 5

Espadas — A. 2 **N** Espadas — D. V. 8, 6
Copas — R. D. 7, 6, 3 **O E** Copas — V. 10, 9, 8, 2
Ouros — V. 6, 2 Ouros — D. 4, 3
Paus — A, 7, 6 **S** Paus — 3

Espadas — 10, 9, 5
Copas — A.
Ouros — 10, 5
Paus — R. V. 10, 9, 8, 4, 2

Trunfo paus *S* faz 5 vasas, saindo *O* por Az e 2 de espadas.

(Solução do número anterior)

S joga 5 *c.* que **N** corta com A. *e.*
N joga A. *p.*
N joga 5 *e.* fazendo **S** V. *e.* e R. *e.*
S joga 6 *c.*, **N** 10 *p.* e **E** não tem a que baldar-se sem garantir uma vasa em paus a **S** ou duas em ouros a **N**.

Curiosidade histórica

Samsão o famoso carrasco da Revolução francêsa, era uma espécie de *dandy*. Compreendia a dignidade do seu sinistro emprêgo e pretendia afirmá-la pela pompa do seu trajar. O seu emprêgo era já anterior à Revolução. E foi preciso proïbir-lhe o uso da casaca azul, por essa côr, ser privilégio dos fidalgos. Em laia de protesto, refinou em janotismo. Passou a usar casacas verdes adornadas de rendas. E êste foi julgado de tão bom gôsto, que os rapazes elegantes da côrte adoptaram o feitio e a côr dos fatos do carrasco.

O mais antigo livro que se imprimiu em Inglaterra

Bartolomeu de Glanville, que viveu no meado do século XIV, escreveu uma obra intitulada *De Proprietatibus rerum*, que foi impressa in-fólio por Caxton, em 1480. Foi traduzida para inglês por Trevisa, e impressa por Wynkin de Worde, em 1507. O dr. Dobdin, nas suas *Typographical antiquities*, classifica-a como «um volume de extraordinária beleza e raridade tipográfica».

Foi o primeiro livro impresso em papel, em Inglaterra.

Um alfaiate sem trabalho, de Varsóvia, gastou os seus últimos cobres comprando um pão para dar de comer à família esfomeada.

Ao cortar o pão, encontrou-lhe dentro um diamante enorme, avaliado nalgumas centenas de libras.

O passaporte de Gustavo Doré

Contou-se, há muitos anos já, o seguinte caso sucedido com o genial artista francês Gustavo Doré e que é uma interessante anedota;

Andava êle em excursão pela Suiça, quando lhe sucedeu perder o seu passaporte. Chegando a Lucerna, procurou o competente magistrado civil a fim de solicitar dêle o remédio para o seu caso.

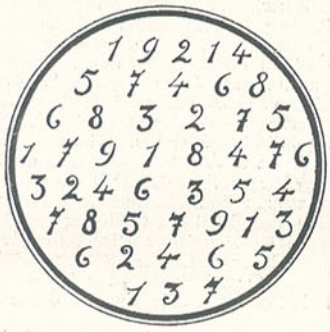
— O senhor diz que é Gustavo Doré, — observou-lhe êle, — e eu não tenho dúvida em o acreditar; mas à falta de melhores testemunhas — acrescentou, apresentando um lápis e um pedaço de papel, - pode prová-lo com tôda a facilidade

Doré, que estava próximo de uma janela, viu daí, na rua, umas vendedeiras de fruta, Em poucos traços, reproduziu a cêna, e pondo-lhe o seu nome por baixo, apresentou o desenho ao magistrado.

— O seu passaporte está em perfeita ordem, — disse-lhe o oficial civil; — mas, ha-de consentir-me que eu o guarde para mim, como uma *recordação*, e que, em troca, lhe ofereça um, da forma legal.

Quebra-cabeças matemático

(Passatempo)



Trata-se de desenhar neste círculo um quadrado no interior do qual fiquem os algarismos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9.

O mais velho casal do mundo

Constam serem Rustam Mamedov e sua mulher Sayat, da Arménia.

As suas idades são, respectivamente, 140 e 116 anos.

Engulindo-se a si própria

Num jardim zoológico da América havia uma serpente com duas cabeças. Essas duas cabeças guerreavam sempre por acasião das refeições.

Um dia, uma das cabeças começou a engulir a outra e a serpente morreu sem ter tido tempo de perceber que se estava a engulir a si própria.

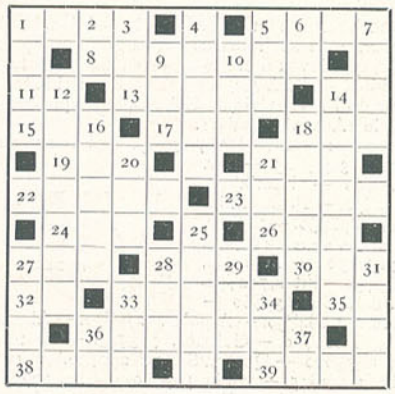
Xadrez

(Solução)

Brancas	*Pretas*
1. D — 8 C D.	R — 3 T D (a, b,)
2. C — 5 D	P × C
3. D — 7 C D +	Mate
(a)	
1.	R × P (C D)
2. D × P	R — 6 C ou 6 T
3. D — 2 C D +	Mate
(b)	
1.	R × P (B D)
2. C — 4 B D	R — 2 D
3. C × P +	Mate

Palavras cruzadas

(Passatempo)



Horizontais:

1 — Fruto comestível. 5 — Cada um dos prolongamentos articulados que terminam pés e mãos dalguns animais. 8 — Aparelhados. 11 — Pronome pessoal. 13 — Enfeitar. 14 — Nota de música. 15 — Verbo ser (francês). 17 — Abreviatura de socorro (telegrafia). 18 — Preposição. 19 — Cabelos brancos. 21 — Licor forte. 22 — Igual. 23 — Quantidade de comida dada aos animais de cada vez. 24 — Bôrra do vinho (inv.). 26 — Verbo dizer (francês inv.). 27 — Rio ao norte da Sibéria (inv.). 28 — Parte do corpo. 30 — Contracção duma preposição com um artigo (plur.). 32 — Bratráquio anfíbio. 33 — Pragana da espiga dos cereais. 35 — Verbo rir. 36 — Desfeita. 38 — Uma das partes de que é constituïdo um avião. 39 — Uma das principais partes de que é constituïdo o corpo dos vertebrados.

Verticais:

1 — Vasilha de barro. 2 — Parecença (inv.). 3 — Argola. 4 — Irmãos. 5 — Magos. 6 — Verbo ser. 7 — Pernada da enxarcia. 9 — Abreviatura de «senhora» (inglês). 10 — Contracção duma preposição com um artigo (plur.). 12 — Funcionário do tempo dos Faraós egípcios. 14 — Aquele que rema. 16 — Peça comprida do arado a que se atrelam os animais. 18 — Cambada. 20 — Abreviatura de «santo». 21 — Mamífero roedor (francês). 25 — Recipiente próprio para água. 27 — Repulsão (interj.). 28 — Título dado aos bispos maronitas. 29 — Vaso para vinho. 31 — Juízo. 33 — Duas vezes. 34 — Combinação de ferro e carbono. 36 — Parte mais larga da perna das rezes. 37 — Artigo (plur.).

— Tens ouvido os boatos escandalosos a respeito da Silvina e do Rogério?
— Ouvido? Ó filha, eu é que os puz a correr!

(Do «Windsor Magazine»).

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS
RESULTANTES DE PROFUNDAS
INVESTIGAÇÕES

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINE

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais

A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos carácteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodiáco.

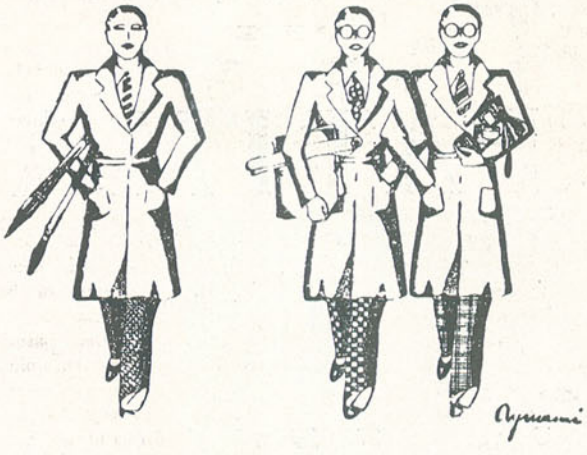
Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, **Esc. 10$00**, pelo correio à cobrança, **Esc. 12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE 2 1308

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Prémio Ricardo Malheiros

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TITÚLOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Snr. «Mariquinhas»—Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... em bainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . **12$00** enc. . . **17$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO

DR. EDUARDO COELHO

Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25$00**

Pelo correio à cobrança, Esc, **27$00**

Á venda em tôdas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

Um grande sucesso de livraria

A APARECER BREVEMENTE
A NONA EDIÇÃO, REVISTA
11.º MILHAR

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**
Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado, com capa a côres e oiro ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança ..... **13$50**

Pedidos aos editores:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda

SAMUEL MAIA

ÊSTE MUNDO E O OUTRO

O outro mundo — Arca de Noé — Êste mundo de agora (1930) — Tempo de 1932 — Tempo de 1935 — Tempo de 1936 — Juizo final

1 volume de 298 págs., brochado . **12$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

A PROSA ADMIRAVEL DUM GRANDE ESCRITOR

À venda a 3.ª edição de

NEVES DE ANTANHO

do CONDE DE SABUGOSA

Ignez Negra. — Amores do Senhor D. Jorge. — D. Brites de Lára. — Um romance na Côrte de D. João II! — Desculpa de uns amores. — A filha de D. Pedro Nunes. — Sóror Violante do Céo. — D. Francisco Manoel de Melo. — Antónia Rodrigues. — Amor aos livros. — Ramalho Ortigão. — Um beija-mão de Ano Bom no Paço da Ajuda.

1 volume de 318 págs., brochado . . . . . **12$50**
Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 3.ª edição

BERNARDES

DA ANTOLOGIA PORTUGUESA
Organizada pelo Dr. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

2 volumes de 274 págs. cada um, broc. Esc. 24$00
Pelo correio à cobrança, Esc. 27$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

À VENDA

o 5.º volume

CAMÕES LÍRICO
(CANÇÕES)

PELO DR. **AGOSTINHO DE CAMPOS**
Este volume completa a obra **Camões Lírico**, da Antologia Portuguesa

1 vol. de 320 págs. broch. ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança..... **14$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

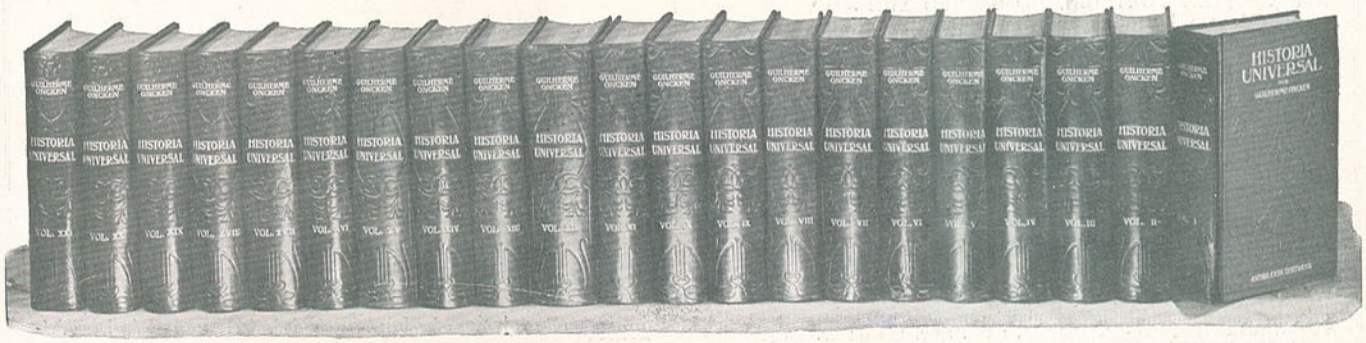
DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por uma deminuta importância



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS

antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17 cm. × 26 cm., 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direitto a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

OBRAS
DE
JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br.... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA

para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são **um álbum e guia da literatura portuguesa** contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, **gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc.** O volume 1.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos **A. Botelho da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Matos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge,** etc., etc.

Cada fascículo de 32 páginas, profusamente ilustradas,

Esc. 10$00

Aceitam-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

ou na

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett — LISBOA

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

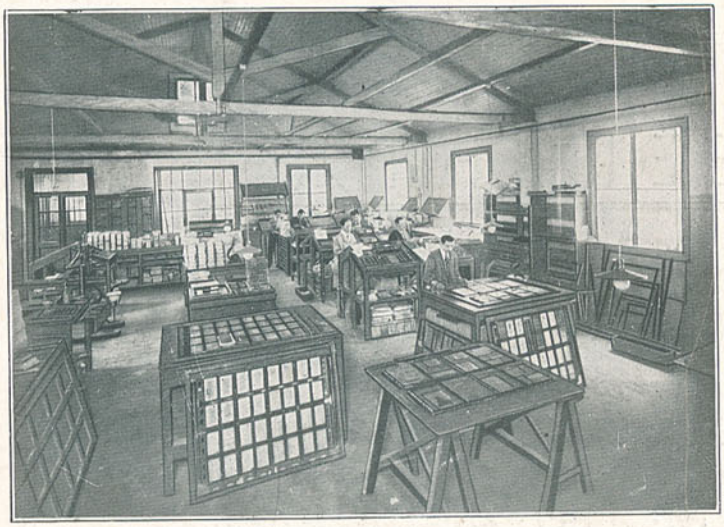
A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 – LISBOA



Oficina de composição

IMPRENSA PORTUGAL BRASIL

Telefone: 20739

RUA DA ALEGRIA, 30

LISBOA

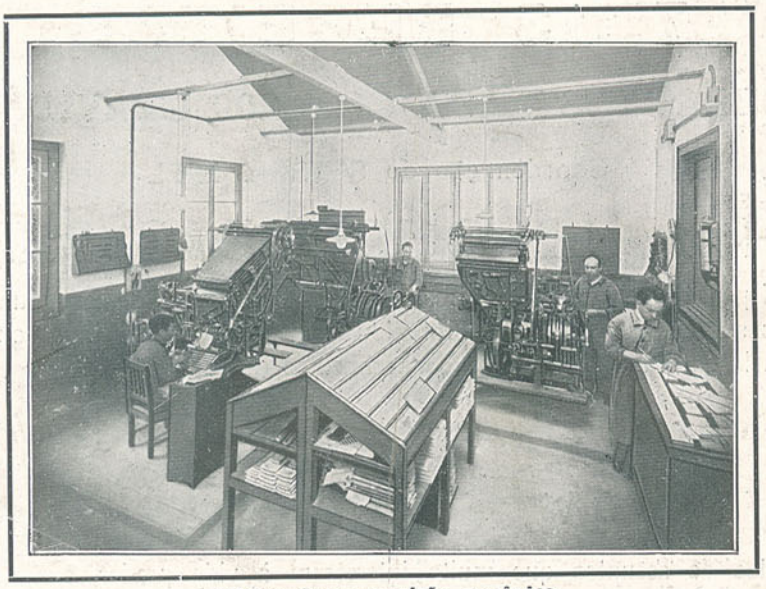
❁

As mais modernas instalações do país e aquelas que maior capacidade de produção possuem

❁

Secção especial de publicações ultra-rápidas

❁



Oficina de composição mecânica

É nestas oficinas que se imprimem os belos trabalhos gráficos de

Ilustração,

❁

Almanaque Bertrand

e

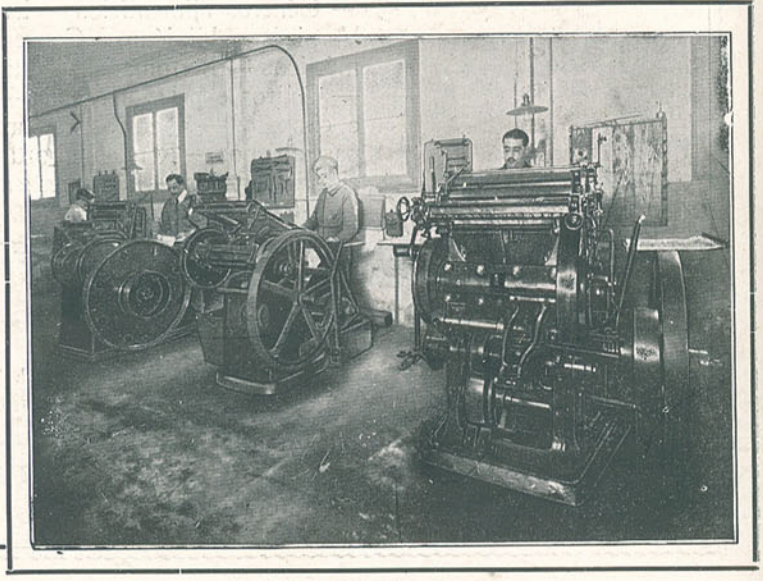
História da Literatura

LIVROS, RELATÓRIOS. ETC.

TRABALHOS COMERCIAIS

INEXCEDÍVEL PERFEIÇÃO

ORÇAMENTOS GRÁTIS



Oficina de impressão